

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ENFERMAGEM**

NORMALENE SENA DE OLIVEIRA

**HISTÓRIAS DE VIDA DE MENINAS COM EXPERIÊNCIA PREGRESSA
NAS RUAS: PERSPECTIVAS DO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL**

Goiânia

2006

NORMALENE SENA DE OLIVEIRA

**HISTÓRIAS DE VIDA DE MENINAS COM EXPERIÊNCIA PREGRESSA
NAS RUAS: PERSPECTIVAS DO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem - Nível Mestrado -
da Faculdade de Enfermagem da Universidade
Federal de Goiás para obtenção do título de
Mestre em Enfermagem. Área de
concentração: Cuidado em Enfermagem.**

Orientador: Profº Dr. Marcelo Medeiros

Goiânia

2006

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(GPT/BC/UFG)

Oliveira, Normalene Sena de.
O48h **Historias de vida de meninas com experiência
pregressa
nas ruas: perspectivas do processo de inclusão
social / Nor-
malene Sena de Oliveira. – Goiânia, 2006.**

189 f. : il., color.

Orientador: Marcelo Medeiros.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de
Goiás, Faculdade de Enfermagem, 2006.

Bibliografia: 173-188.
Inclui anexos.

1. Menores abandonados – Ajustamento social 2.
Ajustamento social – Menores abandonados 3. Enferma-
gem – Saúde pública 4. Assistência a menores I. Mede-
iros, Marcelo II. Universidade Federal de Goiás. Facul-
dade de Enfermagem II. Título.

CDU: 362.74-053.2/.6

FOLHA DE APROVAÇÃO

NORMALENE SENA DE OLIVEIRA

“Histórias de vida de meninas com experiência pregressa nas ruas: perspectivas do processo de inclusão social”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Nível Mestrado - da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás para obtenção do título de Mestre em Enfermagem. Área de concentração: Cuidado em Enfermagem.

Defendida e aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes examinadores:

Prof. Dr^o. (Presidente) Marcelo Medeiros

Instituição: Faculdade de Enfermagem da UFG

Assinatura: _____

Prof^a.Dr^a Sônia Silva Marcon

Instituição: Depto. Enfermagem UEM

Assinatura: _____

Prof^a.Dr^a. Denize Bouttelet Munari

Instituição: Faculdade de Enfermagem UFG

Assinatura: _____

SUPLENTES:

Prof^a. Dr^a Maria das Graças Bonfim de Carvalho

Instituição: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP

Assinatura: _____

Prof^a Dr^a Sheila de Araújo Teles

Instituição: Faculdade de Enfermagem UFG

Assinatura: _____

Dedico este trabalho ao meu pai, minha mãe e meus três irmãos (*in memoriam*) pela presença constante em minha vida e a herança de tudo que sou.

A Deus fonte de inspiração e força

Às minhas irmãs, que com amor e ternura, mesmo através da distância sempre me apoiaram.

À minha segunda mãe pelo amor e dedicação.

Aos meus sobrinhos Adrielle Louise, João Pedro e Gabriela, pelo presente precioso que são.

Aos meus cunhados pelo respeito, admiração e acima de tudo solidariedade.

Cada menino e menina em situação de rua que fazem parte da minha vida e que no cotidiano me ajudam a rever valores, vivenciar a missão do cuidar e viver no concreto a paixão pela vida.

A todos os meninos e meninas que abandonaram as ruas e vivem seus processos de inclusão social.

Aos meninos que se tornaram maiores no contexto de rua e hoje estão na prisão.

A cada criança, adolescente e jovem da “Casa Talitha-Kum”.

A Irmã Dulce “O anjo bom da Bahia” (*In memoriam*) pela dedicação em defesa dos excluídos e abandonados.

À congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz pelo carisma presente na Igreja e no mundo a serviço dos excluídos.

Ao Prof^o Dr^o Marcelo Medeiros, pela amizade, apoio, paciência na orientação e parceria no ser e fazer Enfermagem junto à criança e adolescente em situação de rua. Obrigada por ser amigo, irmão, mestre e educador em todos os momentos. Você é uma pessoa sensível e especial que sempre acreditou no potencial do ser humano.

À Prof^a Denize Bouttelet Munari que com amizade e prática educativa contribuiu para o meu autoconhecimento, fortalecimento da auto-estima e coragem para concretizar os sonhos. Você contribuiu para que muitas das minhas habilidades no cuidado com o ser humano fragilizado fossem redimensionadas. Obrigada pela beleza, coragem e firmeza que irradia.

Ao Pe.Corrado Vitali, amigo especial, companheiro de todas as horas, boas e difíceis, pelo apoio constante, carinho, disponibilidade, prontidão e solidariedade. Cúmplice na defesa da vida com crianças e adolescentes em situação de rua, pelo saber acolher, ouvir e corrigir quando necessário. Obrigada pelo seu amor incondicional.

Às meninas que fizeram parte do estudo, pela confiança, partilha, amor e respeito. Obrigada por me permitir ser parte de suas vidas.

Ao Ramiro Daniel Márcia Ortiz, pela relevância que tem em minha vida e pela opção junto às crianças em situação de rua portadores de HIV do NICASI – México.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) pela bolsa de estudo, sem ela não teria realizado este Mestrado.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem (FEN) da Universidade Federal de Goiás (UFG) que ao longo dos anos tem possibilitado o avanço da pesquisa na área da enfermagem.

A todos os professores da FEN que contribuíram com a construção desta Dissertação de Mestrado desde o seu projeto até a conclusão.

Aos colegas da pós-graduação pelo convívio, aprendizagem e partilha dos sonhos e esperanças.

Aos funcionários da FEN que com carinho e atenção sempre souberam colaborar no que lhes era possível.

A todas as pessoas não citadas que direta ou indiretamente fizeram parte deste trabalho

Aos funcionários administrativos pela colaboração ao facilitar nossa vida acadêmica.

A Nunila Ferreira de Oliveira e Fernando Silva de Oliveira pelas noites em claro e dedicação na elaboração e organização do trabalho.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Saúde Integral (NEPSI) pelo apoio desde a graduação.

A Maria José Campanharo, pela correção gramatical.

RESUMO

Nesta investigação buscamos responder algumas inquietações ao que se refere ao processo de resgate de crianças e adolescentes em situação de rua, em especial meninas que buscaram alternativas para melhor qualidade de vida fora das ruas. Os objetivos foram: analisar o significado de reintegração social; identificar as ações pedagógicas da instituição no processo de reintegração social; conhecer o significado e o impacto da recuperação social para meninas com experiência de vida nas ruas. A metodologia é de natureza qualitativa com base nos princípios da História Oral de Vida. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, observação participante e diário de campo, junto a oito adolescentes entre 16 e 24 anos de idade, que tenham tido experiência pregressa de vida nas ruas, e analisados segundo a proposta da análise de conteúdo – modalidade temática. Os resultados foram organizados e discutidos em três categorias temáticas, 1) a vinda para a rua; 2) a vida na rua; e 3) a vida além da rua. De acordo com as narrativas dos sujeitos o processo de recuperação e re-inserção social ocorreu em decorrência da gravidez. Entretanto, o despertar de novas perspectivas de vida ocorreu devido à presença de pessoas significativas de uma instituição, e as ações pedagógicas ali desenvolvidas que motivam, articulam e potencializam os valores destas pessoas em todo o processo. Portanto, pelas histórias orais de vida foi possível identificarmos a trajetória de vida dos sujeitos, a sua inclusão social no processo de recuperação, e o papel do profissional de enfermagem de saúde pública para o cuidado neste processo.

Palavras-chaves: Crianças de Rua; Ajustamento Social; Enfermagem em Saúde Pública.

ABSTRACT

In this inquiry, we sought for answers to some questions about social adjustment process for children and adolescents in street situation, especially for female adolescents that had found alternatives for a better quality of life out of the streets. The main objective was to analyze the meaning for social adjustment; to identify the institutional pedagogic programs in the social adjustment process; and to analyze the meaning of the social adjustment and the consequences to female adolescents that lived in street situation. The method has qualitative approach by Oral Live History principles. The data was collect by semi – structured interview and participant observation with eight adolescents from 16 to 24 years old, with previous history of life in streets, and analyzed by content analysis – thematic modality background. The results was organized and presented through the following categories: 1) coming to street; 2) living in street; 3) life beyond the street. In accordance with the subjects, the social adjustment process occurred in pregnancy consequence. However, the awakening of new live perspectives occurred due significant persons in a specific sheltering institution and the pedagogical actions there developed that accompany, motivate and articulate the values of these persons in the whole process. Therefore, by the oral history of life it was possible to identify the subject course of life, its social adjustment in the recuperation process and the Public Health Nursing possibilities for caring in this process of social adjustment.

Key words: Homeless Youth; Social Adjustment; Public Health Nursing.

SUMÁRIO

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
INTRODUÇÃO	01
REFERENCIAL TEÓRICO	09
1. ADOLESCÊNCIA EXCLUÍDA E A FAMÍLIA	10
2. A VIDA NA RUA E O PAPEL DO EDUCADOR DE RUA	21
3. AS PERSPECTIVAS PARA ALÉM DA RUA	37
3.1 A SAÍDA DAS RUAS.....	37
3.2 O CUIDADO EM ENFERMAGEM.....	39
PRESSUPOSTOS DO ESTUDO	43
METODOLOGIA	47
1. CAMPO DE ESTUDO	51
• Realidade Social	51
2. TRABALHO DE CAMPO	53
RESULTADOS E DISCUSSÃO	60
1. A “TENDA” NO PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO.....	61
1.1 princípios Pedagógicos da “Tenda”.....	66
2. SUJEITOS DA HISTÓRIA	70
2.1 Ipê Roxo	71
2.2 Ipê Branco	72
2.3 Azaléia do Cerrado	73
2.4 Ipê Amarelo	74
2.5 Ipê Rosa	74
2.6 Garça Branca	75
2.7 Sempre – viva	76
2.8 Ipê Pardo	77
3. AS HISTÓRIAS DE VIDA	78
3.1 A vinda para a rua	78
3.1.1 Ipê Roxo	78
3.1.2 Ipê Branco	81
3.1.3 Azaléia do Cerrado	86
3.1.4 Ipê Amarelo	87
3.1.5 Ipê Rosa	88
3.1.6 Garça Branca	89
3.1.7 Sempre – viva	89
3.1.8 Ipê Pardo	90
3.2 A VIDA NA RUA	92
3.2.1 Ipê Roxo	92
3.2.2 Ipê Branco	95
3.2.3 Azaléia do Cerrado	97
3.2.4 Ipê Amarelo	99
3.2.5 Ipê Rosa	100

3.2.6 Garça Branca	101
3.2.7 Sempre – viva	102
3.2.8 Ipê Pardo	105
3.3 A VIDA ALÉM DAS RUAS	108
3.3.1 Ipê Roxo	108
3.3.2 Ipê Branco	121
3.3.3 Azaléia do Cerrado	130
3.3.4 Ipê Amarelo	136
3.3.5 Ipê Rosa	141
3.3.6 Garça Branca	147
3.3.7 Sempre – viva	151
3.3.8 Ipê Pardo	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173
ANEXOS	189

Desde o período da graduação percorremos o caminho da pesquisa qualitativa inserida no contexto do cuidado humano em saúde integral da criança e do adolescente com história de vida nas ruas. Esse percurso possibilitou esta dissertação de Mestrado, que nos remeteu ao início do nosso percurso onde cativamos e fomos cativados pelas crianças e pelos adolescentes que vivenciam o processo de exclusão.

A causa da criança e do adolescente nos despertou inquietações desde a infância quando nas ruas e praças públicas da cidade de Salvador percebíamos aquelas inúmeras crianças tomarem banho nos chafarizes e pedir aos transeuntes um trocado para um lanche. Frente àquela situação nos perguntávamos: porque aquelas crianças vivem abandonadas? Será que perderam todas as pessoas da sua família? O contato com essa realidade nos fazia pensar que certamente estas crianças poderiam não ter um pai como nós.

Muito embora tivéssemos perdido mãe e três irmãos, tínhamos um pai que nos amava acima de tudo e que desde os três anos de idade cuidava de seus filhos como um presente.

Ao observar aqueles olhares tristes sentíamos-nos em sintonia e, de nós, emergia o desejo de carregar no colo cada menino e menina que se encontrava naquela situação, fazendo-os se sentirem amados como nós nos sentíamos, e lhes contar histórias para dormir, como aquelas que ouvíamos todas as noites contadas por nosso pai e ao fim da tarde, pudesse sentir a expectativa da espera de alguém que ao mesmo tempo era pai, mãe e amigo, como nos tínhamos.

Nunca chegava do trabalho com as mãos vazias, sempre trazia algo para oferecer: um caramelo, uma pipoca, um refrigerante ou um doce de banana, o que mais gostávamos. Mas a vida daqueles meninos e meninas era muito diferente da

nossa. Sentíamos o desejo de que pudessem encontrar um sorriso acolhedor, um olhar sereno, o afago de um abraço e de um espaço que lhes proporcionasse o direito de sonhar, brincar como nos brincávamos e que o encanto pela vida não lhes fosse usurpado.

Com o passar de alguns anos, fomos atuar na militância da Pastoral de Juventude onde tivemos a oportunidade de trabalhar com diversos grupos deste cenário que vivia a experiência de exclusão, entre eles: os hansenianos, a juventude das periferias da cidade de Salvador e assessoria nas cidades do interior da referida capital e pacientes de um Hospital criado, especificamente, para acolher a população de rua que não era aceita em outros sistemas de saúde em Salvador. O referido Hospital teve como fundadora Irmã Dulce “a mãe dos pobres - o anjo bom da Bahia” (PONTES, 1999). A mesma adotava meninos e meninas em situação de rua, que não conseguiam se adaptar nas instituições de recuperação nem às medidas sócio educativas. Costumava rotineiramente andar pela cidade, praças e casas abandonadas para conversar e lhes propor uma ajuda, quando esta não lhe era possível por falta de lugar para acolhê-los, arrombava com ajuda de outras pessoas casas fechadas e abandonadas para que pudesse oferecer uma qualidade de vida melhor para aquelas pessoas.

Os meninos e meninas em situação de rua que ora eram considerados “trombadinhas”, “delinqüentes”, passavam a trabalhar em uma associação de sapateiros e outras oficinas profissionalizantes e mais tarde tornavam-se profissionais daquele hospital, pois a sociedade também não lhes oferecia oportunidade, mesmo sendo recuperados.

A paixão pela juventude marginalizada e excluída, sempre nos acompanhou. Em um dado momento da nossa história, ao chegarmos em Goiânia –

GO, percebemos que embora sendo uma cidade completamente diferente da que viemos, os meninos e meninas em situação de rua estavam ali. Com o tempo passei a considerá-los também como meus “irmãos, amigos e filhos”. Por volta de 1997 começamos a ir para as ruas com pessoas que já desenvolviam um trabalho junto a estes, o que passou a ser nossa rotina diária. As praças e becos já faziam parte do nosso cotidiano. Às vezes saíamos em grupo, outras solitariamente. A rua parecia ter um ímã que nos atraía para ela, era necessário estar com aqueles rostos tristes e abandonados.

Ao entrarmos para o curso de graduação em Enfermagem e termos a oportunidade de desenvolver pesquisa na temática da criança e adolescente em situação de risco junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Saúde Integral, da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, vislumbrávamos novos horizontes. Nossos sonhos se alargavam na perspectiva de conhecer e aprofundar o estudo do fenômeno da criança e do adolescente em situação de rua. Nesse período apresentamos estudos em eventos científicos e dessa forma, fomos nos sentindo cada vez mais comprometidos com esta causa. (OLIVEIRA, 2001, 2003a, 2003b, 2003c, 2004 a, 2004b, 2004c, 2005; OLIVEIRA, MEDEIROS & MESSIAS, 2005; OLIVEIRA, MEDEIROS & MUNARI, 2002a, 2002b; OLIVEIRA & MEDEIROS, 2005a, 2005b, 2005c; OLIVEIRA, OLIVEIRA & MEDEIROS, 2005) e publicamos três artigos (OLIVEIRA, 2005; OLIVEIRA, MEDEIROS & MUNARI, 2004; MEDEIROS, FREITAS & OLIVEIRA, 2004).

Tivemos várias oportunidades para desenvolver trabalhos educativos com diversos grupos nas ruas. Ao fazermos parte dos grupos, já não éramos alguém que os visitava, mas alguém que fazia parte de suas vidas em todo o seu contexto, e neste processo de relação interpessoal, a confiança, os laços, as intervenções de

acordo com a realidade e necessidades de cada pessoa foram crescendo e fortalecendo. Os esgotos, os becos, as praças, os rostos nas ruas já eram reconhecidos à longa distância e a partir desta aproximação, sendo graduanda em enfermagem, nos perguntávamos como intervir de maneira eficaz para a melhoria na qualidade de vida e saúde integral destas crianças e adolescentes em situação de rua? Como cuidar neste contexto?

Outras questões foram sendo apresentadas durante este percurso, ora pela comunidade acadêmica, ora pelas pessoas que conheciam nosso trabalho: O menino, a menina em situação de rua se recupera mesmo? Percebíamos que para muitos era difícil acreditar que uma vida fragmentada com tantos sinais de morte seria capaz de se reerguer dos escombros para o qual a sociedade a jogou e resgatar a própria dignidade. Dignidade que muitas vezes fora defendida nos documentos, mas na vida real lhe fora usurpada.

Com essa experiência acreditamos contribuir com a Enfermagem e com a sociedade, por acompanharmos de maneira sistemática em um período de oito anos estes grupos na rua, na família, nas Instituições de desintoxicação e em outras que chamamos de abrigos temporários e na direção de uma casa Lar onde as meninas vivenciaram e vivenciam a experiência de serem acolhidas, amadas, valorizadas e com novas perspectivas de vida.

Diante dessa vivência e na oportunidade de fazer uma Dissertação de Mestrado, elegemos esse contexto para estudá-lo em profundidade procurando entender o porquê dessas pessoas deixar suas famílias e partirem para o mundo da rua, os fatores que facilitaram, dificultaram o processo de resgate e, se realmente existe uma recuperação destes sujeitos e como ela ocorre.

Acreditamos que seja importante entender o processo de resgate, pós-resgate, dessas crianças e adolescentes suas motivações e desafios para como profissional da saúde e de maneira especial sob a ótica da Enfermagem, possamos contribuir para o aprendizado de cuidar de populações excluídas, pois estamos acostumados com uma clientela que busca o serviço de saúde e não o contrário.

Com o atual PSF temos a experiência do Programa de Saúde da Família (PSF), mas a saúde aqui ainda se restringe às pessoas que têm renda e endereço fixo. Nesse sentido o cuidado é institucionalizado e, para dar conta da população que vive na rua, a mudança de paradigma é necessária para atuarmos junto a estes grupos que os programas de Saúde Pública não contemplam.

As meninas e meninos em situação de rua nos reportam histórias marcadas pelos conflitos familiares, miséria, fome, abandono (MEDEIROS, 1998; OLIVEIRA, MEDEIROS & MUNARI, 2004), violência doméstica (CAMARGO, 1999; BESERRA, 2000; JUNQUEIRA, 2003; VENDRUSCOLO, 2004), e a violência em todos os níveis (SANTANA, 1998; OLIVEIRA, 2000; SOUZA, 2001). Estes são fatores que impelem os mesmos a buscarem novas alternativas de vida nas ruas e a desenvolverem estratégias específicas de relações interpessoais e meios de sobrevivência, de acordo com a realidade deste contexto.

Em nossa experiência com populações excluídas, especificamente com crianças, adolescentes e jovens em situação de rua, fomos percebendo que a relação interpessoal e acolhida eram meios facilitadores ao acesso e intervenção junto ao grupo, por nos tornarmos parte dos mesmos, o que nos proporcionava maior abertura e participação em todas as propostas apresentadas como também as sugeridas pelos grupos.

A partir daí, no confronto com a realidade, devido aos apelos que foram brotando desta relação, surgiu à idéia de uma Casa Lar na qual as meninas grávidas, ou que já possuíam filhos, como também as que não tem filhos, mas viviam em situação de rua pudessem ser atendidas e, ao mesmo tempo nós educadores pudéssemos dar uma resposta concreta à ausência de uma Casa lar em Goiânia que atendesse a este grupo feminino com a possibilidade de oferecer também espaço para seus filhos. Sendo assim, mães e filhos participariam do processo de inclusão social por meio da educação formal, informal, profissionalizante e da própria casa, sendo esta um referencial para os grupos de meninas em situação de rua e seus filhos, sem outros vínculos familiares.

Esta Casa Lar por sua vez não esgota sua ação-missão quando os jovens completam a maioridade, nem tampouco deseja substituir a família de origem, mas em decorrência do vínculo estabelecido na vida dos grupos, acaba por ser o suporte familiar mesmo após estarem em suas próprias casas e terem constituído suas famílias.

Embora neste período tenhamos trabalhado com os meninos e meninas, elegemos para este estudo apenas as meninas, pois apenas elas com seus filhos ou não, residem na casa lar; onde atuamos mais concretamente nas intervenções de direção, e onde elas fizeram o caminho de re-inserção social. Entendemos por re-inserção ações realizadas objetivando a inclusão da pessoa na sociedade através da potencialização dos seus valores e aprendizagem do papel de mãe, o autocuidado e cuidado aos filhos.

Na Casa Lar, as meninas iniciaram os primeiros cuidados a seus filhos, saindo da Instituição apenas quando conquistaram trabalho e casa própria, porém

preservamos, os laços afetivos através dos quais somos considerados como a própria família.

Ante o exposto trazemos enquanto questões de investigação: Quais são os fatores que contribuem para a “recuperação” das meninas? Quais são as influências de uma Instituição abrigo para a reestruturação da vida dessas meninas com experiência pregressa nas ruas?

A partir dessas questões e reflexões consideramos relevante esta investigação com o olhar do cuidado de Enfermagem no processo de resgate, recuperação e re-inserção da criança e do adolescente em situação de rua e, mais precisamente, das meninas nesta situação. Uma vez que constatamos a ausência da Enfermagem como cuidadora no cotidiano destes grupos, e tendo em vista que atuamos com essas pessoas diariamente desde 1997 no itinerário a vinda para a rua, à vida na rua e a vida além das ruas. Estabelecemos como objetivos desta investigação:

- ✓ Analisar o significado de reintegração social;
- ✓ Identificar as ações pedagógicas da instituição no processo de reintegração social;
- ✓ Conhecer o significado e o impacto da recuperação social para meninas com experiência de vida nas ruas.

Ao considerarmos a complexidade que é a abordagem da temática da criança e adolescente, construímos o referencial teórico deste estudo com base na dimensão da exclusão social, em consonância com a literatura que contempla o contexto da família excluída, da rua e além da rua.

A apresentação desse referencial em tópicos foi uma opção para torná-lo didaticamente mais compreensível à realidade dos sujeitos em estudo. Dessa forma, neste capítulo apresentaremos, por meio de duas categorias mais abrangentes, alguns aspectos sobre a adolescência excluída e a família destes adolescentes, bem como sobre o papel do educador de rua no processo de vida nas ruas tendo, como fonte, publicações clássicas sobre o assunto e textos recentes obtidos por meio de levantamento bibliográfico.

1. ADOLESCÊNCIA EXCLUÍDA E A FAMÍLIA

A adolescência é uma fase de transição marcada pelas transformações biofísicas e psico-emocionais que ocorrem num contexto pessoal, familiar e social (OSÓRIO, 1992; ESCOREL, 1999; MANDÚ, CORRÊIA & VIEIRA 2000; SAITO & SILVA, 2001), isto é, um período marcado pelas transformações orgânicas em decorrência do crescimento e desenvolvimento que lhes são peculiares.

Sendo assim é um período onde a pessoa necessita de acompanhamento, suporte familiar e social que possibilitem a compreensão dessas transformações. Segundo Ferreira (1989) existem dois conceitos sobre a adolescência. O primeiro refere-se ao período da puberdade e virilidade dos 14 aos 25 anos e, o segundo, se apresenta como período da terceira infância até a idade

adulta. Esta fase é marcada por conflitos, busca de auto-afirmação, absorção dos valores sociais e integração com o meio.

No estudo de revisão da literatura de Câmara & Cruz (1999), o conceito de adolescência é apresentado a partir da visão de autores como: Myra & Lopes, Freud, Rouanet, Deutsch, Benedek, Jacobson, e Winnicott, com abordagem psicanalítica tendo como referencial inspirador o texto de Rouanet (1992), que se baseia na alta frequência do quadro clínico de adolescência prolongada em consultório.

Câmara & Cruz (1999) desenvolvem o significado de adolescência a partir da adolescência expandida e adolescência prolongada. Segundo as pesquisas bibliográficas que ambos realizaram nota-se na prática a difícil tarefa em determinar o início e fim da Adolescência, sugerindo então que cada caso seja analisado cuidadosamente.

Quanto às características dos adolescentes, estas lhes são peculiares, o que requer da família, sociedade e instituições específicas, atenção e preparo para que não venham a exigir destes grupos atitudes e respostas que não sejam compatíveis para a idade e maturidade psicológica que possuem (CÂMARA & CRUZ, 1999). Alguns destes comportamentos podem ser manifestados tanto no individual como grupal. Individualmente vamos perceber comportamentos ambíguos, inquietação, dificuldade para se concentrar, contrações musculares involuntárias, rejeição às regras estabelecidas sem sua participação, queda para os ritos, afinidade para fazer coleções, crenças a respeito de sexo, etc.

No que diz respeito ao comportamento grupal podemos destacar os conflitos de gerações, linguagem própria (gírias e outros, de acordo com a cultura e ambiente), limites para a higiene e saúde, lealdade aos grupos e pares, segurança nos grupos, sexo oposto como troféu, não consideram as relações interpessoais

como um valor, evitam ajuda dos adultos, dificuldade na comunicação verbal com grupos de faixas etárias diferentes, atração pelo perigo, etc. (OSÓRIO, 1992).

Desse contexto emerge a exigência de um lar que proporcione para estas pessoas relações seguras, capazes de motivar para o compromisso, para formação de valores onde aprenderão a assumir as conseqüências das próprias escolhas a partir de reflexões críticas de acordo com a idade psicológica, potencializando assim os jovens a assumirem o seu espaço social.

Na realidade este é um desafio, pois estes adolescentes experimentam em seu cotidiano o medo, a insegurança e muitas vezes a fantasia inconsciente da possibilidade de crescer, o que estaria ligada à possibilidade do extermínio dos seus genitores, o que tornam, conseqüentemente, mais susceptíveis, ao uso abusivo de drogas, como também a própria dificuldade em lidar com os limites, conflitos e regras (CÂMARA & CRUZ, 1999).

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 2004) criança é a pessoa até doze anos de idade incompletos, adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. O ECA por sua vez preconiza proteção integral a todas as pessoas nesta faixa etária, conforme verificamos no artº 4º.

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária”.

Embora tenhamos uma lei que assegure estes direitos, ainda hoje observamos inúmeras crianças em nosso Brasil sem as mínimas condições de sobrevivência, que carregam em suas histórias as marcas da fome, da miséria, indigência dos seus genitores e descaso das autoridades públicas e de toda a sociedade.

Para falarmos da infância brasileira, é necessário termos claro a respeito de qual infância queremos tratar e o contexto em que estão inseridos, para que possamos entender na sua essência o processo percorrido pelos mesmos. Ao fazermos uma busca pela memória histórica desta infância desvalida nos damos conta que esta, desde o Brasil Colônia até o fim do século XIX apresenta marcas de sangue, suor, sofrimento e estão esquecidas no anonimato. Tiveram suas vidas ceifadas, violentadas de diversas formas, abandonadas, vendidas como escravos, adestradas como animais, discriminadas pela cor da pele, pela condição social e sem nenhuma proteção legal até então (DEL PRIORI, 1991; BORGES & COSTA, 2000).

Só a partir da primeira República vamos encontrar o conceito de menoridade, o que vem fortalecer as relações entre Estado e Sociedade para promover a disciplina ao menor. Com o intuito de superar os limites do Serviço de Assistência a estas pessoas, foi criado pelo governo do período militar, a FUNABEM e FEBEM. Estas assumem o papel do Estado-preceptor com autonomia para atuar na prevenção e reinserção social, o que não ocorreu, como ainda constatamos em algumas capitais brasileiras em decorrência da estrutura política adotada junto a estes grupos, como afirmam Drexel & Iannone (1991 p.67):

“(...) a internação dos infratores nos órgãos mantidos pelo Estado (FUNABEM e FEBEM), onde menores que cometeram delitos convivem com menores responsáveis por crimes mais graves, tem-se mostrado eficiente apenas num aspecto: o de reforçar a permanência na infração e aperfeiçoar seus métodos. Ou seja, quem é internado no início da escalada, sai com o repertório completo”.

Percebemos então a dinâmica do descaso e a violação dos direitos humanos, o que desencadeou entre 1960 e 1970 algumas manifestações com propostas de reformular o código em vigor, respaldado pela Declaração Universal

dos Direitos da Criança, mas que não obteve muito sucesso perdurando tal situação na ditadura militar, que reforçou o avanço das desigualdades sociais, o estrangulamento da democracia, baixa expectativa de vida, evasão escolar, menor no mercado de trabalho e um considerável aumento de crianças em situação de rua (SANTOS & KOLLER, 2002).

Até a década de 80, a idéia de menoridade é estreitamente ligada à exclusão, marginalização e violação da dignidade humana, como relatam Borges & Costa (2000 p.34):

“As políticas públicas para o surgimento infanto-juvenil, até a década de 80, se ampararam no paradigma da ‘menoridade’ e tinham a marca da violência. A idéia de menoridade alimenta a tese de incapacidade e de limitação destes sujeitos, que vivem a exclusão social, sendo considerados a própria desarmonia social”.

Na década de 80, frente a este panorama temos alguns eventos significativos: a queda da ditadura em decorrência da abertura política, da crise econômica e da explosão dos movimentos sociais, que faz emergir o movimento dos direitos da criança e do adolescente embasado na Teologia da Libertação e a educação popular defendida por Paulo Freire (GRACIANI, 1999).

A década de 90 aponta grandes transformações econômicas, acelerada pela globalização, onde a economia industrial é substituída pela economia de serviços, o trabalho informal cresce decorrente do crescimento do desemprego, ocorre um aumento na expectativa de vida e a sociedade por sua vez exige ações de proteção social. Temos então, a partir daí, a aprovação do estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, o que vem alterar nossos valores e visão a respeito dessas pessoas. Antes o que existia era uma preocupação em “corrigir e punir”, a partir do ECA, a meta é a “prevenção e proteção”, assegurando os direitos humanos frente a

sociedade, a família e comunidade, com a consciência de que estes são vítimas do sistema que excluí (BESERRA, 2000).

Ao celebramos o 15º aniversário da Lei 8.069, aprovada em 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, consideramos o momento propício para que toda a sociedade em parceria com as entidades que atuam com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social reflita sobre os avanços e desafios do ECA, para que possamos ampliar os horizontes na prática do respeito a esta população como cidadãos sujeitos de direitos e deveres, e ,sobretudo, conferir prioridade na elaboração de políticas públicas. “A política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente far-se-á através de um conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais, da União dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios” (BRASIL, 2004).

Estes avanços, que adequados à convenção dos Direitos da criança das Organizações das Nações Unidas (ONU), apresentam princípios que ampliam e ao mesmo tempo dividem a responsabilidade da família, do Estado e da sociedade na missão de proteger de maneira integral a criança e o adolescente, como também estabelecem um sistema participativo de formulação, controle e fiscalização das políticas públicas entre o estado e a sociedade civil, mas que ainda necessita de profundas reflexões sobre a prática efetiva do que está escrito, para que possamos potencializar os recursos, fortalecer as parcerias e romper com o ciclo da fragmentação que às vezes ocorre nos setores impedindo que se concretize as políticas para a criança e adolescente na base. Câmara (2003, p.21), afirma que:

“(…) Nenhuma política de atenção a crianças e adolescentes será capaz de garantir o cumprimento dos direitos humanos desses indivíduos, se não se priorizar as políticas básicas de garantia de emprego, educação, saúde e condições adequada de habitação”.

Neste processo histórico vamos perceber uma superação do modelo “Menorista”, termo utilizado para explicar a situação irregular que feria a defesa da dignidade humana dos menores, ou seja, uma doutrina da situação irregular da criança e do adolescente como sujeitos de direito. A preocupação é mesclada pela esperança e desesperança, porque ainda nos confrontamos com obstáculos para a efetiva implementação da Lei, especialmente, no que diz respeito à defesa dos direitos da Infância e Juventude junto aos gestores públicos.

Ainda temos no presente a imposição e execução de medidas no modelo do Menorismo, com fisionomia de agência prisional, como temos ainda a FEBEM de São Paulo e outros estados que ainda insistem na internação de adolescentes em unidades que apostam e persistem numa política segregacionista com violações de direitos, institucionalizadas que está presente também em alguns abrigos e em unidades de privação de liberdade. A forma de organização da política de atendimento evidencia a necessidade de descentralização político - administrativa em sintonia com a repartição de competências e o exercício do controle social (RIZZINI & RIZZINI, 2004).

A partir deste referencial podemos compreender os avanços e retrocessos desta história, onde milhões de crianças são excluídas da escola pela sua condição econômica, social e cultural. Dados apresentados pela UNICEF sobre a situação mundial da infância em 2004, nos dizem que “cerca de 121 milhões de crianças ainda estão fora da escola e a sua maioria são meninas” (BELLAMY, 2004, p.1).

O trabalho infantil é outra realidade que nos chama a atenção. Crianças e adolescentes buscam formas de sobreviver e contribuir no orçamento familiar, enquanto milhões e milhões de reais são desviados dos cofres públicos e anunciados pela mídia como se fossem valores irrisórios, gorjetas, centavos, em

contrapartida, inúmeras pessoas morrem de fome e tentam sobreviver. Infelizmente a miséria de milhões de pessoas tornou-se comum, pois ainda somos indiferentes ao sofrimento humano. O que não deixa de ser um tipo de violência institucionalizada, onde as desigualdades são reproduzidas na vida de um "contingente populacional indefeso" (MARTINS, 1993, p.93).

Ao constatarmos a realidade de que crianças precisam vender sua força de trabalho, abdicando da infância e dos direitos que lhe são assegurados para seu crescimento e desenvolvimento, verificamos que esta é decorrência, em parte da desigualdade social marcada pelo modelo político, econômico e social assumido em detrimento de muitos, como também o egoísmo pessoal e social.

Graciani (1999) ao tratar dessa questão destaca que "o trabalho infanto-juvenil está inserido nas relações de produção como um fator necessário para garantir o seu funcionamento" (p.25). Este por sua vez reproduz um sistema capitalista com suas contradições e, ao mesmo tempo, torna visíveis as desigualdades sociais e a prática do trabalho escravo do passado que ainda está em vigor no universo das diversas populações que sobrevivem à margem como também na vida de crianças e adolescentes.

No entanto o estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, no artº 60, define que "É proibido qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz".O que contradiz toda a Lei. Situação que torna esta população vulnerável às diversas situações de risco e aqui entendemos como risco, a exposição à violência, drogas e as diversas formas de privação "econômica, social, afetiva e cultural que comprometem o crescimento e desenvolvimento do indivíduo" (LESCHER, 2004, p.11).

No que se refere à família dessas crianças e adolescentes verificamos que também estamos diante de um modelo diferente daquele que fomos condicionados a aceitar

como ideal, com a figura materna e paterna provendo cuidado e sustento. A relação familiar passou e vem passando por sérias mudanças, onde a figura feminina tem se destacado como referência familiar, uma vez que em meio aos conflitos o primeiro a abandonar o lar é o homem, deixando toda responsabilidade para a mulher, que assume o papel de chefe, ocorrendo assim mudanças significativas nas “relações de autoridade, em que a mãe é a autoridade da casa e a esta cabe a missão de responder pela subsistência da família e formação integral dos filhos (PERES, 2001, p.218)”.

As famílias das crianças e adolescentes às quais nos referimos vivenciam no seu cotidiano a experiência de extrema miséria e desestrutura bio-psico-emocional, o que geram muitos conflitos nas relações e, estes, por sua vez, desencadeiam uma série de comportamentos que vitimizam as crianças e os adolescentes que fazem parte deste contexto, entre eles, a violência familiar (KOLLER, 2000b; PASCOLAT, 1999, PENNA, 2004).

Segundo Camargo (1999), a família é um núcleo básico de formação, onde tudo acontece, isto é, a criança consolida seus laços de parentesco com as pessoas de seu convívio sejam consangüíneos ou não, construindo a partir destes elementos o seu referencial de vida. Porém ali também pode se configurar um espaço para a construção da violência:

“O lar tem sido identificado como local privilegiado para a expressão da violência contra crianças, à medida que nele se estabelece o confronto subjetivo e cotidiano da disciplina, dominação e resistência, tornando-se lugar profícuo para as manifestações de violências físicas, sexuais, psicológicas e da negligência”. (Camargo, 1999, p. 18).

A violência em nossa sociedade ocorre nas suas diversas formas nas variadas classes sociais, mas não podemos negar sua maior incidência nas populações empobrecidas, devido às condições de vida a que estas são expostas. Ao refletir sobre a questão de que a violência permeia todas as classes sociais estando diretamente relacionada com a posição de poder do adulto frente à criança, Camargo (1999, p.19) cita o Ministério da Saúde apresentando a seguinte configuração sobre a violência familiar:

“a- **Violência física:** Corresponde ao uso da força física no relacionamento com a criança ou adolescente por parte de seus pais, ou por quem exerce autoridade no âmbito familiar. Esta relação de força baseia-se no poder disciplinar do adulto e na desigualdade adulto-criança ... b- **Violência sexual:** Todo ato ou jogo, relação hetero ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente ou utiliza-los para obter estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa...c- **Violência psicológica:** evidencia-se como a interferência negativa do adulto sobre a criança e sua competência social, conformando um padrão de comportamento destrutivo. Costuma se apresentar associada a outros tipos de violência”.

Ao continuar estas reflexões, Camargo (1999, p.19) relata que o Ministério da Saúde considera também a negligência como uma forma de violência familiar, pelo fato desta, muitas vezes, se omitir em prover as necessidades físicas e emocionais da criança ou adolescentes, e “estas são consideradas abusivas quando não provêm da carência de recursos sócio-econômicos”.

Com a presença de todos estes conflitos a família não deixa de ser a referência para estas crianças e adolescentes e quando não as têm, existe um vazio profundo, uma sensação de inexistência, que é diferente quando temos a consciência que sofreremos pela ausência da família, mas ela está ali em algum lugar, à espera de algo que ajude a mudar, a superar estes conflitos. Neste sentido acreditamos no que nos fala Camargo (1999, p.21):

“Apesar dos conflitos, a família traz em seu bojo, um papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência. Muitas vezes, por motivos diversos, a família não cumpre o seu papel na sociabilidade e afetividade da criança e do adolescente, deixando-lhes marcas irremediáveis que repercutirão até a idade adulta”.

Ao refletirmos sobre esta realidade da infância brasileira no contexto familiar, percebemos que existem várias faces da violência e que esta não ocorre isolada do universo pessoal e social, existe por trás uma carga histórica que deve ser considerada e uma transitoriedade dos fatos que ainda hoje carregamos, fruto de um passado histórico, conforme expõe Santana (1998, p.129).

“Os filhos do Brasil foram gerados na violência, alimentados na malquerença, paridos no desespero e usados como combustível nos engenhos. Somos filhos da violência e do estupro. O Brasil é o resultado da prodigiosa multiplicação de uns poucos europeus brancos e de uns contatos africanos sobre milhões de corpos de mulheres indígenas seqüestradas e violentadas. Os filhos do Brasil não são o fruto mimoso de uma noite histórica de amor”.

Entendemos, portanto, que uma vez com a história de vida alicerçada neste contexto de promiscuidade, envolvidos com diversos tipos de drogas e comportamentos vulneráveis, as possibilidades para o resgate de crianças e adolescentes, vítimas dessa realidade vai exigir esforço do sujeito como também de quem estiver possibilitando este processo, mas não é impossível mediante um ambiente saudável, na medida do possível, com um suporte técnico multidisciplinar que possibilite o emergir de uma auto-estima positiva.

2. O PROCESSO DE VIDA NA RUA E O PAPEL DO EDUCADOR DE RUA

A rua é espaço de convivência e moradia para significativa parcela da população do nosso país. Neste momento tratamos, especificamente, de crianças e adolescentes que vivem neste espaço, em busca de vida, liberdade, dignidade, a “rua casa” de milhões de crianças brasileiras, que sobrevivem nestes espaços. Estas pessoas conhecem na pele o frio, desprezo, sol, chuva, indiferença, mas também o olhar acolhedor, o afago de uma mão que se estende, os braços que se abrem em forma de abraço, a pobreza que sabe repartir o quase nada que se torna tudo entre os que vivem estas experiências. Estes aspectos foram também descritos por Graciani (1999 p.110):

“Hoje, a criança, o adolescente e o jovem de e na rua representam, ante o todo, uma das categorias mais graves quanto ao grau de pobreza, de miséria, de fome, nudez, insalubridade, abandono, desproteção política, ignorância e muitas outras circunstâncias que o caracterizam com um protótipo de agressão social, marcado pelo sofrimento, pela privação e pela expropriação de direitos. É todo um complexo de violência destrutiva em que os menores transcorrem sua existência, em uma luta titânica pela sobrevivência e subsistência no espaço urbano das cidades”.

Esta infância carrega o estigma da miséria cravado no próprio ser, mas as crueldades sociais e pessoais não foram capazes de matar todos os sonhos, claro que há aqueles que no processo histórico foram sucumbidos, mas ainda resta muita gente deste cenário com sonhos e uma ousadia que desafia o poder e qualquer comodismo. É esta infância sem nome, sem identidade, que hoje grita com o seu jeito de ser que precisamos devolver o que lhe fora roubado, embora garantido por lei.

Estas crianças cresceram acreditando ser pivetes, trombadinhas, “malas” ou delinquentes. Pela sua aparência são identificados à distância. Destacam-se no cenário das avenidas, praças, semáforos, entradas de restaurantes, pontos de ônibus, estão quase sempre de mãos estendidas a pedir ou “surrupiar” o que lhe fora negado, pois assim como nós, também precisam viver, sobreviver, comer, vestir e, quem sabe, usar um calçado nos pés.

A dor que carregam é tamanha que às vezes é preciso um entorpecente, um “bagulho”, para suportar as faltas e dores. Para quem é socialmente banido dizemos que é usuário de droga, viciado, quem tem melhores condições de vida e usa as mesmas substâncias afirmamos que são traumatizados. Podemos dizer que se trata da expressão do preconceito que muitas vezes carregam como nos diz Graciani (1999, p. 110):

“(…) essa grupalização de crianças e adolescentes experimenta nas ruas o repúdio social que o confina em estereótipos e estigmas que identificam sua pobreza com o vício e acumulam sobre sua pessoa toda a classe de imagens pejorativas de incapacidade e maldade, culpando-os por sua própria sorte”.

Rossato (2003a), ao trabalhar com a classificação da criança e do adolescente em situação de rua, traz sua experiência e convivência com esses grupos e ao mesmo tempo faz uma arqueologia do conceito de crianças e adolescentes em situação de rua. Sua análise nos ajuda a refletir sobre várias questões a partir deste cenário, levando em consideração o contexto em que estas definições emergiram e a que a expectativa social respondia.

Os conceitos de Rossato (2003a) nos ajudam a despir dos estigmas embutidos em nossos comportamentos em relação à infância abandonada, a sairmos dos “achismos”, dos estereótipos que a mídia e todo contexto em que vivemos nos impregnou. É necessário conhecermos a realidade a partir do olhar, sentir e calçar da própria criança e adolescente.

O autor relata que na Europa surgiram várias expressões como: “jovens sem teto”, “infância marginalizada”, e na América Latina: “menores de rua”, “niños callejeros”, “meninos em situação de rua”, “meninos na rua”, “meninos de rua”, (ROSSATO, 2003a,p.23).

Embora o conceito “menino de rua” tenha se consolidado no Brasil nos anos 70, ele esteve à parte do entorno político institucional dentro do qual surgiu e que este se formou articulando um sistema representacional integrado que conjuga dois conceitos: criança e rua. Onde “o conceito de criança foi demarcado dentro da moderna representação social de que a infância é uma fase de inocência e desenvolvimento (físico, psíquico, intelectual e espiritual)”(ROSSATO, 2003a,p.27).

Sendo assim, o sistema representacional integrando criança-rua vem responder ao auge do processo de modernização social, tendo como base o modelo liberal de individualização ou privatização do espaço social que separou o espaço público do privado, onde o sujeito torna-se cidadão e o estado Pai-Protetor (ROSSATO, 2003a). Sendo assim o autor explica a partir de quais contextos surgiram os tipos de conceitos, e que no modo extensivo houve uma crítica social que gerou um alarme em toda a sociedade.

Neste tipo de conceitualização extensiva utilizam o termo como uma categoria política de análise crítica social aplicada à questão da infância pobre e abandonada, que se fizeram mais presentes até os finais da década de 1980. Elas são as que identificam as crianças e adolescentes em situação de rua com a infância pobre ou com os setores populares com muito/ pouco/ nenhum vínculo familiar, que trabalha/ mendiga/ rouba, que é viciado/ semi viciado ou não, que raramente/ às vezes/ pouco/ muito/ sempre dorme na rua, ou em outros lugares, sejam públicos ou privados, não destinados a este fim, ou que pernoitam em abrigos públicos ou privados temporariamente.

Ao citar a UNICEF, Rossato (2003a, p.56-57) afirma:

“A UNICEF também adotou um conceito amplo ou extensivo, cuja elaboração oficial de 1985, estabelecia que [menin@s](#) de rua tratava-se: “(...) todo e qualquer menina ou menino para quem a rua (no sentido mais amplo da palavra, incluindo casas desabitadas, terrenos baldios, etc.) tornou-se moradia habitual e/ ou fonte de sobrevivência; e que não tem a proteção, supervisão ou orientação adequada de um adulto responsável”.

Ante estes aspectos Rossato (2003a, p.57), relata que a década de 1980 foi marcada por sérios problemas sociais, especificamente relacionada à existência de “100 milhões de crianças e adolescentes em situação de rua em todo o mundo, dos quais 40 milhões encontravam-se na América Latina e 7 milhões destes no Brasil, entre os quais 30% eram do sexo feminino”. Realidade esta apontada pela própria UNICEF, diz o autor.

Isso desencadeou na opinião pública uma posição exigindo uma postura mais efetiva das políticas públicas e institucionais, frente à infância abandonada, como também o aumento das denúncias no que se refere a assassinatos, violações físicas e sexuais.

Esse movimento fez surgir uma nova caracterização das crianças e adolescentes em situação de rua que foi considerado positivo e visto como uma necessária evolução dentro de um processo de amadurecimento teórico, capaz de identificar os verdadeiros “meninos de rua”. No Brasil provocou um profundo debate e ao mesmo tempo divergências entre grupos diferentes que se atacavam mutuamente. Foi citado como exemplo pelo autor o período do governo de Fernando Collor de Mello (1990/1992). Acusavam as organizações sociais “esquerdistas” de manipular de modo excessivo e “mentirosamente” as cifras, a fim de obter apoio social mediante o pânico. Com esta crise, segundo o autor, o objetivo era restringir e não incluir no conceito de meninos de rua, a todos os meninos, meninas e adolescentes dos setores populares que fazem da rua seu maior espaço de sobrevivência, Rossato (2003a, p. 60).

“As definições restritivas passam então a incluir somente aquelas que perderam de todo ou quase totalmente, o contato com sua família ou com qualquer outro adulto que se encarregue ou se responsabilize deles, ou que viva na rua de atividades ilícitas, como uma fase no processo de constituição da vida nas ruas”.

O autor ainda ressalta que “a partir desta definição restritiva da UNICEF houve uma subdivisão” meninos de rua “, em” meninos na rua “. Aqui o conceito apresenta-se segundo Rossato (2003a), de forma depreciativa, por ser remetida aos perigos de viver na rua e os perigos de sobreviver através de atividades ilícitas”.

Rossato (2003a) ao citar Lusk (1992) afirma que através de um estudo de 103 casos, no Rio de Janeiro, identificaram 4 grupos diferentes de meninos de rua:

- 1- “Meninos trabalhadores nas ruas com base familiar”- são os que trabalham na rua mantendo ao mesmo tempo, vínculo com sua família de origem, correspondente à 21,4% do grupo estudado;
- 2- “Trabalhadores (meninos) nas ruas de modo independente, são os que apresentam laços familiares que começam a romper-se, e que se metem mais a fundo nos “valores e cultura da rua”. Correspondem 50,5% do grupo;
- 3- “Meninos de rua que não têm mais contato com sua família, que residem permanentemente nas ruas, com tendência forte a atividades ilegais e ao uso de drogas. A maioria já foi preso ou detido nas instituições de atendimento. Representam 14,6%”.
- 4- “Meninos com famílias na rua”, vivem ou passam o dia na rua junto com suas famílias. Correspondem 13,6%.

Rossato (2003a) afirma ainda que existe a expressão “criança em situação de rua” derivada do conceito criança em situação de risco. Termo que vem sendo usado com frequência por estudiosos e pesquisadores da área. Este é um termo emprestado da epidemiologia e psiquiatria quando trabalhava as definições do conceito família de risco e hoje aplicado à área da infância pobre e abandonada em função da tendência neoliberal.

Neste estudo adotamos o termo criança em situação de rua, porque acreditamos que este retrata uma realidade transitória, que pode ser mudada, transformada, indicando um processo.

Percebemos a relevância das contribuições dadas pelos diversos autores que trabalharam e trabalham com a caracterização da Criança e adolescente em situação de rua, o que proporciona no campo da pesquisa e nas intervenções junto a estes grupos uma visão mais ampla da realidade pessoal e social a que se encontram inseridos. (ALVES, 1998; APTEKAR, 1996; COSGROVE, 1990; CRAIDY, 1999; EARLS & CARLSON, 1999; FORTER, BARROS, TANNHAUSER & TANNHAUSER, 1992; HUTZ & KOLLER, 1999; HUTZ & KOLLER, 1996; LUSK, 1989, 1992; MACIEL BRITO & CAMINO, 1997; MARTINS, 1996a, 1996b; MENEZES & BRASIL, 1998; MEDEIROS, 1998; NEIVA-SILVA, 2003; RAFFAELI, 1996; ROSEMBERG 1996; SILVA & COLS, 1998; SMOLLAR, 1999; LAPIERRE, 1987; SANTOS E KOLLER, 2002).

Koller & Hutz (1996), sugerem também o termo “Criança em situação de rua” uma vez que esta expressão abarca o universo rua e as especificidades de cada pessoa deste contexto.

A partir desta complexidade, consideramos neste âmbito a percepção do vínculo familiar, local, aparência deste grupo, atividades desenvolvidas por eles e as relações interpessoais deste contexto, para podermos caracterizar a população de estudo, uma vez que acompanhamos o universo: família, rua, abrigos temporários, Casa lar e constituição da nova família deste grupo.

Nosso olhar é ligado diretamente às crianças e adolescentes em situação de rua sem vínculo familiar, que têm a rua como lar, que atuam em atividades ilegais e usam drogas lícitas e ilícitas. Em sua maioria já passaram por medidas sócio-educativas em centros de reclusão.

Como educadora social de rua, técnica e enfermeira que embora tenha vindo para o mundo da rua e se fixado nele por um período, constatamos através do acompanhamento sistemático junto a esta população a existência de algum laço com algum parentesco, mesmo que distante, e que nos momentos de maior perigo nesta realidade existe uma predisposição e tentativa para re/aproximação, embora frustradas muitas vezes, pois em várias situações a família também encontra-se comprometida legalmente e em condições mais agravante do que a própria criança e adolescente, que está na rua.

Encontramos neste contexto algumas situações em que crianças e adolescentes, em um dado momento do seu processo na rua, usam drogas ilícitas, que desencadeiam no organismo determinados sintomas que colocam em risco a vida desses indivíduos e ao perceber estas reações como: hemorragias, tremores, sudorese e anorexias motivam a abandonar a droga ou dar um tempo.

Essa característica, comum para crianças e adolescentes em situação de rua exige do educador discernimento e conhecimento da realidade deste universo.

Neste contexto a rua se transforma criativamente num cenário de inúmeras atividades lícitas e ilícitas desenvolvidas por esta população. Podemos considerar como lícitas aquelas como pedir esmola, vigiar carros, limpar pára-brisas, ajudar a empacotar compras e ajudar carregar em supermercados, engraxar sapatos e outros. Todas estas atividades são consideradas como trabalho.

A esse respeito Rosemberg (1996) e Neiva-Silva (2003), afirmam que: “As principais atividades habitualmente compatíveis com a população aqui descrita, pedir esmola, perambular, brincar, dormir e trabalhar”, são consideradas como lícitas.

Podemos classificar como ilícitas os pequenos furtos, uso de substâncias químicas, tráfico de drogas, homicídios, estelionatos, estupros e outros. Todas estas

atividades ocorrem em uma circularidade que gera ou é gerada pela violência, onde estes sujeitos ao mesmo tempo são vítimas e atores. Esta violência é praticada no seu cotidiano também por pessoas e instituições que são responsáveis por garantir o direito e a cidadania, como nos afirma Graciani (1999, p.142):

“A ação da polícia, da justiça, das instituições fechadas, como a Febem, os orfanatos e os internatos, apenas lhes devolve essa certeza, sedimentada, de guerra de todos contra todos nos espaços da cidade e do campo. Esse estado anômico social se constata quando os indivíduos não encontram nenhuma forma adequada para satisfazer suas necessidades básicas de existência, como é o caso dos meninos (as) de e na rua. Isso provoca, de certa forma, a violência como compensação ou como um meio de alcançar e satisfazer uma ou várias coisas desejadas”.

Outra característica de vida na rua é de espaço para sorrir, brincar, sonhar. Percebemos no seu cotidiano a arte de brincar... Embora fragilizados pela história de vida, o lúdico tem o seu espaço na vida desta população como nos descreve Neiva-Silva (2003, p. 28):

“Como toda e qualquer criança, aquela que vive no ambiente da rua também valoriza fortemente as atividades de caráter lúdico, independente do contexto, o ato de brincar é de grande importância para o desenvolvimento infantil, uma vez que, dentre outras funções, estimula a capacidade simbólica, propicia a interação entre pares, valoriza o reconhecimento de normas e regras e fornece subsídios para o desenvolvimento da identidade de gênero. Através de brincadeiras e jogos, a criança elabora sua relação com o mundo, dividindo espaços e experiências com outras pessoas”.

O estudo de Oliveira, Medeiros & Munari (2004) mostrou que a abordagem de crianças e adolescentes em situação de rua por meio da arte possibilitou a identificação de conflitos, mágoas e potencialidades, sendo um facilitador nas intervenções junto a estes grupos para potencializar a auto-estima.

A experiência citada aponta a importância da relação interpessoal do profissional, do educador com o grupo, pois uma vez estabelecido o vínculo ele também faz parte do grupo, e esta relação é marcada pelo respeito, ajuda, acolhimento e proteção. Sentem-se abertos às propostas, como também têm a liberdade de expressar o que sentem e pensam. É neste contexto que percebemos a urgência de um trabalho em educação e saúde junto a esta população (FUREGATO, 1999; MOSCOVICI, 2001).

Falar de educação em saúde no contexto da criança e do adolescente em situação de rua exige confronto com a realidade de marginalização e exclusão social em que vive esta população. Ao mesmo tempo nos ajuda, enquanto profissionais de

saúde, a tomar consciência do compromisso e responsabilidade com a qualidade de vida, desses sujeitos como também percebermos as interfaces no processo de inclusão e reconstrução da própria história.

Como profissionais de saúde é necessário tomarmos consciência da dificuldade e resistência que temos no processo de interação com esta população nos serviços de saúde, quando necessitam, ou no mundo da rua para que possamos avançar e aprofundar nossos estudos, pesquisas e intervenções nesta realidade. Como nos afirma Medeiros (1998, p.20):

“O Enfermeiro tem capacitação técnica e científica para planejar, executar, e avaliar ações para crianças e adolescentes em situação de rua, assim como exercer atividades inerentes à pedagogia de rua”.

As histórias pessoais das crianças e dos adolescentes em situação de rua possuem marcas de abandono, violência, miséria, e fome, o que nos reporta a um contexto de extrema exclusão produzida por um sistema político, econômico e social do qual fazemos parte e tem sua marca na desigualdade através dos diversos segmentos sociais como nos aponta Graciani (1999, p.35):

“A prática da educação popular, vivenciada pelos educadores sociais de rua, se inscreve nessa dinâmica tentando apoiar as camadas populares marginalizadas urbanas e, em especial, as crianças e jovens de rua, reforçando e fortalecendo sua história de resistência e de luta”.

Somos convocados a assumir uma nova postura frente a esta realidade nos desafiando a entrar no mundo da criança e do adolescente em situação de rua, muitas vezes desconhecido, para melhor intervir junto às necessidades inerentes a esta população na perspectiva da saúde integral.

Sendo assim o cuidar de meninos e meninas num contexto de rua no grande município de Goiânia torna-se a cada dia um grande desafio, visto que se encontra intrinsecamente ligado à realidade social da população da periferia, onde impera o desemprego, os conflitos familiares, o alcoolismo e a delinquência.

Ao refletirmos sobre esta realidade e conviver no dia-a-dia com as angústias e sofrimentos deste grupo, escutando com o coração suas dores, alegrias e sonhos, sentimos um grande apelo para buscarmos caminhos de inclusão social através do trabalho de educadores sociais de rua. Aqui entendemos como educador social de rua, a pessoa que se coloca ao lado das crianças e adolescentes que vivem num contexto de rua de forma empática para que educador e educando possam gradativamente construir uma relação de confiança, amizade e respeito com cada pessoa e grupo, fundamentada na pedagogia do encontro, onde ambos constroem uma relação empática.

O educador social de rua é alguém capaz de acolher cada pessoa na sua individualidade, comprometendo-se de maneira concreta a partir de um diagnóstico preciso de cada um e do grupo, ajudando assim a encontrar pistas concretas de políticas públicas a serem implementadas objetivando a saúde integral que respondam as necessidades do grupo. É aquele que cuida, motiva e potencializa as qualidades de cada indivíduo para que possa redescobrir-se como pessoa. Segundo Graciani (1999, p.194):

“(...) A pedagogia social de rua é um trabalho acima de tudo, de conquista e de afeto, que permitirá a permanência dos meninos pelo “desejo” de pertencerem, de serem considerados, de serem ouvidos, de poderem expressar seus anseios e angústias. Esses momentos, profundamente presentes no cerne do conflito, são as reais possibilidades de emancipação e engajamento dos meninos (as) de rua ao novo projeto de vida”.

Acreditamos que os profissionais de saúde têm um papel fundamental no processo de inclusão, através da interação na assistência nos centros de saúde, nas instituições de recuperação e nas ruas junto a este grupo, como também nas definições de políticas públicas mais comprometidas através de uma pedagogia específica. E neste contexto concordamos com Graciani (1999, p. 207) ao afirmar que:

“A pedagogia social de rua não é apenas uns processos lógicos, intelectuais. É também profundamente afetivo e social; daí a importância de o educador Social de Rua ser um arguto observador e percebido atento do educando nos momentos da ação educativa. É tão importante partir da realidade do educando quanto caminhar no sentido de superação, da ultrapassagem desse momento inicial, possibilitando a ele a ampliação do conhecimento”.

É importante termos presente que neste trabalho o grupo a quem direcionamos as atividades de educação em saúde caracteriza-se pela experiência de moradia na rua, prostituições, abandonos familiares e são provenientes de camadas populares da periferia de Goiânia, das cidades do entorno e de outras cidades. São pessoas que carregam uma biografia marcada pelo desajuste político e econômico, como também por uma desestrutura bio-psioco-social, com pais, padrastos ou mães alcoólatras, desempregados e/ou comprometidos com a justiça. Muitas destas crianças e adolescentes perderam laços com as famílias progenitoras. Têm experiências com algum tipo de trabalho informal e fazem uso de substâncias psicotrópicas de variada natureza.

Sendo assim, o educador é alguém que está sempre aprendendo, pois no seu dia-a-dia é desafiado a criar relações interpessoais para manifestar a cada educando e ao grupo, amor, firmeza, encorajamento, apoio e escuta para que os destinatários da sua ação educativa possam, num clima de confiança,

redescobrir, gradualmente, a própria dignidade e crescer na estima de si mesmo para assumir com liberdade e responsabilidade a mudança da própria vida.

Nesta perspectiva o educador deverá estar sempre em busca de novas saídas para os desafios encontrados na sua missão e refletir sobre sua prática.

Segundo Graciani (1999, p.213 –214):

“O trabalho desenvolvido pelo educador social de rua sempre foi motivo de reflexão e debate entre pares, na medida em que praticamente não existia nenhum referencial teórico básico que dessas pistas efetivas para sua constituição e delineamento para sua ação. Essa ação sempre foi colocada como experiência inacabada e imperfeita, requerendo sustentação teórica-prática para dirimir impasses pedagógicos, angústias e impotências vivenciadas no dia-a-dia dessa prática educativa”.

Um outro aspecto presente na pedagogia de rua é o Trabalho com o lúdico, que desenvolve a capacidade de criar e recriar a partir das experiências. É o resgate da própria identidade expressado na criatividade de cada trabalho realizado. A partir desse enfoque desenvolvemos o sentimento de sentir-se aceito, valorizado e estimulado a buscar novas perspectivas de vida, e, ao mesmo tempo, ajuda a criar vínculos afetivos e efetivos. Nesse contexto, rompemos o estigma da desconfiança, medo e indiferença, fomentando o desejo de novas perspectivas para a conquista da saúde integral, através de uma pedagogia que proporciona autonomia e determinação em busca de novas alternativas de vida e reconstrução da própria história.

Acreditamos que a base dessa estratégia é o trabalho das pessoas com seres humanos como já dizia Freire (1987, p.62):

“... Que a ação do educador humanista, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da

entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador”.

O contexto onde esta realidade se dá é conquistada fora da sala de aula formal é envolto em uma cultura que questiona nossas formações bancárias, distantes da realidade dos indivíduos, que trata o educando como um recipiente vazio pronto para receber as informações que desejarmos. Assim sob um clima de respeito mútuo, tolerância e solidariedade, a criatividade é pulsante e capaz de grandes transformações como aponta Graciani (1999, p.155) fala:

“Esses grupos de rua, produtores de cultura popular, produzem, assimilam, mas também inovam; reiteram, mas questionam o real com seu estilo de vida, seus modos e maneiras de viver inconformado, não se submetem à subordinação e à uniformização da cultura, às suas formas mais consagradas, nem aos instrumentos impostos pela lei ou aos padrões sociais pré-determinados”.

O educador social de rua, ao conviver com a criança e adolescente neste contexto e participar de suas angústias, sofrimentos, sonhos e alegrias, assumindo uma pedagogia marcada pelo encontro do ser como um todo possibilita ao grupo uma educação em saúde nas diversas dimensões onde capacita o indivíduo a buscar novos valores, repensar a própria vida e buscar com determinação a vivência das potencialidades como pessoa.

Ao tratar dos princípios pedagógicos que norteiam a ação educativa no mundo da rua GRACIANI (1999) ressalta a importância de nos colocar a caminho como educadores e educandos numa relação de troca de conhecimento, levando em consideração o ambiente, a cultura e o potencial de cada pessoa.

O mesmo ainda afirma ser a pedagogia social de rua fundamentada a partir “do ponto de vista dos atores emergentes”, a quem ele chama de “crianças e adolescentes de rua e educador social de rua” (p.189). O que leva o educador de

rua segundo ele a assumir na sua prática uma “contrapedagogia” (p.13), por implantar a “cultura da solidariedade”(p.13) junto a estas pessoas a partir de suas necessidades.

Embora vivendo em situação de rua, sem vínculo familiar e condições de saúde desfavoráveis, caracterizado pela aparência e uso de substâncias tóxicas, os grupos que participam mostram alguns sinais de saúde como: Iniciativa, criatividade, desejo de aprender, percepção da realidade pessoal, proteção ao grupo, disciplina e co-responsabilidade nas atividades desenvolvidas.

Podemos então afirmar que a criança e o adolescente em situação de rua, quando cativados, são capazes de criar laços e apresentar suas expectativas de vida através de um universo de iniciativas contextualizadas na experiência pessoal de vida, demonstrando ações de educação em saúde que podem ser desenvolvidas com esta população.

Para concretizarmos estas iniciativas necessitamos de uma mudança de paradigmas para formar equipes multidisciplinares que respondam às necessidades emergentes de cada pessoa e do grupo, criando assim uma relação interpessoal que possibilite a formação da consciência do indivíduo através de uma pedagogia que abre caminhos e perspectivas para a saúde integral do indivíduo.

Segundo Oliveira, Medeiros & Munari (2004) esta é uma forma de contribuir para que esta população descubra meios que os capacite para o exercício da cidadania e o resgate da própria história, suscitando na sociedade e nos seus diversos grupos políticas públicas que assumam concretamente este itinerário do cuidado através de uma educação em saúde libertadora que capacita o indivíduo para o autocuidado e uma consciência crítica no seu universo de vida. Para potencializar estas ações o profissional de enfermagem, juntamente com uma

equipe multidisciplinar, tem condições de articular, gerenciar e motivar, por ter capacitação técnica em todas as dimensões da pessoa humana.

Dentro deste processo de educação em saúde contínuo com crianças e adolescente desencadeamos uma série de sentimentos que encorajam esta população a buscar novos caminhos, porque percebem que existem outras formas de vida, como também se descobrem como pessoas com capacidades e autonomia para serem sujeitos da própria história (HUTZ & KOLLER, 1996).

Tratando-se de crianças e adolescentes em situação de rua, precisamos estar conscientes da fragmentação de suas histórias de vida e dos transtornos em decorrência das drogas e do abandono. Sendo assim, a literatura nos mostra que o enfermeiro, através do seu vasto campo de conhecimento e habilidades para lidar com questões da saúde integral, é o profissional com maior capacitação entre outros a estar na coordenação, supervisão e assistência junto a esta população, para viabilizar ações segundo a necessidade do grupo.

3. AS PERSPECTIVAS PARA ALÉM DA RUA

3.1 A SAÍDA DAS RUAS

Ao tratarmos do resgate, Ferreira (1989) o define como o ato ou efeito de resgatar. Tratando-se do trabalho junto à criança e adolescente em situação de rua podemos defini-lo como oferecimento de meios que possibilitam a pessoa a assumir sua própria história de vida e com autonomia para ser sujeito da própria história, processo este desencadeado por uma motivação interna, pessoal, em que a pessoa ou instituição que favorece esta possibilidade deverá respeitar a liberdade e a caminhada de cada sujeito, sendo agente motivador para que a pessoa faça o próprio caminho.

Embora não tenhamos encontrado na literatura contribuições que aprofundem esse aspecto estudado, acreditamos que seja importante neste processo a consciência de que cada indivíduo deve ser livre para realizar escolhas e estas devem ser assumidas de acordo com a capacidade e opção da pessoa.

Ainda assim, ressaltamos a importância da pedagogia social de rua como ferramenta motivadora do despertar de novas possibilidades junto a realidade da criança e adolescente em situação de rua, como também a possibilidade em responder efetivamente as necessidades apresentadas por estas pessoas no seu universo.

De modo que as instituições possam assumir a defesa da vida (RIZZINI, BARKER & CASSANINGA, 2005) e o respeito ao ser pessoa, contribuindo para que tenham claras as motivações que direcionam suas escolhas e encorajá-los para que possam enfrentar os conflitos pessoais e que estas opções não sejam condicionadas pelo ambiente, fatores econômicos, sociais, institucionais, ou por uma auto-estima prejudicada, mas seja uma escolha livre e pessoal. Assim, Remen (1993), nos alerta que muitas vezes estas escolhas podem sofrer influências sociais, pelos papéis que desempenhamos, idade, cultura, crenças, valores, sentimentos, desejos, e tendências, como também o próprio ambiente.

Existem, portanto uma infinidade de condicionantes que influenciam nossas escolhas, o que torna necessário um verdadeiro confronto com o próprio “eu”, tanto educador como educando neste processo do trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua, para que possamos discernir coerentemente as escolhas que fazemos tendo clareza das necessidades, objetivos e perspectivas da missão junto a esta população e dos seus ideais.

É importante sabermos que nesta trajetória, também somos aprendizes e que cada pessoa tem um processo e este depende de como assumimos nossa história de vida. Mas nem sempre estamos capacitados para fazermos escolhas que exigem confronto, coragem e determinação, contudo podemos desenvolver habilidades para isto a partir do momento que somos motivados a fazê-lo e nos autodetermine a realizar.

Como profissionais de saúde somos convocados a estarmos atentos às nossas escolhas e às daqueles por quem somos responsáveis, precisamos em muitos momentos ajudar as pessoas a discernir as verdadeiras motivações para que possam escolher livremente, sem condicioná-los segundo nossos interesses ou da instituição, mas a partir do que seja melhor para a pessoa, tendo como referencial a saúde integral no contexto de cada indivíduo, não podemos decidir pelo outro, mas ajudá-lo a fazer o próprio caminho. Para que também possamos dizer como Silva et al (1998, p.34-41):

"(...) vi muita coisa ser construída com base no sofrimento, que as pessoas que têm coragem de resgatar a vida nos momentos de grande dor podem transformá-la a partir da experiência de quase tê-la perdido... a vida não é estática; ela é movimento, exige flexibilidade e adaptação constantes. É a maneira de sermos felizes e de permanecermos vivos... essa sensibilidade que nós, cuidadores, vamos desenvolvendo, de estar atentos ao outro, de perceber suas necessidades antes mesmo que elas sejam verbalizadas, não será fruto da vontade de sermos inteiros como cuidadores e de termos a certeza de estar fazendo todo possível".

Desta forma estaremos contribuindo para que o outro se torne pessoa, pois para Rogers (1997, p. X):

“quando proporcionamos uma relação com o outro, este descobrirá dentro de si mesmo a capacidade de utilizar esta relação para crescer

e possibilitar uma mudança na vida e o desenvolvimento pessoal ocorrerá naturalmente”.

Sendo assim esta relação proporcionará uma mudança entre as pessoas que se encontram envolvidas, isto nos faz afirmar que o menino e a menina em situação de rua não é alguém vazio, sem potencialidades, que está ali apenas para receber, pelo contrário está também para nos ajudar a mudar a nós mesmos e a vermos a vida de um outro ângulo que certamente não seria possível sem a ajuda deles.

3.2 O CUIDADO EM ENFERMAGEM

Neste contexto falar do cuidado humano e sua prática é um desafio, porque o ato de cuidar é algo vivenciado pelas comunidades primitivas desde a pré-história, e em suas formas mais variadas. Esta ação sempre foi independente do tipo de teoria da origem da vida humana adotada.

Podemos considerar o cuidado como algo inato, com uma relação estreita com o sexo feminino. Esta relação é notada fortemente desde a pré-história onde as mulheres cultivavam a terra e com um pouco de conhecimento, extraíam dela, das plantas e raízes recursos utilizados no cuidado da saúde integral dos membros da família e de toda a comunidade. O cuidado exercido pela mulher era diverso como podemos constatar na fala de Waldow (2001, p.22) ao afirmar:

“Mulheres ao longo da História, além das práticas de cuidado relacionadas às funções reprodutivas, desempenharam cuidados aos incapacitados e idosos, dedicando-se à educação dos filhos, à manutenção da casa, ao preparo dos alimentos e em muitas culturas e épocas, ao preparo de medicamentos caseiros”.

Waldow (2001), ao trabalhar historicamente a evolução do cuidado humano, apresenta-o como responsabilidade da mulher. Com o passar do tempo, olhando o mundo

com uma visão atual, capitalista, percebemos o descuidar do ser humano em relação a ele mesmo e a sociedade, o que acarreta no cotidiano uma desestrutura política, econômica e social e, conseqüentemente, a desumanização e a invasão cultural nas populações menos favorecidas. Muitas vezes pensamos que cuidar é impor o nosso saber, achando que o outro sabe menos, esta é uma crença baseada no preconceito e na relação de poder em detrimento aos valores do indivíduo como pessoa humana, portadora de direitos e deveres, com potencialidades a serem desenvolvidas. Falta-nos muitas vezes a consciência, como profissionais de saúde, de que somos também aprendizes neste processo. Não sabemos tudo.

Com as pesquisas e a evolução deste caminhar, o cuidar começa a ser estudado e reconhecido como ciência, e a enfermagem, por sua vez, busca na sua prática a fundamentação de várias teorias que vão ajudar a sistematizar o cuidado humano. E como não poderia ser diferente, as pioneiras destas teorias também foram mulheres que perceberam um cuidar além do conceito saúde/doença ou da dimensão física, mas numa visão holística do ser humano. (WALDOW, 2001; HORTA, 1979; LEVINE, 1971; OREM, 1993; PATERSON & ZDERARD, 1988).

O cuidado é uma ação/motivação inata dentro de cada pessoa. Porque se fala tanto da experiência do não cuidar sofrida por muitos cotidianamente? Talvez seja por que nesta trajetória tenhamos nos perdido na corrida da tecnologia avançada e do capitalismo selvagem, onde as relações passam a fazer parte de um jogo de interesse cujo carro chefe é a competitividade e conseqüentemente o individualismo (BOFF, 2001).

Como seres humanos e profissionais de saúde, somos convocados a resgatar o processo histórico do cuidar e atualizarmo-nos em nossa história, levando o cuidar a uma evolução semelhante a que as ciências têm sofrido nas últimas décadas, para que assim, possamos crescer no autoconhecimento e desenvolvimento das diversas habilidades que nos capacita para um cuidar que rompe todas as estruturas que não vão de encontro com a dignidade humana.

Este cuidar pode ser alicerçado por um tripé que podemos denominar como sendo estruturado por: conhecimentos técnicos, científicos e humanos, que tem sua ação sistematizada no processo de enfermagem. Para isto é necessário empenho e a quebra de velhos paradigmas na formação profissional, pois o cuidado humano é um processo que deve ser construído e vivenciado a partir de cada pessoa. E esta experiência é o alicerce que motiva e capacita o ser humano para a humanização tornando-nos defensores e protagonistas dos verdadeiros valores do cuidar humano numa visão holística (FERREIRA e VALE, 2005; ROGERS, 1997; SILVA, 2000).

O papel da Enfermagem é fundamental neste contexto de exclusão e marginalização uma vez que suas ações estão ligadas diretamente com o sujeito. E aqui destacamos a relevância do trabalho de Hirata (1999) junto ao Adolescente “não cidadão”, na perspectiva do cuidado em vista da construção da cidadania, uma vez que atuar com estes grupos requer algumas exigências como, a sensibilidade, abertura, parcerias, mas acima de tudo a predisposição para criar laços (OLIVEIRA, MEDEIROS & MUNARI, 2004).

Mediante o exposto é relevante à reflexão da relação interpessoal que MIRANDA e MIRANDA (1995) faz ao afirmar que parte do que somos é resultado das relações que conseguimos estabelecer em nossa vida, sejam elas positivas ou não. Sendo assim, quais as marcas que as crianças e adolescentes que vivenciam este processo de exclusão carregam das relações/ interações que têm ou tiveram com a sociedade, a família e a própria situação de pobreza?

Falar da vida de crianças e adolescentes em situação de rua para quem participa do seu cotidiano não é fácil, considerando o que ouvimos através da mídia. A realidade de vida deste grupo é marcada por uma história pessoal de exclusão, violência social, psicológica, física, fruto da miséria e da desestrutura em todos os níveis em que vivem, Câmara (2003, p. 7):

“Adolescentes vulneráveis, por seus contextos sociais e impossibilidades econômicas, trazem em seus corpos e em suas formas de perceber o mundo a marca da violação de seus direitos instituídos constitucionalmente. São indivíduos que passam cotidianamente e de alguma forma em aparatos de apoio social, seja na unidade básica de saúde, no hospital, na escola, em serviços sociais de suplementação de renda, em núcleos de apoio social, na igreja, etc, requisitando invariavelmente uma atenção integral às suas necessidades, sendo estas referentes não só ao seu processo de desenvolvimento e maturação física, psíquica, moral e intelectual, próprias da idade, mas também relacionadas às suas necessidades específicas demandadas pelas suas condições sociais e econômicas”.

Para realizarmos este trabalho partimos do pressuposto de que cada criança e adolescente em situação de rua carrega em si um universo de potencialidades que quando despertadas fazem emergir um mundo de sonhos, acompanhados pela coragem e determinação, vislumbrando outras possibilidades de vida.(Oliveira, Medeiros & Munari, 2004).

É pertinente apresentarmos ao mundo do conhecimento e à sociedade o que conseguimos identificar junto a esta população no que se refere às possibilidades de resgate, como também o papel da Enfermagem como cuidadora da saúde integral neste contexto.

Por este motivo nos sentimos motivados a aprofundar um pouco do processo de recuperação desta população, os desafios, as conquistas e mesmo a luta travada por estas pessoas para romperem com o vínculo das drogas e grupos de convivência neste contexto. Como profissionais de saúde na área da Enfermagem sentimo-nos interpelados a conhecer melhor este fenômeno e ao

mesmo tempo apresentar histórias de vida que passaram por este processo e que hoje se encontram em uma outra luta, que é a sobrevivência num contexto pouco favorável a inclusão social.

Para que possamos compreender o que foi vivenciado na vida dessas crianças e adolescentes apresentarmos nesta dissertação de mestrado o itinerário vivenciado por eles até o momento. Como de fato era a vida na rua, em suas famílias, e o que desencadeou a saída do suposto "lar". Neste processo tivemos a possibilidade de acompanhar desde 1997 até o presente, um grupo de mais ou menos 200 meninos e meninas em situação de rua. Destes alguns se tornaram maiores na rua e respondem hoje por algumas atividades ilícitas na Casa de Prisão Provisória (CPP) em Goiânia-GO e na Penitenciária Odenir Guimarães (antigo CEPAIGO); outros ainda menores, encontram-se em instituições do Governo municipal ou estadual sob medidas sócio-educativas; alguns em processo de recuperação e outros já se recuperaram. Em 1996 foi o início do trabalho na rua por esta ONG e em 1998 a fundação da casa abrigo para meninas, portanto de 1998 a 2006 passaram na Casa abrigo 35 meninas, destas, 18 se recuperaram e já foram encaminhadas para a casa própria e o mundo do trabalho, 10 moram atualmente na casa e 07 retornaram para as drogas, prostituição e outros.

Sendo assim, partimos do pressuposto que ao estabelecermos relações interpessoais positivas no habitat destas pessoas, com elas interagirmos como alguém que faz parte do grupo, desenvolvemos atividades educativas em todas as etapas do seu itinerário, com presença motivadora da auto-estima positiva, viabilizamos junto as mesmas as predisposições pessoais para a saída da rua e o resgate da própria história, e como praticar o exercício da cidadania.

Acreditamos que as Histórias Orais de Vida que aqui serão apresentadas nos oferecerá possibilidades em conhecermos os desafios, as lutas e esperanças da criança e adolescente do nosso país e a capacidade de superação dos limites desta população quando são motivadas por uma pedagogia que possibilita o encontro consigo, com o outro e com o mundo na perspectiva da reconstrução da própria história.

Para atingirmos os objetivos deste estudo optamos pela abordagem qualitativa que tem sua gênese nas ciências naturais e na filosofia. Não precisamos recorrer à análise estatística nem a métodos quantitativos para a coleta dos dados. Essa se caracteriza pela imersão do pesquisador no contexto da pesquisa, o que exige do mesmo uma relação interpessoal com o sujeito de estudo. Entendemos esta modalidade, conforme nos apresenta Minayo (1992, p.2):

“(...) gente em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. Implica também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação”.

Como profissionais de saúde na área da Enfermagem sentimo-nos instigados a aprofundar neste fenômeno por meio da História Oral de vida, por ser este um recurso que facilita a compreensão da trajetória biográfica do indivíduo, como também alguns fatores que interferiram ou interferem neste processo histórico, o que requer uma profunda interação entre pesquisador e sujeito. Esta relação interpessoal possibilita uma investigação profunda, obtendo assim dados significativos nas informações que se deseja e evita a manipulação dos depoimentos, uma vez que foram estabelecidos os laços de amizade e intimidade com o pesquisador (LEOPARDI, 2001, p.278).

Assim optamos pelo método da História Oral de Vida considerando os objetivos deste estudo. Acreditamos que este proporciona ao indivíduo a possibilidade de reconstruir eventos de sua vida atribuindo significados a eles por meio da elaboração de uma narrativa onde há liberdade de refletir e repensar sua própria história (REINALDO, 2003). Neste contexto Minayo (1992, p.127) afirma:

“A história de vida pode ser o melhor método para se estudar processos de socialização, emergência de um grupo, estrutura

organizacional, nascimento e declínio de uma relação social e respostas situacionais a contingências cotidianas”.

Sendo assim, achamos oportuno e motivador trabalharmos com este método, tendo em vista a população que vivencia um processo em diversas etapas da vida. Botelho (2003, p.74) afirma que:

“Na história de vida, além da noção de processo, a riqueza de detalhes que pode advir das informações coletadas junto aos sujeitos, pode sugerir novas variáveis, novas questões e novos processos que podem conduzir a uma reorientação da área”.

Segundo Reinaldo (2003, p.56) a História Oral teve seu início após a Segunda Guerra Mundial, cujo marco foi à criação formal do primeiro Projeto de História Oral, pela Universidade de Columbia, Nova York, onde foram relatadas “experiências vividas por ex-combatentes, familiares e vítimas da Guerra, através de relatos orais cujo objetivo era registrar e conhecê-las”.

Ao trabalhar com alguns conceitos da História Oral, Meihy (2002) afirma serem estes provisórios, em decorrência da dinamicidade e criatividade que esta carrega. Conforme o autor, trata-se de uma ferramenta no estudo da sociedade considerando documentos e depoimentos gravados, transformados em textos. Para tanto, deve contemplar algumas etapas operacionais, tais como, o planejamento da condução das gravações, das transcrições e conferência do material original (fitas gravadas), assim como os preceitos éticos da pesquisa (autorização para uso do material, publicação etc). Segundo Meihy (2002, p. 13-14):

“É uma prática de apreensão de narrativas, feita por meio do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato... É a formulação de documentos mediante registros eletrônicos que podem ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória cultural... É um conjunto de

procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistados”.

Meihy (2002) ainda afirma que a História Oral possui o compromisso de registrar de forma permanente o que se projeta para o futuro sugerindo que outros possam vir a usá-los de diferentes maneiras. As três etapas de sua construção consistem em: gravações das entrevistas, estabelecimento dos textos e análise dos mesmos. Como elementos de relação ele apresenta: O entrevistador, o entrevistado e aparelhagem de gravação. Sugere-se que estas entrevistas sejam realizadas individualmente, pois se caracteriza como uma das maneiras de se obter as experiências de vida das pessoas que estejam disponíveis para falar e comentar sobre suas vidas, sobre seu passado. Segundo Meihy, quanto mais for dito e ao modo do sujeito, mais eficiente serão os depoimentos. Ainda complementa que:

“Esta dá direito ao indivíduo na participação social e cidadania... Respeita as diferenças, facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas, todos são personagens históricos, o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se trançam para garantir a lógica da vida coletiva”.
(Meihy, 2002, p. 51)

Meihy (2002, p.130-131) ao continuar sua abordagem a respeito da História Oral nos reporta que a História Oral de Vida faz parte desta e tem herança na *“tradição anglo-saxônica, o que vem comprometer o impacto da influência francesa. E classifica como “sujeito primordial”, desta o colaborador, por se sentir livre para relatar sua experiência pessoal, o que exige do entrevistador flexibilidade para oferecer a este “espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade e suas condições”.* A experiência aqui é apresentada como fator principal

para as histórias orais de vida, “as perguntas devem ser amplas, sempre colocadas em grandes blocos de forma indicativa dos acontecimentos”.

1. CAMPO DE ESTUDO

Para melhor conhecermos o cenário onde se desenrolam as histórias de vida, traçamos alguns aspectos da cidade onde vivem os sujeitos do estudo. Goiânia é a Capital do Estado de Goiás, fundada em 24 de outubro de 1933 por Pedro Ludovico Teixeira, portanto, uma cidade ainda jovem com características de uma capital rural que tem crescido muito na sua economia. Foi planejada para 50 mil habitantes, mas tem um crescimento migratório de populações de outros estados, especialmente, do nordeste em busca de melhores condições de vida. Com base nos dados apresentados pelo IBGE no censo de 1996 a população é de 1.002.377 habitantes (GOIÂNIA, 2002).

Segundo alguns estudos (CÂMARA *et al*, 2002; OLIVEIRA, 2005; MEDEIROS, 1998; FREITAS, 2004) afirmam que a economia do estado é marcada pela indústria, comércio, pecuária e agricultura.

• Realidade Social

A criança e o adolescente em situação de rua vivem em uma realidade que nos leva a identificar alguns aspectos. Muitas vezes são consideradas, em um plano de políticas públicas e/ou por determinados indivíduos adultos, como peças descartáveis de um mundo em processo acelerado no desenvolvimento tecnológico, que exclui, explora e lança sem piedade milhões de famílias para a linha abaixo da miséria. Isto significa que suas famílias residem nas periferias dos centros urbanos, onde a mãe assume o papel de chefe da casa, tendo como rotina os conflitos pela ausência de dinheiro, trabalho, saúde e educação o que gera na convivência situações de morte (OLIVEIRA, 2000).

Estes sujeitos sentem na própria pele as conseqüências da convivência em lar desestruturado com pais ou padrastos e mães alcoólatras, desempregados, comprometidos com a justiça, e sem nenhuma estrutura econômica, física e psicológica para serem educadores, como também a ausência de autonomia para gerir a própria vida. (MEDEIROS, 1998; OLIVEIRA, MEDEIROS & MUNARI, 2004).

A qualidade de vida do goianiense, quanto à educação, saúde, transporte, alimentação, oferta de emprego, lazer e habitação, é semelhante à dos grandes centros do centro-sul do país. Porém a pobreza e a miséria ainda são marcantes para uma parcela significativa dos habitantes da cidade assim como do interior, considerando as dificuldades para que o desenvolvimento urbano acompanhe o fluxo migratório campo-cidade e atender à população que chega em busca de melhores condições de vida. Ao chegarem, não encontram emprego, habitação, escola, e se sujeitam viver em locais insalubres e improvisados, pedir esmolas ou ainda se estabelecem nas ruas (MEDEIROS *et al.*, 2001; CÂMARA, 2003; FREITAS, 2004). Segundo Medeiros (1999) e Oliveira (2005), é crescente o número de meninos e meninas em situação de rua na cidade de Goiânia.

Frente a esta realidade vamos encontrar várias iniciativas públicas e filantrópicas para o resgate da criança e adolescente em situação de rua, tanto para o menino como para a menina, no município de Goiânia, entre estas se encontra uma Organização-não governamental que atende meninas de 12 a 24 anos e seus possíveis filhos, que para efeitos deste estudo será chamada pelo nome fictício de “Tenda”.

A Casa passagem se refere às instituições em que o menino ou a menina em menoridade pode estar por um pequeno período aguardando para serem encaminhados para a família ou para um abrigo. Quando citamos as Instituições de desintoxicações, estamos falando das ONGS que trabalham com a desintoxicação sem a utilização de medicamentos e os meninos e meninas passam ali um período de nove meses.

Neste contexto elegemos como campo de estudo o espaço onde hoje vivem as meninas que um dia estiveram na rua e fizeram o acompanhamento com a “Tenda” em todas as etapas até a conquista da casa própria.

2. TRABALHO DE CAMPO

Os sujeitos da pesquisa foram oito meninas de 16 a 22 anos com história de vida pregressa na rua. Todas são mães de 1 a 5 filhos, sendo que estes são de

pais diferentes. Elas fizeram o processo de recuperação e inserção social na ONG que apresentamos, sendo acompanhadas desde a rua, família, casa passagem, Instituição de desintoxicação, na Tenda e na família atual pela entrevistadora. Das oito meninas, cinco estão cursando a 2ª fase do ensino fundamental, duas o último ano do ensino médio, e uma a graduação em Serviço Social.

Os sujeitos serão identificados por nomes fictícios da flora e fauna do cerrado: Ipê Roxo, Ipê Branco, Ipê Amarelo, Ipê Rosa, Ipê Pardo, Azaléia do Cerrado, Garça branca, Sempre viva. Símbolos de força, resistência e beleza. São pessoas que frente aos desafios de uma história de vida retalhada, aparentemente irreconstituível como o cerrado em período de seca, é capaz de florescer, ressurgir das cinzas, dar beleza aos campos com sua capacidade de reconstruir a partir de perdas e experiências profundamente dolorosas.

Quando aparecer o nome da Instituição nas falas dos sujeitos substituiremos por Tenda, por ser este um lugar de acolhida, resgate da cidadania, oposição a um sistema político, econômico e social míope, em prol a defesa da vida e o entrelaçamento de parcerias para desconstruir a exclusão social.

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada, observação participante e diário de campo, por um período de três meses. Segundo Minayo (1992, p.126):

“Nestas abordagens o pesquisador interage constantemente com o informante. É aquele que combina observação, relatos introspectivos de lembranças, relevâncias e roteiros mais ou menos centrados em algum tema. (...) Os pressupostos que validam a história de vida são da mesma natureza dos que fundamentam a entrevista e a observação participante”.

Para realizarmos esta etapa da investigação convivemos com a população de diversas formas: convivência na casa da própria menina por uma semana, um final de semana, ou a menina esteve na casa da pesquisadora pelo mesmo espaço de tempo relatado anteriormente. O que definiu onde, como e o tempo foi a disponibilidade e motivação da menina para realizarmos a investigação, o que proporcionou maior espaço de tempo para conviver, recordar e estabelecer metas para o futuro a partir da história de vida de cada menina e o momento que cada uma estava vivenciando.

Neste contexto, o fenômeno de como se processa a reintegração social e o resgate da menina em situação de rua foi investigado a partir do ponto de vista do próprio sujeito, onde utilizamos como estratégia a entrevista aberta semi-estruturada, observação participante e anotações em diário de campo, conforme contempla este tipo de investigação.

No que se refere à observação participante a compreendemos segundo Schwartz & Schwartz (1955) *apud* Minayo (1992, p.135), como:

“(...) um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto”.

Esta técnica exige do investigador um compromisso com o grupo no sentido de interagir e ao mesmo tempo ser acolhido pelo mesmo como um membro. Para Leopardi (2001, p.197):

“O observador assume o papel de membro do grupo, de modo que a experiência é avaliada do interior dela mesmo. Será uma

investigação natural se o investigador de fato pertencer ao grupo, porém se não for este o caso, precisa decidir se irá revelar ou não seu papel e qual o momento para revelar. Trata-se de uma investigação em que o pesquisador, ao propor-se à coleta de dados, efetivamente participa da situação, inclusive intervindo, mudando, propondo. Requer um modo de registro minucioso tanto das informações objetivas como de suas impressões sobre o observado”.

Desta forma entendemos que a observação participante nos permite estar em contato direto com o objeto de estudo, interagir de maneira empática e com o olhar clínico dar significado ao que as palavras não conseguem explicar, com mais profundidade e adentrar na essência do indivíduo. É uma conquista que não ocorre com todos os pesquisadores, mas para quem consegue com a habilidade da relação interpessoal, deixa de ser um mero espectador e passa a ser parte do grupo, a quem lhe é revelado o que é mais precioso.

Destas observações elaboramos algumas anotações minuciosas a respeito da relação no dia-a-dia destas mães com seus filhos, o acompanhamento das atividades escolares, as condições sociais destas famílias, como também os desafios que enfrentam para sobreviverem.

As entrevistas foram gravadas em fita cassete e transcritas na íntegra. Posteriormente iniciamos o processo de análise por meio de três etapas conforme descrevemos abaixo:

Primeira etapa: Chamamos de pré-entrevista, onde foi apresentado a cada menina, individualmente, o objetivo, metodologia do trabalho e a importância de sua participação como sujeito, daí a relevância do relato dos fatos a partir do instrumento norteador para a coleta dos dados da história oral de vida até o momento presente. Definimos aqui o tempo com cada menina e o agendamento das entrevistas, segundo as possibilidades das mesmas, sendo que das oito, a

pesquisadora esteve na casa de três num período de cinco dias convivendo no dia-a-dia da rotina diária e todos os afazeres, como também dormindo na própria casa. Outras duas estiveram na casa da pesquisadora por três dias e as outras três realizamos a pesquisa em uma tarde em dias diferentes para cada.

Segunda etapa: Ocorreram às entrevistas propriamente dita de acordo com o que foi agendado na primeira etapa, onde utilizamos o instrumento norteador que foi preparado para a coleta dos dados, que se deu com o uso de gravador e fita cassete.

Terceira etapa: Onde ocorreram as transcrições das entrevistas na íntegra e a revisão das mesmas, como também apresentação destas ao grupo entrevistado de forma individual.

Para análise dos dados utilizamos a modalidade temática da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), levando-se em consideração na análise o contexto histórico social no qual os indivíduos e fenômenos estudados estão inseridos realizando uma relação entre as ciências sociais e a filosofia buscando uma melhor compreensão do ser humano e sua relação com o meio em que vive.

Sobre a análise dos dados Minayo (1992, p.203) define:

“(...) trata-se de um método que na sua operacionalidade, além de confirmar os pressupostos da pesquisa, permitirá chegar a uma profundidade mais complexa, ultrapassando os significados manifestos dos dados, desvendando seus conteúdos latentes (não quantificáveis), articulando com variáveis ‘psicossocial’, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem. Para isso a análise de conteúdo em termos gerais relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados”.

Este estudo é uma narrativa biográfica da história oral de vida de um grupo de oito meninas que viveram em situação de rua e foram e são acompanhadas por uma Organização Não Governamental, filantrópica. Esta por sua vez exerce o papel de família genitor.

Através da relação interpessoal ocorrida desde 1997 e alimentada diariamente pelo contato pessoal, telefônico e outros durante todos estes anos, como também de forma mais intensa no período da coleta de dados, transcrição e leitura do material coletado nas entrevistas e anotações em diário de campo, emergiram da fala dos autores alguns núcleos temáticos, que segundo Bardin (1977, p. 105-106) o define como:

"Uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos a teoria que serve de guia e leitura... é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc".

Para trabalharmos com o material coletado, além do que Bardin (1977) propõe, realizamos algumas adaptações próprias de como trabalhar com História Oral de vida, que segundo Meihy (2002, p.132), esta deverá apresentar:

"O retrato oficial do depoente. Assim, a 'verdade' está na versão oferecida pelo narrador, soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas. Pelo encaminhamento mais comum que se adota para a história oral de vida, a periodização da existência do entrevistado é um recurso importante, pois organiza a narrativa acima de fatos que serão considerados em contextos vivenciais subjetivos".

Apresentaremos, portanto, nesta Dissertação o itinerário de vida destas pessoas, a partir de suas falas, para que compreendamos o que foi vivenciado por elas até o momento, como: **A vinda para a rua**: Como de fato era a vida destas pessoas, de suas famílias e o que realmente as motivaram a sair de seus lares para estarem na rua e que tipo de lar era este. **A vida na rua**: Como é o viver na rua, o que é a rua para este grupo, perspectivas, atividades

desenvolvidas neste espaço, percepção das potencialidades, e outros. **A vida além da rua:** Como é viver fora da rua, das drogas e sem os grupos que criaram laços neste contexto. O que motiva algumas pessoas a saírem da rua, etc.

Todas as entrevistas foram realizadas após apresentação dos objetivos da pesquisa e assinatura do termo de esclarecimentos aos sujeitos da pesquisa (ANEXO 01) e o termo de consentimento livre esclarecido (ANEXO 02). Utilizamos um roteiro de entrevista semi-estruturado (ANEXO 03) com o intuito de facilitar a periodização cronológica dos fatos narrados pelas entrevistadas.

A Instituição Casa Lar que estas fizeram o processo de inclusão social será chamada de “Tenda” e as religiosas ligadas a esta a quem se referem como motivadoras neste processo, “Irmãs”.

Foi garantido aos sujeitos o sigilo quanto à identidade, para resguardar seus direitos e sua privacidade. Como também consideramos os aspectos éticos da resolução CNS 196/96. O Projeto de Pesquisa foi analisado pelo comitê de ética em Pesquisa Médica Humana e Animal do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, sendo aprovado de acordo com o registro no CEP nº 131/2004.

Entendemos ser necessário para melhor compreender o nosso objeto de estudo e nos aproximarmos do contexto da pesquisa apresentarmos neste capítulo os resultados e a respectiva discussão a respeito das histórias de vida dos sujeitos com experiência pregressa de vida na rua e seu processo de inclusão social.

No sentido de agilizar a discussão do material, organizamos os resultados em dois momentos. No primeiro, apresentamos a “Tenda como um espaço de acolhida, suporte e potencialização de valores e resgate na reestruturação de vida das adolescentes”, e ainda neste momento os sujeitos do estudo.

No segundo, analisamos as narrativas dos fragmentos das histórias de vida das meninas a partir de suas falas, por meio de três categorias: A vinda para a rua; A vida na rua e a Vida além das ruas.

Na transcrição das falas dos sujeitos optamos por não fazer nenhuma correção gramatical, no sentido de respeitarmos a linguagem própria dos mesmos que ainda trazem consigo influência de expressões verbais próprias, de quem viveu em um contexto de rua, e conforme explicitamos, os fragmentos das falas dos sujeitos foram diferenciados segundo o entrevistado atribuindo-lhes nomes fictícios.

1. A “TENDA” NO PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO

A “Tenda” é uma Instituição filantrópica que nasceu em 13 de maio de 1998, tendo recebido a primeira menina no dia 16 de maio de 1998; surgiu a partir das necessidades apresentadas pelas meninas em situação de rua desde 1996, sem vínculos familiares, grávidas que preocupadas com a possibilidade da perda de seus filhos para o Juizado da Infância e Juventude por viverem nesta situação, solicitavam ajuda para mudar de vida e conseqüentemente a ausência de uma Instituição que pudesse acolher mãe e filho num processo de inclusão social, e as próprias adolescentes e jovens deste contexto.

Este trabalho sempre esteve sob a coordenação de uma Congregação Religiosa que têm em seu Carisma fundacional o resgate de crianças, adolescentes, jovens e mulheres que vivem em risco social / e ou prostituição. E juntamente com um grupo de religiosos de diversas Congregações ligados a CRB-GO (Conferência dos Religiosos do Brasil – Regional

Goiânia) realizavam sistematicamente em diversos grupos visitas, e atividades educativas com os meninos e meninas que viviam neste espaço.

Atualmente a “Tenda” não conta mais com os religiosos da CRB, mas continua com o trabalho em parceria com projetos de outras organizações, algumas Congregações religiosas que permaneceram com apoio financeiro e com a presença junto a equipe na rua, voluntários e o Fundo Municipal de Assistência Social de Goiânia- FMASGyn, que nos auxiliam na manutenção de funcionários, monitores e encargos sociais.

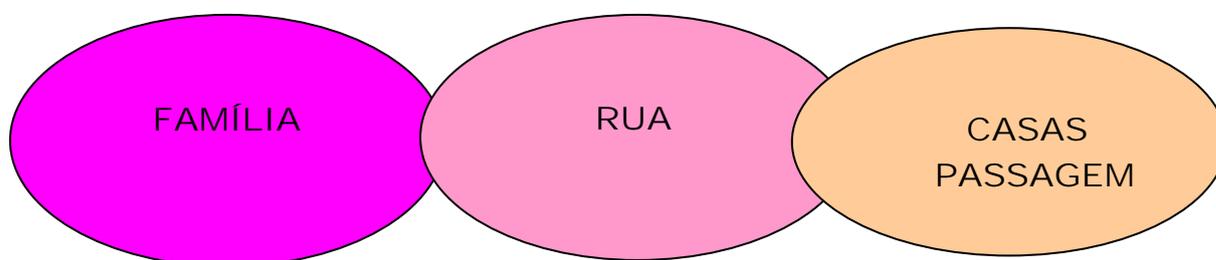
Sendo que 80% da “Tenda” é mantida através de doações espontâneas e projetos de associações ou instituições estrangeiras e apadrinhamento à distância nos recursos para o cuidado da saúde integral das crianças. Esta funciona em um espaço cedido por uma Congregação religiosa masculina, com capacidade para atendimento de 12 meninas e seus respectivos filhos, sendo que este número é relativo, dependendo, da quantidade de crianças que cada mãe possui.

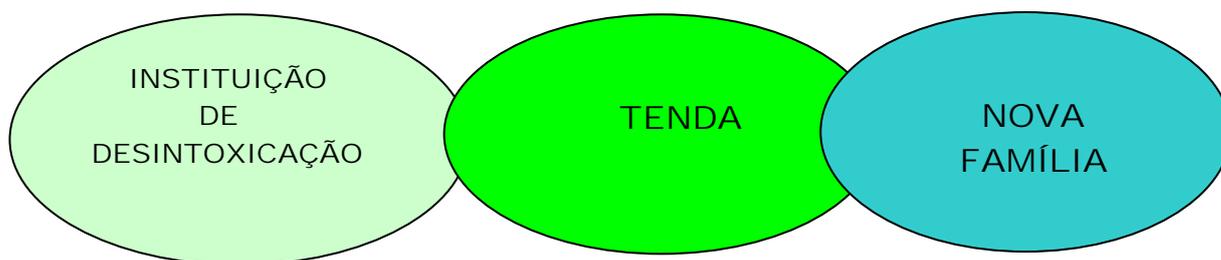
A “Tenda” está situada na cidade de Goiânia, na região leste. Na parte externa da casa temos uma calçada onde parte dela é gramada e com plantas. Na área interna, um jardim com uma pequena fonte, diversas plantas, um parquinho e uma piscina para crianças, uma piscina de adulto ao lado, junto ao lote, onde funciona a administração e as oficinas de trabalhos manuais e costura.

A “Tenda” consta de cinco quartos coletivos com camas, beliches e berços, um quarto com um banheiro para os educadores, dois banheiros para as meninas, um banheiro para as crianças, um banheiro social, uma sala de estudo com mesa e cadeiras, uma pequena sala para o computador, chuveiro elétrico, pias, e dois freezer, cozinha equipada com duas geladeiras, um armário e dois fogões a gás e demais utensílios necessários para o preparo das refeições.

Todas as atividades obedecem às normas de um lar comum em sistema de rodízio. No que se refere ao número de funcionários temos no momento contratados apenas dois (uma pedagoga e uma monitora), devido à impossibilidade financeira. Três educadoras noturnas funcionam em sistema de cedência, e todos os outros são voluntários como: uma enfermeira padrão que atua na área da coordenação, supervisão e administração, uma assistente social, uma educadora, e um motorista .

A “Tenda” não possui caráter de privação de liberdade por acreditarmos em uma pedagogia que educa para a autonomia e liberdade, onde cada menina é responsável pelo seu caminho de crescimento e desenvolvimento juntamente com os filhos, se assim o desejar. Caso não queira é livre para se retirar, mesmo sendo menor. O acompanhamento, portanto, ocorre em todas as dimensões da pessoa humana no contexto em que se encontra inserida cada menina e menino, conforme apresentamos no esquema abaixo:





A Instituição responsável, parte do princípio de que toda pessoa é portadora dos direitos de igualdade e dignidade, como também é um ser único, individual, irrepetível, criatura racional e livre, é uma pessoa que tende à plena realização de si mesmo, numa integração harmônica de seus componentes bio-psico-social e espiritual, onde seu estatuto ontológico é caracterizado pela abertura do amor em direção ao absoluto para o qual é intrinsecamente orientado, em direção aos outros, ao mundo, à história (CRUZ, 1993).

Esta considera a ação educativa como:

"Uma arte difícil... cujo fruto é o homem, a pessoa madura, capaz de inserir-se no mundo com o conhecimento de si mesmo, dos outros, de Deus e do valor da vida... É uma pedagogia centralizada nos destinatários, sobre suas necessidades de felicidade, busca de sentido, fome de valores" (CRUZ, 1993, p.67).

A Instituição propõe criar possibilidades de desenvolvimento e construção harmônica da personalidade, romper com a marginalização feminina e todas as situações de opressão que encontrar no ambiente em que estiverem inseridas. Neste sentido a Instituição religiosa confirma sua missão educativa na crença de que a educação é, segundo Cruz (1993, p.17-18):

"Um ato de amor ativo dirigido aos outros, pelo qual, não só reconhecemos, os acolhemos, mas ainda contribuimos para que as pessoas possam ser elas mesmas, conscientes, livres e coerentes em seu caminhar. É um processo de todos os recursos latentes, também na pessoa ferida pelo mal. Através da educação, atuada sobre as

bases da confiança e do amor, é possível reconstruir a personalidade fragmentada pelas experiências negativas”.

Sendo assim a ação educativa destina-se à promoção integral da pessoa que culmina e se manifesta na capacidade de dar sentido à própria vida, assumir responsabilmente o seu próprio lugar, orientar as opções em conformidade com uma adequada hierarquia de valores humano-cristãos onde se respeita a cultura e o credo religioso de cada pessoa.

Neste itinerário, a Instituição pretende possibilitar a inclusão social através da maturidade social que se caracteriza por uma autonomia equilibrada, senso crítico, liberdade interior, inserção e pertença a uma família, comunidade, ambiente, respeito, acolhimento e valorização da diversidade (CRUZ, 1993, p.22).

O objetivo geral da “Tenda” é proporcionar espaço de moradia com possibilidade de diálogo, reflexão e acolhida que possibilite a adolescente resgatar sua história e de maneira consciente participar no processo de autovalorização, construção da cidadania e inclusão social. E embora como equipe atua com meninos e meninas, abriga como moradia apenas as meninas.

Os objetivos específicos referem-se aos meios utilizados no cotidiano da vida destas pessoas na casa que facilitará o alcance do geral. São eles: proporcionar moradia digna e momentos de lazer sadio; resgatar a auto-estima; criar limites através da convivência fraterna; despertar o sentido de pertença partilha, união e respeito; ajudar as adolescentes e jovens a assumir responsabilidades na educação de seus filhos, na organização da casa e de seus pertences; contribuir no desenvolvimento das aptidões de cada uma; inserir no mundo do trabalho e estimulá-las a participar da escola formal; e colaborar na reintegração à família quando possível.

1.1 Princípios pedagógicos da “tenda”

Antes da menina vir morar na “Tenda” é realizado um trabalho diretamente na rua, onde através da pedagogia do encontro, somos uma presença solidária na vida destes grupos (meninos e meninas em situação de rua que se encontram na rua, nas casa de desintoxicação, em instituições cumprindo medidas sócio-educativas, os que se encontram presos, que estão na “Tenda” e ainda as que já foram encaminhadas para o mundo do trabalho e casa própria).

A Instituição atua na prevenção terciária, que segundo (CRUZ, 1993, p.27) ela realiza um trabalho específico:

“A prevenção terciária se dirige (...) a pessoas que já estruturaram um comportamento social inaceitável; mais propriamente se deveria dizer, que já experimentaram o desencaminhamento do tipo secundário, talvez já tenham interiorizado uma ou mais formas de estigmas e por isso aceitaram ou assumiram uma lenta transformação de sua personalidade, até a formação de uma identidade negativa generalizada”.

Esta ação educativa encontra-se fundamentada em alguns alicerces como a relação interpessoal, o diálogo, a bondade e a firmeza, acompanhados da prudência, paciência, misericórdia e perdão.

Para a menina ser acolhida na Instituição mesmo quando encaminhada pelo Conselho Tutelar ou Juizado da infância e juventude é estabelecido por contato prévio um vínculo para que a menina possa livremente optar em estar ou não na casa. Como também a acolhida é feita pelas que já residem. Sendo assim quando esta chega à instituição é alguém esperada e todas a chamam pelo nome, pois acompanham indiretamente o processo da formação de vínculo por meio dos representantes da “Tenda”.

Ao apresentar a proposta da “Tenda” durante o acompanhamento é necessário que se deixe claro para estas, alguns critérios, uma vez que assumimos em parceria com as mesmas a responsabilidade de educar os filhos, através de um ambiente saudável e acolhedor, o que necessita de algumas normas de convivência (não agressão física, não usar drogas lícitas e/ou ilícitas), participar integralmente de todas as atividades da casa, cuidado com a higiene pessoal, limpeza do ambiente, cuidado com a saúde integral dos filhos, inclusive participar das terapias com estes quando necessário, educação formal fora da “Tenda”, reforço escolar, oficinas (corte e costura, cartões, pinturas, bijuterias e todas as atividades de arteterapia

desenvolvidas na casa. Estes critérios são estabelecidos em grupo, portanto flexíveis de acordo com a decisão e reflexões realizadas em assembleias e reuniões mensais com meninas, educadores e equipe administrativa mensalmente, onde é priorizado a realidade e aptidões de cada pessoa e grupo que está vivendo ali, no momento.

Acreditamos que estes critérios fazem parte do processo como meio facilitador para o despertar da co-responsabilidade, vivência em grupo e autonomia para gerir a própria vida. O que vai exigir também, por parte do Educador da Instituição, preparo técnico-científico e experiência para agir de acordo com as exigências e necessidades da proposta educativa (MERLO, 1987)

Por este motivo o Educador social de rua que está vinculado à “Tenda” exerce algumas atividades no espaço rua, objetivando o despertar de novas realidades. Entre estas consideramos relevantes: O criar vínculo com a menina e menino em situação de rua; acompanhá-los em seu processo; respeitar o processo de cada um e de cada uma; encaminhar e acompanhar para as instituições de desintoxicação a partir da solicitação e aceitação livres dos sujeitos.

Após os nove meses, período este que é estabelecido para a desintoxicação pelas instituições que prestam este serviço, a menina que desejar, será encaminhada a “Tenda”, e o menino acompanhado pela mesma instituição num processo de inclusão social, será encaminhado para a realização de cursos profissionalizantes, viver de aluguel e inserção em projetos da casa própria.

As meninas na sua maioria são gestantes, menores, mães, cujo processo vai depender muitas vezes de questões jurídicas no que se refere ao cuidado com o filho e às exigências que requer esta situação, o que exige um espaço que ofereça a esta gestante, menor e mãe, segurança para ela e para o filho e ao alcançar a

maioridade de acordo com sua caminhada é encaminhada a casa própria que fora construída em mutirão durante o período em que esteve na “Tenda”.

A avaliação deste processo ocorre nas reuniões mensais e esta abrange aspectos da caminhada dentro da casa desde o nível pessoal ao funcionamento da mesma, e inclui educadores e educandas.

Todas as decisões ocorrem por meio da interação menina-educador e vice-versa. No cotidiano desenvolvemos algumas atividades nas áreas específicas onde estamos inseridos junto ao grupo de acordo com as habilidades de cada uma, outras fazem parte do cotidiano para funcionamento da casa como também para o aperfeiçoamento no campo profissional.

Ao realizarem o processo e estarem em suas famílias (famílias estas constituídas pelas mesmas e seus parceiros) continuamos o acompanhamento e suporte como um membro da família, socorrendo nas diversas necessidades devido à baixa escolaridade, dificuldade de trabalho e outros. Em período de férias as crianças preferem passar onde nasceram e começaram a dar os seus primeiros passos. Na verdade chamamos de “Tenda”, mas para elas é a casa da mãe e irmãos.

Constatamos que através da pedagogia desenvolvida no acompanhamento na rua, prisão, outras instituições, e na casa, o vínculo estabelecido é muito forte onde o grupo sente-se amado, valorizado e impulsionado a buscar novas alternativas de vida. Confia inteiramente nos educadores, são capazes de partilhar suas histórias de vida e ao mesmo tempo assumir com determinação seu processo. Ao entrar para a Instituição de desintoxicação e vir morar na casa a jovem abandona completamente qualquer tipo de droga e álcool.

Apesar de possuírem uma história de vida fragmentada, muitas com experiência de rua, violência sexual e familiar desde os quatro anos de idade, quando se sentem amadas, valorizadas como são, ocorre um profundo despertar para a própria existência, com desejo de reconstruir a própria história, e aquelas que saem da rua grávidas sentem a necessidade de oferecer a seus filhos uma vida diferente.

O período para cada menina fazer o seu processo de recuperação e resgate da própria história, com encaminhamento ao mercado de trabalho e construção da casa própria varia de sete meses a cinco anos, depende da caminhada de cada uma e sua história de vida. Constatamos também que os filhos destas adolescentes e jovens que nasceram na Instituição não apresentam nenhum comprometimento no seu desenvolvimento psicomotor, estas constatações foram realizadas através de parecer das escolas onde estudam, e por pesquisas científicas que foram desenvolvidas na Instituição (Morais & Kuhn, 2004). Mas necessitam de acompanhamento psicológico para trabalhar algumas questões vivenciadas pelas mães no período da gestação ou como estas foram gestadas, que repercute no comportamento destes através da violência, dificuldade para trabalhar limites e outros.

O grupo que vive na “Tenda” é livre para sair se assim desejar. Se ocorrer o caso de uma sair e solicitar o retorno, este dependerá do motivo da saída e aceitação de todos os membros da Casa, como também o reinício do processo na busca do desvinculamento com os grupos de rua e outros que possam colocar em risco a própria vida e a vida das pessoas que vivem na “Tenda”.

O fato de serem acompanhadas em sua história de vida como se acompanha uma filha no seu crescimento e desenvolvimento de maneira personalizada, são fatores que as fazem sentirem-se bem, em seu próprio espaço, pois as mesmas afirmam que ali é sua casa e não uma Instituição, onde as definições são assumidas com co-responsabilidade na busca do bem comum.

2. SUJEITOS DA HISTÓRIA

Conforme descrevemos na metodologia daremos aos sujeitos entrevistados nomes fictícios da fauna e flora para preservar suas identidades. Mesmo que a opção de alguns nomes apareçam no masculino estão atribuídos aos sujeitos femininos pela relevância do seu significado atrelado à vida destas pessoas.

São pessoas marcadas profundamente pelas condições desfavoráveis de vida, mas ao mesmo tempo carregam em si uma força, uma determinação e inteligência que as capacitam a superarem os desafios do vício, do vínculo com o mundo do crime e todos os tipos de atrocidades e defenderem a vida como jamais foram defendidas.

Não passaram muito tempo nos bancos escolares, mas são mestras da própria vida, porque souberam dar um outro sentido as suas existências, mesmo em condições sub-humanas. São autodidatas, pois no mundo em que viveram parte de suas vidas lhes ensinaram a matar, roubar e a perceber o outro como um inimigo a ser destruído, e mesmo assim conseguiram preservar sentimentos nobres de solidariedade, co-responsabilidade e defesa da vida, mas acima de tudo a coragem de reconstruírem suas vidas do nada.

São meninas – mulheres, heroínas que jamais veremos nos livros de recordes, muito menos nos meios de comunicação social como exemplo a serem seguidos, pois trazem consigo os estigmas da exclusão, do preconceito por serem mulheres, mães solteiras, por terem vivido em situação de rua e usuárias de drogas. A sociedade ainda não sabe que apesar de tudo conseguiram sobreviverem e resgataram sua dignidade. Trazem em seu corpo e em suas vidas a marca da violência nos seus mais variados níveis, mas a ternura e o desejo de serem mães zelosas e defensoras de suas crias a dureza da vida não fora capaz de matar.

2.1 IPÊ ROXO

É hoje uma jovem com vinte quatro anos de idade, sorriso aberto, acolhedor, mãe apaixonada por seus dois filhos, um de nove anos e o outro de sete. Cursa Serviço Social em uma Universidade particular através de bolsa de estudo. Passa no momento por sérias dificuldades financeiras para manter-se juntamente com os filhos. Frente a estes desafios coloca-se com disposição e coragem no dia-a-dia para superar o déficit econômico, realizando bordados, cartões, como diarista, carpir lotes, e tantos outros. É uma apaixonada pela vida.

Foi para a rua com mais ou menos onze anos; viveu nela um período de oito a nove anos, esteve na Tenda por três anos, e fora dela há três também. Portanto tem seis anos fora da rua. Quando teve seu primeiro filho vivia em situação de rua.

Sua disposição é assustadora, não se dá por vencida. A energia que traz consigo retrata a auto-estima positiva que carrega dentro de si, o que possibilita a superação dos limites nas diversas dimensões, em busca da realização concreta de

seus sonhos. Solidária, especialmente com as pessoas que viveram e vivem as experiências de rua. Fez uso de cola de sapateiro, cocaína, crack, loló, benzina, bebida alcoólica e ro-hypnol. Tem casa própria que foi construída em mutirão, mas mora com o avô de consideração para cuidar do mesmo.

Seu sonho é atuar no mundo da rua como assistente social, para motivar outras pessoas que vivem em situação de rua como a mesma viveu a sair, e conhecer diferentes formas de se viver.

2.2 IPÊ BRANCO

Destaca-se no bairro em que mora pelo seu bom humor que contagia a todos. Gosta de esportes e entre eles jogar futebol e truco. É esbelta, possui um sorriso largo, está concluindo seu último ano do ensino médio. Hoje tem uma auto-estima positiva que possibilita investir nas potencialidades pessoais, assumir-se como pessoa e desta forma contribuir na educação de sua filha de seis anos.

Às vezes fica triste quando não é acreditada pelas pessoas, mas supera com certa facilidade pela habilidade que possui em comunicar-se. Está desempregada no momento, mas as dificuldades não lhe arrancam da face o sorriso aberto e acolhedor. Hoje se sente feliz em assumir-se como homossexual sem se envergonhar frente às pessoas. Recentemente passou na primeira etapa do Concurso Comurg, para limpeza urbana.

Atualmente tem 24 anos de idade, foi para a rua com treze, permaneceu por três anos e esteve na Tenda duas vezes, sendo que na primeira permaneceu oito meses e na segunda, sete. Há três anos saiu da Tenda. Já fez uso de cola de sapateiro, maconha, e merla. Mora na casa própria que foi construída em mutirão.

2.3 AZALÉIA DO CERRADO

Disposta, se destaca pelo cuidado para com os filhos, gosta de vê-los bem alimentados e livres para brincar. Encontra-se grávida do quinto filho, batalhadora. Está sempre de bem com a vida. Ao perceber que as pessoas estão em dificuldade se propõe em ajudar na medida do possível e sempre afirma “*onde come um come dez*”. Conhecida como a mulher que dá a luz num piscar de olhos. Não está mais desempregada, passou no concurso da Comurg para trabalhar na limpeza urbana. Não há nada que tire sua espontaneidade e alegria. Sua casa está sempre cheia de amigos e vizinhos.

Tem vinte quatro anos, seus filhos são: uma menina de dez, uma de seis, uma de três, e um menino de dois. Foi para a rua aos nove anos e está fora da Tenda há três. No período em que esteve na rua fez uso de cola de sapateiro, esmalte, pó, merla, maconha, bebidas alcoólica e ro-hypnol. No momento acolhe em sua casa, que construiu em mutirão, uma de suas irmãs que passa por dificuldades.

2.4 IPÊ AMARELO

Reservada, tímida, protetora dos filhos e amiga, de forma especial daquelas que como ela viveu a experiência de rua. Encontra-se grávida do quarto filho. Gosta de costurar, não abre mão dos seus filhos, uma menina de sete anos, com problemas de audição em decorrência ao uso de droga, uma outra de um ano e um menino de dois anos. Sua maior alegria é saber que mora dentro da sua própria casa. Sente orgulho em recordar tudo que viveu na rua e o que precisou passar para

sair dela como também para defender seus filhos dos perigos que esteve exposta em muitos momentos, ao fazer a opção de mudar de vida. Está com 24 anos, foi para a rua com doze, fez uso de merla, cola de sapateiro, cocaína, benzina, loló, maconha, bebida alcoólica e ro-hypnol.

2.5 IPÊ ROSA

Em muitos momentos de sua vida sente-se frágil com seu estado de saúde por possuir traços da anemia falciforme. Sua maior alegria é quando está trabalhando e tem a possibilidade de comprar as coisas para seu filho de um ano e dois meses. Por ainda ser menor (16 anos) e legalmente não lhe ser permitido morar sozinha sem um parceiro de maior idade ou um responsável, encontra-se na Tenda aguardando a maioridade para ser encaminhada.

Não gosta muito de estudar, mas se esforça. É uma adolescente meiga, se abre com facilidade quando se sente acolhida e valorizada como pessoa. Busca no seu cotidiano o autoconhecimento para superação de algumas feridas registradas na infância. Gosta de dançar, ir ao clube e trabalhar com plantas.

Começou a usar drogas quando ainda estava com sua mãe aos sete anos de idade, com onze a doze anos foi para a rua, onde permaneceu por um ano. Esteve na “Tenda” por um ano e meio, saiu com quinze para morar com um jovem com quem namorava, como não deu certo retornou para a “Tenda” com seu filho. Faz, portanto, um ano que retornou pela segunda vez por não ter maioridade. Desde os quinze anos está inserida no mundo do trabalho através de projetos que proporcionam a experiência do primeiro emprego para adolescentes. Ganha meio salário mínimo. Estes são projetos do município. Fez uso de cola de sapateiro e

bebida alcoólica. Sua mãe até o momento é alcoólatra. Ainda carrega a dor de ter sido vendida pela mãe aos dois anos de idade.

Fez todo o processo de inclusão social, residia em sua casa com o seu parceiro e filho, mas em um dado momento não foi possível continuar a relação e a menoridade exigiu que retornasse para a “Tenda”. Embora no momento não resida em sua casa a incluímos no estudo pelo processo de recuperação que realizou.

2.6 GARÇA BRANCA

Determinada em conquistar o que quer, lutadora e dinâmica. Cuida de seu filho de dois meses. Sente-se imensamente feliz em ter sua casa própria e ter concluído seus estudos de ensino médio. Todos a conhecem pelo seu andar ligeiro e força de vontade.

Foi para a rua com dez anos, fez uso de cola de sapateiro, merla, maconha, e bebidas alcoólicas. Atualmente trabalha como auxiliar de turma em uma creche escola com carteira assinada com um salário mínimo. Construiu sua casa em mutirão onde ganhou em primeiro lugar pela sua participação e nenhuma falta mesmo estando gestante em todo o período. Esteve na Tenda por dois anos. Sonha em fazer o curso técnico de enfermagem e comprar uma moto. No período pós-parto esteve na “Tenda” para se restabelecer e por considerar esta como sua casa, a casa de sua verdadeira mãe. Geralmente nos finais de semana sempre vem visitar-nos com seu filho e atual parceiro.

2.7 SEMPRE-VIVA

Ainda hoje carrega no peito a dor da morte acidental de seu filho de dois anos de idade. É meiga, amiga e solidária com os amigos que viveram a mesma experiência de vida. Está a procura de trabalho e vai tentar estudar. Teve dois filhos, o menino que morreu aos dois anos de idade e uma menina de sete anos que mora com uma de suas irmãs. Está desempregada no momento. Foi para a rua com 14 anos, atualmente tem 29, fez uso de maconha, merla, cola de sapateiro, tinner, ro-hypnol, cocaína, crack, loló e bebidas alcoólicas e ainda hoje tem dificuldade de lidar com o uso de bebidas alcoólicas.

Em muitos momentos sente-se deprimida em decorrência da morte de seu filho a quem muito amava. Não mora na casa própria por ter saído da Instituição para morar com um companheiro que não deu certo. Reside com uma amiga. Esteve na “Tenda” por três anos. No período em que esteve na rua era temida, respeitada, e querida por todos, ainda hoje os que continuam em situação de rua a recordam pelo seu cuidado para com os menores.

2.8 IPÊ PARDO

Atualmente reside com sua irmã que também viveu em situação de rua, numa pequena casa deixada por sua mãe que faleceu em 2005 de cirrose alcoólica. Possui três filhos, dois meninos um de sete e o outro de um mês e uma menina de três anos, sendo que a menina está sob a guarda provisória da madrinha, isso pela impossibilidade no momento de cuidar da mesma e o menino na “Tenda”.

Carrega dentro de si muita força de vontade para vencer as dificuldades financeiras. Não tem boa saúde em decorrência do uso do álcool e drogas quando

vivia em situação de rua. Hoje tendo superado os vícios sente no cotidiano as conseqüências no próprio organismo.

Nasceu na rua, pois sua mãe era andarilha, mas ficava em abrigos situados nas regiões por onde a mãe andava, aos quinze anos saiu dos abrigos por onde passava e foi para a rua, saiu desta em definitivo aos dezoito anos, viveu na Tenda por cinco anos. Fez uso de maconha, merla, cocaína, beladona, bebidas alcoólicas e ro-hypnol. Passou na primeira etapa do concurso da Prefeitura de Goiânia para limpeza urbana, mas não foi possível realizar a prova prática por estar em período pós-parto.

Sempre comenta sua dificuldade em viver sozinha com os filhos, pois esteve na “Tenda” por cinco anos, e afirma que esta é a sua casa, o seu próprio lar parece ser estranho. Está sempre sorridente, mesmo frente aos desafios que enfrenta no seu cotidiano.

3. AS HISTÓRIAS DE VIDA

Para melhor aprofundarmos as histórias de vida que traz consigo a relevância dos fatos e o momento vivenciado em cada etapa optamos por apresentar as narrativas, em um tempo cronológico, trazendo em cada momento as narrativas individuais de cada sujeito.

3.1 A VINDA PARA A RUA

Identificamos através das falas que a vinda para a rua está ligada aos fatores da desestrutura familiar, violência doméstica, violência sexual, abandono familiar, influência de amigos e desafio.

3.1.1 IPÊ ROXO

Chegamos em sua casa para a entrevista, onde éramos esperados com um delicioso bolo de cenoura com cobertura de chocolate. Fomos recebidos com muita festa por Ipê Roxo, seus dois filhos, gerados no período em que vivia em situação de rua, e por seu avô.

Antes de darmos início à entrevista sentamos à mesa para lanchar. O ambiente tranquilo com uma área grande cimentada e outra parte com goiabeiras. O espaço muito agradável como também a higiene da casa. Se não soubesse de quem se tratava não diria que aquela jovem era a mesma que tínhamos conhecido oito anos atrás em situação de rua, com uma aparência não muito agradável, frágil, magra e às vezes distante. Ipê roxo sentia profunda alegria em mostrar cada canto de sua casa com os seus toques, pois a mesma tem um dom especial para trabalhar com artesanato. Sua criatividade para pintar quadros e fazer tapetes é extraordinária.

Ao apresentar seu quarto expressava a gratidão e ao mesmo tempo realização pela vida que estava levando no momento. Estava muito alegre, pois recentemente havia ganhado um computador com ajuda de padrinhos que também contribuem para seu estudo e de seus filhos. Para os trabalhos da faculdade agora não precisava mais buscar um computador de colega em colega, já que agora tinha o seu. Quanta conquista!

Ao iniciarmos a entrevista propriamente dita nos sentíamos estranhas, ela e a entrevistadora, e para disfarçarmos demos uma bela gargalhada e em seguida Ipê Roxo comentou:

"Como é estranho contar a história para alguém que sabe até mais do que a gente mesmo, porque existem detalhes da minha vida quando eu estava drogada que você sabe mais do que eu, mas ao mesmo tempo é bom falar da gente pra quem nos conhece bem".

Na verdade ao iniciarmos a entrevista nos sentíamos estranhas em falar e gravar o que já conhecíamos e estava impresso na alma. Fazíamos perguntas sobre as quais parecíamos já ter as respostas. Neste momento parecia que estávamos fazendo mais uma comédia do que o relato de um drama vivido pela personagem. Em seguida já éramos capazes de sorrir, antes esse simples gesto seria, para não dizer impossível, muito difícil.

Do outro lado da janela do quarto estavam seus dois filhos, um de sete anos e o outro de nove, ambos inconformados por não participarem da entrevista. Não foi fácil convencê-los, sendo preciso uma promessa de que logo ao término faríamos uma entrevista com eles. Para darmos início às gravações tomamos como princípio norteador o roteiro seguindo uma seqüência cronológica dos fatos na tentativa de trazermos ao presente a história de vida propriamente dita da pessoa no processo que foi vivenciado em sua vida pregressa de rua

Ipê Roxo tem sua origem em uma família simples, pobre, com o mínimo necessário para sobreviver. Nasceu em uma pequena cidade chamada "Caconde", no interior de São Paulo, no dia 28 de setembro de 1981 às 11:45 da manhã segundo seu relato:

"Eu fui a rapinha do tacho... porque já tinha meu irmão e minha irmã e eu depois de sete anos, eu vim sem muito querer, né! Mas, quando neném eu fui muito bem recebida, acredito que tenha sido".

Ao completar cinco anos seus pais mudaram para Goiânia em busca de melhores condições de vida. Foram morar no setor Jardim Atlântico, bairro

localizado na periferia de Goiânia. Seus pais saiam para trabalhar e Ipê Roxo ficava com seus irmãos em casa, sozinhos, outras vezes os irmãos saiam e Ipê Roxo ficava sozinha. As dificuldades eram muitas em casa.

Uma nova etapa marcou sua vida. Era ir para a escola. Sempre ia sozinha, saía do Jardim Atlântico, periferia de Goiânia para estudar no setor Campinas, Centro, numa distância de 10 a 15km. Estava na 5ª série do ensino fundamental. Aqui já tinha onze anos de idade, sentia-se mocinha, queria ser independente, porém sentia-se presa. Todos saiam e esta ou ficava na casa das amigas quando dava uma desculpa de trabalhos na escola para sua mãe ou fugia de casa sem a mãe perceber, pois esta ficava fora praticamente o dia todo. Com esta rotina deu-se início a novas aventuras que a levaram a caminhos não muito agradáveis, mas o que ocorreu?

“... eu comecei a conhecer é... uns amiguinhos lá da escola que usava droga, ai eu comecei a conhecer o pessoal do colégio e fugir de casa pra cheirar cola, ai mesmo assim eu ia pro colégio, voltava, falava pra mãe da menina que minha mãe deixou, ai comecei a mentir né dentro de casa, ai eu fui né me envolvendo com os meninos da rua mesmo as amizades além de ser do colégio a gente começou a se envolver com os meninos da rua”.

Por outro lado ao relatar estes fatos não esconde sua dor guardada no recôndito mais profundo do seu coração em relação aos atritos familiares como também a presença do alcoolismo e promiscuidade presente na relação entre seus genitores, ora pela mãe, ora pelo pai. Ambos agiam como se nada soubessem um do outro, mas de certa forma isso interferia na relação entre os filhos, pois algumas destas relações eram presenciadas por Ipê Roxo e seus irmãos tanto do lado do pai como da mãe.

3.1.2 IPÊ BRANCO

Em uma bela tarde ensolarada do dia dez de fevereiro de 2005, às dezesseis horas chegamos a um bairro da periferia de Goiânia chamado Vale do Sonho e popularmente conhecido por Bananal, por ter sido em uma determinada época um local de plantações de bananas. Nos dirigimos a este local para passarmos uma semana com as meninas que já tinham morado na Tenda e ao mesmo tempo para estar ali e realizarmos de forma tranqüila nossa coleta de dados. Tivemos um período para as conversas pessoais que costumamos ter esporadicamente para saber como tem sido a caminhada de cada uma.

Ao chegarmos com a Kombi da Tenda todas as crianças com pés descalços e com aspecto que estavam brincando livres e felizes no barro correram juntamente com as mães e vizinhas que também costumam ir à Tenda nos finais de semanas e nos aniversários que ali sempre festejamos. Parecia estar chegando naquele lugar humilde sem asfalto e saneamento básico uma grande novidade, pois a alegria era tamanha que as pessoas que nos conheciam e que não estavam presentes eram chamadas pelas as crianças "mãe as irmãs chegaram!" A nossa chegada era um acontecimento único. A emoção tomava conta dos nossos corações. Como podemos com tão pouco ou quase nada fazer tantas pessoas felizes? Mas assim é a vida. Assim é o pobre. O essencial muitas vezes é sentir-se amado, aceito, acolhido e o que expressa estas ações é lembrado, pelo resto da vida e ao mesmo tempo sua ficha também é repassada para os vizinhos, conhecidos. Não sabíamos a quem abraçar primeiro. Eram muitas as crianças e adultos, faltava-nos braços, mas no coração cabiam todos. Chamavam-nos pelo nome, gritavam-nos e os pedidos das crianças pareciam terem combinado para

falarem ao mesmo tempo: "me leva pra Tenda, me leva pra Tenda, quando você vai me levar pra Tenda?"

Estar com estas famílias que renasceram e nasceram na tenda é algo muito mais que uma pesquisa. É sentir-se um no meio da família. É sentir-se nada no meio do tudo. É constatar em meio aquela pobreza a coragem daquelas meninas e das demais famílias que ali residem, que é possível ser diferente, ter dignidade mesmo passando por necessidades materiais, mas a solidariedade certamente não faltava, ali a partilha era presente em todos os aspectos. São valores que muitas vezes no meio em que vivemos não temos por não sentirmos falta de nada, somos muitas vezes auto-suficientes, míopes para alguns valores que só os pobres sabem nos ensinar.

Ao olhar nos olhos de cada uma daquelas meninas que acompanhamos na rua, e na instituição percebíamos o milagre da vida, e onde leva a determinação do ser humano quando de fato deseja transformar sua vida. Mesmo que não lhes sejam apresentadas condições favoráveis pelos sistemas políticos, econômicos e sociais do nosso país é possível, através da solidariedade, sermos diferentes e construirmos uma realidade também diferente.

Percebemos neste espaço a existência de algumas necessidades humanas, mas em contra partida muita luta para superá-las. Uma coisa era certa, a droga já não existia em suas vidas, pois sabiam a luta que haviam travado pra deixarem e agora viviam um outro processo. Eram capazes de oferecer aos seus filhos o que outrora não tiveram, que era o amor, e atenção de seus pais.

Sentamos na área de uma das casas e começamos a ouvir as novidades que tinham para contar-nos tanto as mães como as crianças. Era maravilhoso contemplarmos aqueles rostos felizes e todos queriam falar e serem ouvidos ao

mesmo tempo e se fôssemos contar, ali estavam mais ou menos cerca de trinta e cinco pessoas. Parecia mais uma festa do que uma visita. Ao término do bate-papo nos dirigimos à casa de Ipê Branco.

A casa muito limpa e organizada. Cerâmica branca formando um contraste com o barro do local. As condições financeiras ainda não deixaram terminar de fazer o banheiro e as necessidades fisiológicas são realizadas na mata ao lado da casa ou na casa da sua irmã de sangue que também é vizinha e no momento mora perto por estar fazendo um trabalho de acompanhamento com psiquiatra e psicólogo em decorrência de uma perda espontânea que teve de uma criança.

Ipê Branco reside com a mãe e sua filha de quatro anos. A Casa em que reside é própria adquirida através da parceria que a “Tenda” tem com outros projetos. A aquisição foi realizada no período em que morou na instituição. A construção foi em regime de mutirão. Sua filha estuda em uma escola particular, localizada no próprio bairro onde reside, com ajuda de bolsa adquirida através da Tenda e outras instituições.

A mãe de Ipê Branco é muito doente, possui uma lesão na perna, que persiste há muitos anos e que resiste em não cicatrizar, mesmo sendo submetida a vários tratamentos de saúde, onde se tenta no momento através da medicina alternativa. Para facilitar o seu tratamento passará um tempo na Tenda, pois ali tem a facilidade de condução e ao mesmo tempo fará repouso e alguns exames para verificar o que se pode fazer. Ipê Branco ficará em casa com a filha neste período.

A conhecemos há oito anos, é uma jovem meiga, responsável, carinhosa com a filha, gosta de estudar, tem consciência da superação de muitos desafios em sua vida, mas as vezes sente-se incapaz de cuidar de sua filha a altura do que sua mãe espera. É muito comunicativa com os vizinhos e amigos, possui muita facilidade

para fazer amizades, é muito sorridente e espontânea, gosta de jogar futebol e sonha em ser jogadora.

Após tantas aventuras, tantas conversas fomos preparar o jantar em mutirão e a noite parecia dia, tínhamos muitas novidades para ouvir.

Estivemos ali com Ipê Branco e as outras meninas cinco dias e para a entrevista propriamente dita reservamos uma tarde onde nos embrenhamos na mata. No silêncio desta, com o cantar apenas dos pássaros, realizamos nosso trabalho.

Ipê Branco só possui uma irmã e sua mãe. Seu pai faleceu quando tinha quatro anos de idade, após isso sua mãe se desestruturou, começou a beber e fez da bebida um cotidiano em sua vida. Aos treze anos resolveu sair de casa, mas na verdade esta idéia nunca lhe tinha passado pela cabeça, relata.

"Não passava pela minha cabeça é morar na rua, morar longe da minha mãe assim não. Mais ai teve um dia que uma amiga minha falou assim, pra mim eu levei como desafio. Ela perguntou se eu tinha coragem de fugir de casa, eu falei que sim, só que, ela não dava certo com a mãe dela eu acho, não sei, ai ela já tava planejando isso e como eu falei que sim ai ela foi e mim cobrou no outro dia, falou vamos? Ai eu já tinha falado que tinha coragem, eu acho que assim ela ia ficar falando pra mim ah você não tem coragem tal. Ai eu levei como desafio. Ai eu peguei arrumei minhas coisas e a gente saiu de casa..."

Neste contexto lhe perguntamos como era o relacionamento com sua família?

"É assim, eu achava que minha mãe é assim né puxava saco da minha irmã, colocava eu porque eu lembro que só eu que ajudava ela lavar roupa, então eu acho que só eu que ajudava sempre mais minha mãe. E eu às vezes eu queria jogar futebol que eu sempre gostei e ela não deixava que eu tinha que fazer as coisas, eu não via minha irmã ajudando, então pensava que ela puxava saco da minha

irmã, e mais ai é quando ela me batia... ela gostava mais de minha irmã do que de mim... ela mim batia de vara... por isso que eu resolvi também sair de casa...”.

Ao relatar sua história, Ipê Branco recorda-se de todas suas aventuras que para ela, quando estava vivenciando, era uma novidade, pois acabava com sua rotina como também ajudava a fugir um pouco da realidade de sua mãe que prefere não falar por fazê-la sofrer muito ainda. Esta situação está muito ligada com a morte do seu pai. Vamos perceber que apesar da dificuldade que vivia no seu relacionamento com a mãe, não usou drogas até os treze anos como ela nos conta:

"Eu comecei aos 14 porque 13, eu fugi de casa e não usava".

3.1.3 AZALÉIA DO CERRADO

Ativo, inteligente, rápida e perspicaz como a maioria das crianças brasileiras marcada pelo abandono e indiferença. É de uma família de quatro irmãos. Teve sua família desestruturada com a separação dos pais quando tinha apenas um ano de idade e sua mãe sem condições de criá-la a deu para seu avô. Por sua vez seu avô era solteiro, sozinho, mas dedicado. Contribuiu para que sua neta tivesse a experiência de ser amada, aceita e acolhida. Não sentia o mesmo em relação a sua mãe. Após oito anos sua mãe decide toma-la do avô. Ao relatar este pedaço da sua história sentimos as palavras presas à garganta. É dor e emoção que vêm à tona. Ela não contém as lágrimas que começam a escorrer pela face. Respira fundo e prossegue:

“Quando eu tinha oito anos minha mãe decidiu mim pegar. Pegar eu dele de volta. E ela não era boa que nem ele, não mim dava carinho como meu avô mim dava, eu sentia que ela queria eu pra fazer as coisas pra ela, ela só pegou eu porque eu tinha crescido mais, e eu tinha que fazer as coisas pra ela, cuidar dos irmãos mais pequenos, ai

quando ela mim batia, que praticamente todos os dias ela queria mim bater, e eu corria, sempre eu corria, corria. Até que um dia um pessoal mim chamou a polícia, a polícia mim levou pro SOS criança, ai eu conheci o primeiro abrigo que eu morei né... Cheguei lá e conheci as meninas. No primeiro dia as meninas mim convidaram pra sair, pra ir pra rua...”.

História que se entrelaça com as histórias de milhões de crianças brasileiras com lares desestruturados em que seus genitores necessitam de suporte tanto quanto ou mais que os filhos, e estes por sua vez, obedecendo à lei da sobrevivência, criativamente buscam novas alternativas de vida sem ter muito certo o que buscam e onde irão parar. É preciso tentar sanar a dor do abandono que corroe por dentro e de alguma forma precisa dar uma solução, e quem sabe, para muitos, esta esteja na rua e nas drogas.

Realidade esta que leva a um enfraquecimento dos vínculos familiares, o abandono escolar e conseqüentemente um crescente número de crianças e adolescentes vivendo em situação de rua, o que vem confirmar uma verdade dita por Kaloustian (1994,p.63):"se abandono existe, não se trata de crianças e adolescentes abandonados por seus pais, mas de famílias e populações abandonadas pelas políticas públicas e pela sociedade".

3.1.4 IPÊ AMARELO

Reside no mesmo setor que Ipê Branco e Azaléia do Cerrado. São amigas desde os tempos de rua e de convivência na “Tenda”. Ipê amarelo nasceu em Goianésia. Tem quatro irmãos. Seus pais são vivos. Tem pouca convivência e sempre morou com seus avós. A história da infância excluída só muda de endereço. A realidade é a mesma, sempre marcada pela miséria, abandono familiar e violência doméstica. Ao questionarmos sobre o motivo que a levou para a rua esta afirmou:

"Porque não tinha o apoio de minha mãe, morei com ela um tempo, não deu certo, porque ela era casada com outro homem, então nós dois não se dava

muito bem. Fui embora pra casa dos meus avos, minha mãe escolheu entre eu e meu padastro, ela preferiu ficar com ele, fui pra casa de meus avos, lá tinha um tio, uma tia que usava drogas e ia pra rua. E eu vivia agüentando humilhação do meu vô. Dizia que eu vivia de favor, que eu tinha que fazer tudo que eles queriam, vivia mim mandando ir embora, e eu ficava de casa em casa, e eu fui cansando daquilo, fui saindo pra rua pra usar droga lá mesmo no setor e depois fui passando a sair pro centro pra ta roubando e teve uma vez que eu fui e não voltei mais".

Gomes, (1996, p.163) ao trabalhar com história de vida de meninas na rua pontua alguns acontecimentos além da violência, da pobreza e dos conflitos familiares, as lançam para este espaço: "A fuga ou a expulsão da casa, a saída de casa com a mãe e irmãos para a rua, a venda de mercadorias, o esmolar, o roubar, e as constantes passagens por instituições".

3.1.5 IPÊ ROSA

Cada história de vida é única num universo marcado pela pobreza e indigência que leva muitas vezes o ser humano indefeso, rejeitado desde sua remota existência a aprender a se defender, a desconfiar e a temer seus semelhantes. Daremos inicio a mais uma narrativa carregada de dor, mas também de coragem por parte de alguém que desde cedo precisou desenvolver habilidades que a mantivesse viva. O mundo às vezes desaba em nossas cabeças desde a terna idade. Os conflitos e os desafios não esperam uma idade nem o momento certo. Chega sem avisar e vamos no decorrer do cotidiano aprendendo a dar os primeiros passos para vida e nem sempre estes passos são por vias planas, às vezes é necessário á passagem por lugares íngremes, e assim foi e é a vida de Ipê Rosa. Ao falar de sua origem traz um nó na garganta, algo que a marcou profundamente em sua vida e que vale a pena lermos com palavras dela, pois estas contêm o peso e a essência da vivência.

"Eu nasci aqui em Goiânia, o nome da minha mãe é..., do meu pai é... Minha mãe, Eu não convivi muito tempo com minha mãe não. Minha mãe, primeiro diz ela né, primeiro, ela mim vendeu pra um casal, né de São Paulo que mora aqui. Ai como eles não pagaram, a minha mãe, só que eles não pagaram e queriam mim registrar no nome deles, ai minha mãe não quis, ai foi e mim pegou eu de volta....Ai a partir do momento que eu fui morar com ela era diferente,né, ela bebia muito,as minhas irmãs já tavam no mundo, já, já usavam drogas, já ia pras festas. Ai eu fui vendo aquilo, e fui indo também... meu padraço... ele falava que eu tava piscando pra ele, e minha mãe defendia ele, ai eu peguei e vim morar na rua."

Histórias como esta nos levam a profundas reflexões onde detectamos as reais condições de vida em que se encontram suas famílias, como também o descaso e a indiferença a que são submetidos, “abandonando-os à própria sorte” (RIZINI & SILVA, 2003).

3.1.6 GARÇA BRANCA

Garça Branca nasceu em Goiânia no dia 20 de maio de 1985 e sempre morou em Goiânia. Desde sua infância sempre fora desprezada pela mãe e esta atitude era manifestada pelas diversas vezes que a entregava a outras pessoas para cuidarem dela. Na adolescência era incentivava insistentemente a sair de casa.

Constatamos nesta narrativa a ocorrência da violência psicológica. E negligência, onde seus genitores apresentam-se sem condições de prover o cuidado de acordo com as necessidades físicas e emocionais do ser humano, e psicológica por esta sentir-se abandonada, desencadeando assim um "sofrimento mental" (BESERRA, 2000).

3.1.7 SEMPRE-VIVA

Nos encontramos durante a semana para conversarmos, e ao mesmo tempo realizarmos a entrevista. Ela esteve em nossa casa. Somos vizinhas e ela tem trabalhado muito como secretária do lar, não sendo assim possível realizarmos esta atividade durante o dia. Estar com Sempre-Viva é sempre uma alegria. Já nos conhecemos há muitos anos, mas precisamente desde que vivia em situação de rua. Sempre-Viva tem hoje vinte e oito anos. Vive atualmente com sua mãe, e teve dois filhos: uma menina e um menino. Ao contar como era sua vida antes de ir para rua falou:

"Antes de ir pra rua? Ah! Eu não dava bem com a minha família não... meu padrasto sabe? Meu padastro bebia muito, batia na minha mãe, sabe? Minha mãe grávida, e eu ficava vendo aquelas coisa e queria dar dinheiro pra abusar de mim, pra mim transar com ele, queria pegar no meu peito...ai eu falava pra minha mãe pegava e

falava que, que era mentira, mim batia de fio, pisava na minha cabeça...”.

3.1.8 IPÊ PARDO

Ipê Pardo é uma menina que praticamente nasceu na rua por sua mãe ser andarilha. Quando lhe perguntamos onde nasceu, afirma:

"Quando eu nasci, nasci em Foz do Iguaçu, minha mãe foi pra lá porque minha mãe era andarilha, “era”trecheira”, então não nasci no hospital, não teve tempo dela ir pro hospital, nasci em casa, quem fez o parto foi uma parteira eu saí de lá muito pequena a minha infância dos três anos era viver na rua, minha mãe vivia nas praças..”.

Nascer neste contexto é algo que revela as condições econômicas e sociais a que são submetidas milhões de famílias brasileiras e o descaso de alguns órgãos, que obrigam de certa forma, estas a viverem em constante migração "abandonadas e desprotegidas" (PERES, 1997).

A partir do núcleo temático da vinda para rua, identificamos nas narrativas quatro sub-temas: conflito familiar, abandono familiar, violência doméstica e violência sexual. Percebemos que esta realidade perpassa direta ou indiretamente nas falas dos sujeitos, e cada situação especifica desencadeia uma epifania, motivando desta forma os indivíduos a buscarem alternativas para a mudança desta situação.

Milani (1999), ao apresentar a família e sua influência na formação do indivíduo afirma:

“Embora existam múltiplas formas de família em nossa sociedade, distintas dos moldes tradicionais, o fato é que, independente de sua estrutura, a família é o primeiro grupo, a primeira escola, a primeira comunidade e a primeira experiência de exercício de cidadania que todo indivíduo vivência, sendo essa experiência profundamente

marcante e, muitas vezes, determinante na trajetória de vida... Frequentemente o convívio familiar é marcado pela violência doméstica - cujas principais vítimas são crianças, adolescentes e mulheres”.

Estas experiências negativas apresentam conseqüências na trajetória de vida destas pessoas de forma a comprometer sua auto-estima, o que requer das instituições e pessoas que atuam diretamente com estes sujeitos, competência para atuar e implementar intervenções que possibilitem a busca do autoconhecimento e enfrentamento às situações de conflito da própria vida. Dai a importância em garantir a formação contínua dos profissionais (BEZERRA, 2003) e das pessoas que estão neste processo de reconstrução da própria vida.

A relação direta com o que encontramos nas falas dos sujeitos e o que nos é apresentado pela literatura se atrela na medida em que enfocamos estes sujeitos junto a seus genitores, vivendo a experiência de violência em todos os ângulos, o abandono familiar (NETO, 2004; MILANI, 1999; GOMES, 1996; COUTO, 2003; ALVES et al, 1999; KOLLER, 2000b; JUNQUEIRA, 2003; TRAVERSO-YÉPEZ & PINHEIRO, 2002; SOUZA, 2000; VIEIRA & MARTINS, 2004) e posteriormente a evasão para o mundo da rua.

3.2 A VIDA NA RUA

A rua se apresenta como uma alternativa extrema de “pedido de socorro”. E por meio da ação de educadores de rua, as meninas identificaram uma possibilidade de reestruturação de suas vidas. Em suas falas fica evidente o papel da

Instituição “Tenda”, enquanto mediadora para que pudessem, dentro de seus próprios limites, reconstruírem suas vidas em uma nova família.

Esta categoria, portanto apresenta o cotidiano dos sujeitos em estudo com suas características e desafios pessoais enquanto viviam neste espaço como: atividades lícitas e ilícitas, linguagem própria, ausência de um adulto responsável, regras de convivência e sobrevivência, “liberdade”, uso de drogas, discriminação social, ausência de responsabilidades, relação de poder do menino sobre a menina como objeto “sexual, prostituição, gravidez, e outros. Para melhor compreensão e análise destes aspectos inerentes à história de vida de cada menina e ou adolescente apresentamos a discussão a seguir.

3.2.1 IPÊ ROXO

Para Ipê Roxo a rua representava: *“Liberdade de ir e vir, a ausência de um adulto a quem deveria prestar satisfação dos seus atos”*.

Ela teria que conquistar seu espaço, fazer seu caminho, ser gente grande, dona de si. Ao abordarmos como era viver na rua esta nos dá uma resposta não muita esperada, pois para quem não viveu ou vive neste contexto o mais óbvio é classificar a rua como um lugar não apropriado para se viver, no entanto Ipê Roxo nos surpreende ao responder: *“Ah... Sabe que eu achava bom...”*.

É como se a resposta não nos tivesse sido compreendida mais uma vez, lhe perguntamos por que achava bom? E prontamente afirma:

“Porque na minha cabeça tinha assim que eu fazia o que eu queria né. Eu não tinha mais pai e mãe pra manda ni mim, pra mim bater por causa de alguma coisa errada, eu fazia o que eu queria. Eu pedia, eu roubava, eu usava a droga que eu queria, eu dormia a hora que eu queria”.

Medeiros (1998) debate em sua tese exatamente este sentimento de liberdade que carregam, pelo fato de não existir neste espaço um adulto responsável.

Ao pedirmos que citasse as drogas mais utilizadas neste período esta afirma:

"Cola, maconha, cocaína, crack, loló, benzina, é... Ah! Acho que tudo. Rouphinol, bebida, né". À medida que ingeria essas drogas mais necessidade destas tinha "quando usava. Sentia vontade de usa mais. Cada uma droga tem um feito né, às vezes havia mistura também das drogas, mas a maioria dos efeitos das drogas é você querer usar mais..."

Ipê Roxo relata que viveu em situação de rua por cerca de nove anos e ao que se refere à falta da família afirma que às vezes, quando sentia falta, ia a casa, passava alguns dias, ou meses, mas voltava novamente para a rua. Neste meio tempo justifica que não sofria espancamento conforme ouvia relatos de amigos, mas:

"Sempre que eu fugia de casa e voltava eu levava uma surra e ficava trancada, ou senão meu pai me levava pra construção né que ele trabalhava de pedreiro pra mim ajuda ele e pra eu não fugir de casa".

O ir e vir entre a rua e a casa foi uma rotina que durou na vida de Ipê Roxo de oito a nove anos, sendo que os seus dois filhos foram gerados neste contexto de rua. Após o nascimento do primeiro filho esta retornou novamente para a rua deixando-o com sua mãe, avó da criança.

No período em que vivia na rua, Ipê Roxo era uma adolescente querida e ao mesmo tempo temida e respeitada por muitos, pela sua perspicácia, inteligência e

agilidade em pensar e agir. Embora sendo mulher, tinha no grupo masculino um lugar de destaque por sua liderança e firmeza em agir. Em muitos momentos parecia frágil e sem muito saber o que fazer pelo efeito das drogas, mas jamais deixou de ser líder entre os meninos e as meninas.

Quando visitávamos o grupo em situação de rua, e de maneira especial o que Ipê roxo participava, era sempre uma festa. Tocávamos violão, jogávamos futebol, baralho, dominó e outros jogos pedagógicos e em meio a estas atividades sempre sobrava um espaço para as conversas de “pé de ouvido”, onde de certa forma nos tornávamos confidentes e cúmplices no mundo da rua. Mas o mais importante de tudo isso era a relação de confiança que sempre foi estabelecida não apenas com Ipê Roxo, mas todo o grupo. O que um falava em segredo jamais fora violado, pois o que era segredo seria sempre segredo, deixando de ser apenas pela liberação do confidente e assim continua até hoje este trabalho e este vínculo com os que continuam, que são da mesma época, bem como com os que chegaram.

Esta relação nos faz também mais responsáveis pelo destino de cada menino e menina que vive nesta situação e com as propostas de mudança, que na maioria das vezes são solicitadas por eles quando estamos na convivência em seu hábitat. Ipê Roxo também fala sobre o sentimento que a rua traz em quem nela mora:

"É um sentimento que a rua traz é de ódio, é de rancor, é de raiva de todo mundo. Você não gosta de ninguém... Acho que é pela própria recriminação, pela discriminação das pessoas. Porque a gente vê, por exemplo, um menino em situação de rua, ele se aproxima e você acolhe, ele muda o comportamento né, agora se você olha de lado... Eu lembro que quando eu ficava na rua, chegava os tios e tias, aqueles ali a gente podia ver eles dez anos depois e seja qual for a situação que a gente cumprimentava, abraçava. Oi, tio! Oi, tia! E era protegido, agora aqueles que a gente vê que agride... Hãn... Agride

também... Então assim, é a forma de defesa que a gente tem, né... E outra, é aquele negócio, pra quê ficar se misturando, eles não se mistura coma gente, a gente vai se misturar pra quê?"

A rua, segundo a narrativa, aparece como o espaço livre em que pode ir e vir sem a presença de um adulto para coordenar os passos, como também uma alternativa de sobrevivência mediante os conflitos familiares, a violência, abandono e miséria. Contexto este que os transformam muitas vezes em "vítimas da rua" (ROSSATO, 2003b), em decorrência do tipo de vida que este hábitat exige de cada grupo específico com suas regras de convivência e sobrevivência.

O emergir de alguns sentimentos neste contexto também está relacionado ao exercício de poder que cada um desempenha e este muitas vezes segundo Rodrigues (2001) se manifesta através de "lideranças situacionais".

3.2.2 IPÊ BRANCO

Quando lhe perguntamos sobre as drogas e o tempo que fez uso neste período em que esteve entre a casa com a mãe, quando morava de aluguel e seu início na rua esta responde:

"Eu comecei pela maconha e depois foi é merla, e ai eu comecei, ai cherei cola também bastante e ai depois tive um certo tempo assim eu fumava todos os dias maconha, mas teve uma época que eu assim fiquei mais viciada na merla né, e ai depois... É eu acho que eu fiquei durante uns cinco meses, foi um tempo assim que eu engatei mesmo né na merla. Ai só que como assim o gasto é maior a gente tinha que , como se diz é roubar né pra comprar e ta nas coisas, mas assim ai fazia isso era roubar bicicleta essas coisas, pra comprar então ai também ai foi no tempo que eu também comecei a cheirar cola, e tinha uma galerinha que a gente pegava e de uns seis mais ou menos eu mais uma menina e alguns meninos. E a gente experimentou tinner... ai a gente engatou mesmo, eu fiquei seca, só cheirando tinner, surfando em cima de ônibus, e ai fiquei nessa vida ai, acho que muito tempo, acho Que mais tempo que eu engatei na merla eu acho ""

Ao referir-se como era viver na rua afirma:

"Ah eu, quando eu tava eu gostava. Quando eu tava assim na rua, mas porque assim não tinha preocupação com nada, é nada de estudo, de preocupar e trabalhar porque a gente tinha dinheiro fácil,

roubado e tal, não passava fome, a gente dava um jeito então, eu gostava naquela época quando eu tava vivendo aquela situação gostava, mas hoje”.

Ipê Branco esteve na rua dos quatorze aos dezesses anos de idade, quase completando os dezessete, mas mesmo ao retornar sempre voltava, então era na verdade um vai e vem juntamente com seu parceiro desta época como a mesma relata:

"Dormia na rua, às vezes ficava uma semana, às vezes ficava só um dia". "Morava perto de casa meu parceiro, mas também ficava nessa vida também".

A Criança e o Adolescente em situação de rua vive uma realidade que nos questiona. São consideradas peças descartáveis, sobrevivem à margem, perdem o referencial de família e de segurança, o que os levam a desenvolverem estratégias de sobrevivência que com o tempo consideram normais para o contexto em que estão vivendo (SOUZA NETO, 2002).

Medeiros (1998) traz esta discussão sobre o uso de drogas por estes sujeitos. Percebemos então que de certa forma o ambiente da rua condiciona as pessoas que ali vivem a um determinado comportamento, como o uso de drogas e algumas atividades ilícitas.

3.2.3 AZALÉIA DO CERRADO

Azaléia do Cerrado nos apresenta seu primeiro contato com a vida na rua e a inteiração com o grupo que ali vive.

“Eu fui pra praça do cigano, primeira praça que eu fiquei, foi à praça do cigano. Eu era a mais novinha... nove anos... Eu lembro até hoje.

E foi indo, um, começou a mim ensinar a cheirar cola,... outro já foi mim ensinar outra coisa, fumar maconha, fumar cigarro, passei a beber e nisso eu já não queria mais a minha mãe, não tinha mais vontade de voltar pra minha mãe, tava gostando, nem meu avô conseguia mim tirar mais... das ruas".

Aos poucos Azaléia do Cerrado vai trazendo para a realidade todas aquelas experiências e não parece ser fácil recordar, trazer a tona toda esta vivencia, ainda doi muito, e percebe que nesta trajetória muitos conseguiram sair outros se perderam no caminho sem conseguir chegar, morrendo ainda na infância e na adolescência. As drogas era uma constância, era preciso aprender a usá-la, ainda era aprendiz naquele mundo e fazer parte de um grupo facilitaria este aprendizado.

"Foi cola, esmalte, pó, merla, maconha, né foi, essas, e rupinol, né, eu tomava muito Rupinol. Ai foi essas. Teve muitas que eu não cheguei a usar, não consegui, não experimentei, é um rapaz aplicou na minha veia eu fiquei, tive que ir pro hospital fiquei ruim... Oh, viver na rua, às vezes é bom, às vezes era ruim né, porque né quando a gente ta na rua, a gente ta ali dependente né, dependente das drogas, dependente de tudo..."

Sua saída para as ruas foi aos nove anos permanecendo neste espaço por oito anos, onde viveu uma boa parte de sua infância. O que terá apreendido? Como imaginamos a vida de uma criança neste contexto? Às vezes é difícil até imaginar, só com imersão nesta realidade poderemos captar algo a partir de sua essência. Mas como na vida de todo ser humano existe a possibilidade de algo novo acontecer, na vida de Azaléia do cerrado também surge algo novo, uma vida nova para si e para quem porta em seu ventre, e mais uma vez a história tem suas desculpas para que o novo possa de fato acontecer.

Para identificarmos esta etapa em que classificamos a criança e o adolescente em situação de rua é importante estarmos atentos para as descrições quanto ao vínculo com a família, atividades que exercem, aparência pessoal, local em que se encontra, e ausência do adulto responsável (NEIVA-SILVA & KOLLER,

2002b). O que segundo os dados desta narrativa percebemos que a pessoa abandona a família em busca de outras formas de sobrevivência, inicia seu aprendizado em atividades ilícitas, a aparência se destaca por andar descalços, déficit na higiene pessoal, etc, vive em um contexto de rua, e andam sempre em grupos sem a presença de um adulto responsável, o que lhe faz sentir-se livre para fazer o que quiser e nem precisar dar satisfações de seus atos.

Espaço este que vai exigir das instituições educadoras, e do poder público projetos pedagógicos capazes de capacitá-los para o enfrentamento dos desafios, ao exercício da cidadania e o resgate do vínculo familiar e comunitário (KALOUSTIAN, 1999).

3.2.4 IPÊ AMARELO

Ipê Amarelo foi para a rua aos doze anos de idade com seus tios e aprendeu com eles a fumar. Entre as drogas que fez uso destaca: *"Merla, cocaína, benzina, loló, maconha, cola, rupinol, e mais algumas outras. Só nunca injetei, isso eu nunca fiz porque eu não tive coragem"*.

O viver na rua para ela nunca foi fácil, é preciso adaptar-se, enturmar-se:

“Na rua você tá ali você tá sujeito a passar por tudo, é os outros querendo aproveitar de você, é você passando fome, frio, não tem aonde dormir, você tem que roubar pra se sustentar, ou então pedir.

Eu mesmo só tinha coragem de roubar quando eu usava, tomava rupinol, quando eu não tomava eu não tinha coragem.”

Ipê amarelo em tom calmo e sereno como alguém que sabe o que já passou para sobreviver, relata o que contribuiu para que esta procurasse de alguma forma sair desta realidade de rua.

"Primeiro, que eu sempre via assim que aquilo não era pra mim, mas só que eu era fraca, a droga falava mais alto, o medo falava mais alto, mas depois que eu engravidei eu tive coragem de sair porque eu não queria que o meu filho, ou a minha filha passasse pelo mesmo que eu tava passando, e tinha medo também de ficar sem aquele filho na rua".

Cada história de vida se apresenta com o seu desafio próprio, mas percebemos ser comum a desestrutura familiar em decorrência de diversos fatores que viabiliza o sair de casa para a rua, sendo este um alerta para que as intervenções proporcione o resgate destas para não reproduzir um ciclo vicioso na reprodução desta realidade, uma vez que o que deveria ser suporte para a formação da personalidade da pessoa que é a família encontra-se prejudicada em todas as suas dimensões, o que nos reporta Botelho (2003, p.90) quando afirma que: "em todas as famílias, permeia um complexo de relações que se articulam à história social, cultural e econômica do lugar em que vivem". Contexto este contemplado também por Gomes (1996).

3.2.5 IPÊ ROSA

Embora tenha iniciado uma vida no mundo das drogas tão nova, Ipê Rosa tem uma memória presente dos fatos que lhe ocorreram e que gravaram de maneira profunda sua vida.

"Ai cheguei lá na rua, conheci os meninos, mim inturmei com eles, ai eu já usava, já era acostumada a usar drogas. Ai fui usando, usava, ai eu cheirava cola pra mim poder sobreviver, porque a cola corta a fome, o efeito da cola depende da pessoa, dura 6 horas. Ai eu cheirava cola de 6 em 6 horas. Ai eu, conheci a equipe na rua, inclusive, tem muitos ai da minha época que fica ainda, mas tem outros que não".

Ela continua com o seu relato:

“Com sete anos eu comecei a fumar..., eu não era muito de beber não. Ai com dez anos eu já usava drogas, só que eu usava assim, uma aqui outra ali, era muito difícil. Ai com 12 anos, 11 anos, eu fui pra rua. Eu fiquei na rua pouco tempo...eu ficava mais na casa de minha mãe, mas tinha convivência com os meninos de rua, né, eu dormia em casa e cedinho eu ia pra rua...”.

Realidades como esta desafiam o nosso modo de viver e pensar em Saúde Integral, uma vez que não são oferecidas a uma grande parcela da população brasileira condições dignas de vida. E a rua por sua vez se transforma em palco de novas oportunidades de vida marcado muitas vezes por experiências que comprometem definitivamente a auto-imagem da pessoa, esta segundo Hirata (1999, p.75) :

“... é construída com as convicções que formulamos de nós mesmos, nossa cultura, de acordo com nossa experiência, nossos êxitos e fracassos passados, nossas humilhações e nossos triunfos, e as formas com que outras pessoas agiram em relação a nós, mormente na primeira infância”.

3.2.6 GARÇA BRANCA

Quando lhe perguntamos porque foi para a rua e como era viver lá, esta, com o olhar triste, sem compreender muito a aversão da mãe pela sua pessoa até hoje, respondeu:

“Eu fui por que eu num tinha apoio familiar mesmo né, eles sempre vivia mandando eu ir embora, minha mãe desde pequena me rejeitava, ela tinha me dado pros outro, pegava de volta, me dava... Aí eu acabei pegando revolta e resolvi construir minha vida na rua, só que aí a coisa que eu aprendi foi só usar droga né, porque na rua num fica ninguém sem usar droga, todos que entra apanha, né, porque é novato, quebra a cara muito, usa vários tipo de droga pra sobreviver rouba, se for preciso mata...”.

As drogas que fez uso neste período foram:

"Primeiro foi a cola, a merla, depois foi a maconha, e que me acabou mesmo foi a merla, eu sei que foi... merla, só. Nunca injetei, nem usei crack não". Ela foi para a rua com dez anos de idade e sente necessidade de verbalizar mais uma vez que viver na rua é ". Muito difícil? Ué. Passava fome, a gente ia pedir dinheiro pras pessoa, falava vai trabalha, vagabunda, povo que passava no sinaleiro jogava moeda, às vezes cuspi, é humilhação pra caramba, ce ia pedir um prato de comida o povo fechava a porta na sua cara".

A rua muitas vezes se apresenta como único lugar de viver para quem é desprovido dos cuidados familiares e do estado, onde por sua vez inicia-se um processo de desraizamento dos vínculos familiares e em contra partida criam-se outros com os grupos que de certa forma representam neste contexto a proteção. Neste contexto cada menina e menino deverão desenvolver habilidades específicas para criar relações interpessoais com o grupo e apreender as regras de convivência específicas destes sujeitos (NEIVA-SILVA, 2003; KOLLER, 2001; MINAYO, 1993; ROSA, 1999).

3.2.7 SEMPRE - VIVA

"Eu encontrei um colega meu que ficou aqui, na onde que a minha mãe mora aqui, aí eu fui pra rua com ele, fui lá pro lago das rosas ai fui, achei bão, a liberdade, só que eu nem usava droga ainda não, ai comecei usar cola, cheirar cola, ai viquei na cola, nossa!! Viquei na cola e já comecei a dormir na rua ,já comecei né.. passar da hora de comer, não tinha hora de comer, sabe? As vez acordava com os policial bateno, às vez não! Às vez mesmo ficava com medo que cometia altos crime ali, nois robava, robava pra bebe, robava pra usa droga,

pinga, como se fosse pinga “braun”, maconha, merla, esses trem nós roubava”

Ao se referir às drogas que fez uso neste período relata:

"Já usei, quer vê... já usei maconha, cola, tiner, é, cocaína, cheirar cocaína, crack eu usei duas vezes, a única droga que eu não usei foi injetar na veia, mas o resto... foi roupinol, é loló, ichi... muitas droga... E para usar o Roupinol como você fazia? Uai , o roupinol ce põe ele dentro do café, é um comprimidinho que ce compra e põe ele dentro do café e toma , ou dentro de uma pinga, ai ce fica assim, doido... ce avança em qualquer pessoa...ce arruma coragem lá do quinto dos inferno mais ce arruma, perigoso ce morrer ou para na cadeia, fica uns tempo lá....., é droga forte é... roupinol".

Na maioria das vezes para formar o vínculo na rua e ir a primeira vez sempre acompanhada de alguém já conhecido:

"Assim, eu cheguei pela outra pessoa, pelo meu primo, que já fazia parte do grupo, ce entendeu? Ele já fazia parte, ai eu fui... cheguei com ele, fiz assim amizade, algumas das menina não gostava muito porque eu era bunitinha né! Ficou assim, com ciúme dos menino lá, aí ai fui enturmano, enturmano... fui pegano amizade, ai arrumei um namorado mais feio que tinha na praça, aí fui enturmano, enturmano, ai depois já fui mudando, ai fui pegando amizade , mas eles não força ninguém a usa droga não, usa se quiser usa. Eles não chegou ni mim e forçou a usa cola nem forçou a fazer nada"..

Em meio à conversa esta comentou como se dá a relação de gênero na rua, como a menina é tratada pelos meninos ao chegar pela primeira vez e qual o tratamento que o menino também recebe ao iniciar:

"Tem proteção assim, tem proteção igual se fosse prostituir, ce chega assim, ce fica com uma pessoa sem querer ficar com ela, sabe? Só pra enturmar com as pessoas, começar a fazer amizade, ai

ce chega... Eles não força nada não, mas ai ce fica com medo né porque ce nunca conviveu na rua, esses trem, aí ce fica com medo ai ce vai enturmando... ce arruma uma pessoa pro ce fica, tipo um casal, que na rua é como se tivesse casado, dorme junto, come junto, faz o diabo a quatro junto. Ai ce vai enturmando, foi assim que eu comecei a enturmar... ninguém mexe, só depois que assim se separa, dizendo assim separou fomos um prum lado, outro pro outro... Ah! Aí já é diferente... aí já quer leva eles pra rouba. Vamo robá? Aí se o menino fala assim não vai, ai quando tiver a droga e ele quiser usa, ele não usa... Fica excluído... que lá assim, os mais forte eu acho que manda nos mais pequeno que começa ir pra rua".

Na rua a liderança é marcada pelo tempo de rua que a pessoa tem, como também pelas atividades que exercem. E esta é conquistada e de certa forma imposta a partir das regras de convivência de cada grupo:

"(...) claro que tem um líder!... tem um mais forte que... quer dizer, ce cheira cola, ce roba um dinheiro, eles não, já faz um assalto mais... numa loteria, já arruma revolver, esses trem, então eles respeita mais os mais velho da rua (.) é quem anda armado esses trem assim, por exemplo, que fica com medo. Eu mesmo na época eu num cheirava cola, eu ficava com medo, vendo aqueles menino com a faca pra cima e pra baixo, correno outros robano, aquilo eu assustava, outros com revolve, outros já um grupinho lá do outro lado fumano maconha, aquilo eu ficava com medo,... É de qualquer forma, conversar é com todo mundo, se um tiver inimigo no meio já era, mas eles briga, assim mesmo entre si, mata..."

Sempre-Viva viveu dez anos na rua, neste período conquistou a liderança e era temida e respeitada tanto pelos meninos como pelas meninas. Quando a conhecemos já era líder e ao falar com o grupo geralmente não repetia duas vezes a mesma coisa. Inteligente, perspicaz e rápida em tudo que fazia, mas ao mesmo tempo era meiga, com sorriso aberto e acolhedor. Para ela era sempre agradável a

presença das irmãs. Gostava de conversar, brincar, jogar bola, baralho, etc. Era muito admirada e sediada pelos meninos pela sua beleza. Mas em um certo momento da sua vida sente que precisa deixar a rua, algo novo precisa acontecer, espera uma outra vida, não queria perder o seu filho como havia perdido a filha para sua irmã de sangue.

Neste momento estas pessoas sentem o despertar para uma nova vida é necessária a presença do educador social (GRACIANI, 1999) para que possa através de uma proposta pedagógica oferecer meios para que estas pessoas concretizem o desejo de sair da situação de rua e outras necessidades.

3.2.8 IPÊ PARDO

O mundo que ipê pardo conhece é a rua, na verdade sua história começa na rua desde o nascimento. Sabe o que é não ter um lar fixo, hoje está aqui, amanhã está ali. Vive de incertezas. Como será desaprender depois de adulto o que se aprendeu desde o nascimento? Mas quando lhe questionamos como era viver na rua, ela nos apresenta com as palavras e a face o quanto passou por privações em todos os sentidos.

“Ah... solidão né... Solidão, o frio, a fome era mais complicado”. E o relacionamento com sua família, sua mãe? Não era bom, nem ruim, que ela fazia o que ela dava conta de fazer... Ela tentava dar o melhor que ela podia, é! A educação que ela num tinha, ela tentava passar pros filhos dela... Às vezes ela batia e machucava, mas assim foi o tratamento que ela recebeu quando era pequena, né”.

Quando o seu pai faleceu ainda era muito pequena não possui nenhuma lembrança. Com o tempo no mundo da rua e percorrendo de abrigo em abrigo

quando era pega pelos órgãos do estado e município começou a se desligar um pouco da mãe e ao sair ou fugir destes já ia para a rua sozinha e se enturmava com grupos específicos da sua idade e em contrapartida sua mãe com outros grupos mais velhos e moradores de rua. Neste período tinha já quinze anos. Portanto toda sua infância, adolescência foi vivenciada neste contexto. Fez uso de diversas drogas.

"Eu usei maconha, merla, cocaína, beladona, roupinol... Bebia ele com Domus, com vodca... tinha alucinações, fantasias, via coisas, vivia numa outra realidade".

Relata que sempre roubava em grupo, e não se prostituía, pois o grupo oferece segurança e proteção.

A rua tem suas regras de convivência, linguagem própria, o que exige do pesquisador segundo a fala de Bemak (1996) *apud* Alves (2002).

"A necessidade de o pesquisador adaptar-se ao contexto da rua, que tem cultura e valores próprios, identificando e aprendendo a dinâmica desse espaço que abriga trabalho, lazer, alimentação e diversão, comporta diferentes faixas etárias e diversos níveis de contatos e interações sociais".

Percebemos a partir das falas que este espaço desenvolve nos sujeitos algumas habilidades específicas para quem vive neste espaço conforme nos apresenta Alves *et al*, (2002, p.305):

"O dia-a-dia na rua desenvolve a chamada sabedoria de rua, que envolve a aprendizagem da sobrevivência neste espaço, pela aquisição e utilização de repertórios comportamentais específicos para cada situação e contato social".

Como também não podemos esquecer que estes sujeitos possuem características específicas que revelam a situação de abandono e miséria em que vivem, como também apresentam uma saúde integral e auto-estima comprometida. O que vai exigir do educador neste espaço criatividade, abertura e sensibilidade para perceber as necessidades específicas de cada sujeito e do grupo, possibilitando assim uma relação interpessoal que promova o bem estar e a realização da pessoa.

A gravidez apresentada pelos sujeitos fez emergir o desejo de mudança de vida, como também o aflorar do instinto materno no desejo de oferecer a sua cria o que não lhe fora possível. Para isso ocorreu a tomada de consciência da necessidade em mudar, assumir outros valores e buscar ajuda, uma vez que tendo estabelecido um vínculo com a rua é necessário romper o vínculo que fora estabelecido.

Vamos perceber que a gravidez para estas meninas aparece em seu fim como algo que faz emergir o instinto materno, embora seu impacto no primeiro momento seja de medo, preocupação e muitas vezes de rejeição, mas ao final é sempre o de assumir a maternidade mesmo sem a presença do parceiro, pois entre este e o filho a preferência dá para o filho (a). Na adolescência esta situação vai exigir um suporte no que diz respeito às informações e acompanhamento específico no que tange as questões de afetividade, sexualidade e reprodução (MANDÚ, 2001; BORGES, 2004).

Segundo as falas das meninas percebemos que o fato de viverem na rua, as expõem a todos os riscos, o que implica no reforço da exclusão social, conforme nos pontua Gomes (1996,p.253):

“O fato de viver na rua já implica em negação de condições mínimas que assegurem uma qualidade de vida adequada. Por outro lado, além de comprometer a vida, o viver na rua pode ter como conseqüência o pior: a morte. Assim o sistema estruturalmente violento, além de não permitir o acesso de pessoas aos padrões adequados à vida, decreta a morte destas pessoas previamente excluídas”.

Temos consciência que a rua é transitória e nem todos os meninos e meninas que viveram ou vivem nesta situação, necessariamente terão que terminar seus dias neste espaço. São experiências constatadas através das falas e algumas experiências relatadas por instituições. (MORAIS & KUHN, 2004; CÂMARA & MORAIS, 2000; DAGORD, 2003).

3.3 A VIDA ALÉM DAS RUAS

De um modo geral apreendemos das narrativas das historias de vida das meninas o resultado de uma relação interpessoal entre educador e educandos que possibilitou a abertura dos sujeitos para acolherem propostas novas de vida e a saída do espaço “rua”, como também o abandono das drogas. Fatores estes que facilitaram no processo de resgate da rua, junto a Instituição de Desintoxicação, a “Tenda”, e junto à Nova Família.

Identificamos nas falas dos sujeitos as novas perspectivas de vida frente a gravidez, ao abandono das drogas, a possibilidade de conquistar a moradia própria e de se auto sustentar juntamente com seus filhos. As atividades, portanto desenvolvidas na “Tenda” como casa lar, aparecem como potencializadoras destas conquistas. Conforme apresentamos nas narrativas abaixo.

3.3.1 IPÊ ROXO

Conforme afirmamos anteriormente a iniciativa em mudar de vida, de postura, parte na maioria das vezes da própria pessoa, mas pelo fato de termos um vínculo já estabelecido. Para tanto, antes de sair da rua e ir para uma instituição de desintoxicação tanto o menino como a menina passa um período convivendo com educador, onde se inicia um processo de desintoxicação por via natural através de sucos e alimentação. Mas acima de tudo um trabalho de auto - ajuda onde através de um acompanhamento personalizado a pessoa é motivada a olhar-se e redescobrir as potencialidades, seus valores e dons, proporcionando assim o emergir de uma auto-estima positiva.

Assim se deu a saída de Ipê Roxo da rua. Esta já havia passado por várias instituições, na tentativa de sair da rua como ela mesma afirma:

"... Eu já tinha passado por vários abrigos, mas só que ai parece que um deles mexeu comigo... eu fiquei lá seis meses e fui pra rua de novo por causa de droga, eu queria usar droga. Ai quando eu voltei, eu fui pra uma fazenda de recuperação (desintoxicação) e não queria mais droga na minha vida. E queria lutar pra ficar com os meus filhos".

Ao solicitarmos que falasse um pouco como se deu o processo de sua saída da rua esta fez o relato:

"Eu... a primeira vez as Irmãs faziam visitas no horto (lago das rosas) e a equipe de rua que fazia parte visita nessa época, eu ficava no horto já conhecia uma das irmãs.. aí eu fui para a Casa Lar das irmãs.. eu fiquei seis meses e depois voltei pra rua. Fui para São José do rio Preto, ai quando eu vim de São José do rio Preto eu vim presa que eu cometi um delito lá e vim presa pelos comissionários de menor e fiquei no centro de internação, ai nisso as irmãs voltaram a mim visitar, ai sim fiz um processo de estar indo pra uma instituição

de desintoxicação e elas me acompanhando , ai depois eu fui pra Instituição que elas são responsáveis".

Ao relatar um pouco de tudo que vivenciou, Ipê roxo expressa a luta que precisou travar para cortar o vínculo com a rua e com os companheiros que faziam parte deste contexto. Em muitos momentos precisou ir e vir para proteger os filhos e a própria instituição a quem muito amava do próprio grupo de que fazia parte. Para quem vive em situação de rua o fato de deixar esta vida requer um assumir de muitas conseqüências em relação ao vínculo e ao tipo de atividades que foram desenvolvidas neste período e especialmente se esta pessoa é uma liderança que certamente mantêm contato com outras lideranças. O que requer coragem, prudência, determinação e empenho no que realmente se almeja alcançar.

Foi uma tarde prazerosa e ao mesmo tempo dolorosa pelo fato de recordar muitos fatos que foram vivenciados e que as palavras muitas vezes paralisam-se na garganta pela emoção e ao mesmo tempo a satisfação em poder olhar para o que passou e perceber o tanto que conquistou e conseguiu superar em sua trajetória. Pedimos para Ipê Roxo contar-nos como era sua vida nesta Casa lar que contribuiu de certa forma para sua mudança de vida, como de fato era viver neste espaço se tantas outras vezes esteve em tantos outros lugares e não conseguiu ficar e neste mesmo estando uma vez por um período de seis meses e saiu e retornou o que fez permanecer?

"Eu sempre fui assim. Eu sempre gostei do meu canto, né. Mesmo na rua eu gostava do meu cantinho separado. Então pra mim lá foi bom porque eu tinha a minha cama, eu tinha a minha comida, eu tinha quem me dava atenção, quem me escutava. É... eu tinha quem puxava a minha orelha por que a pessoa só não basta, né. Todo o tempo que eu tive lá eu tava fazendo alguma coisa pra crescer, pra construir, né. Eu tava fazeno um trabalho artesanal, eu tava

estudando, eu sempre gostei de estudar. E então assim isso me ajudou demais"

Ao continuar com o bate-papo pedimos que relatasse um pouco o que de fato existia neste abrigo, nesta casa lar que contribuiu de fato para que permanecesse, e esta afirmou:

"Eu acho que a família. A gente tem uma convivência lá de família. Não tem uma convivência assim de o educador tá lá na casa dele, vivendo a vida dele pra lá, vem trabalhar e vai embora, e nós somos apenas ex-meninos de rua. Lá não, lá tem assim um certo laço familiar que acho que prende a gente lá, sabe? Que assim... acho que é o principal que tem os outros abrigos num tem".

Solicitamos que seria interessante apresentar algo que em sua percepção seria importante para esta casa lar estar revendo sua ação seu trabalho junto a estas pessoas e disse-nos:

"Faz seis meses que eu to afastada... É difícil... É porque pra mim... Tenda é 10, né; pra mim a Tenda é tudo é a casa da minha mãe, é meu lar. Então pra mim é meio complicado".

Neste contexto também nos perguntamos e a família de origem? Após todo este processo como é esta relação hoje?

"Hoje eu já converso com todo mundo. Já... às vezes muitas vezes elas precisam mais de mim do que eu deles eles tão sempre me ligando pra resolver alguma coisa, algum problema, ai... essas coisas". Quem de fato é sua família? ". Acho que eu tenho duas... É a casa... (nome da casa lar) e a minha mãe, meu pai, meus irmãos".

Ao apresentar sua relação com a "Tenda" Ipê Roxo afirma que tanto ela como seus filhos sempre gostam de estar na Instituição, sendo assim aproveitam na

medida do possível os fins de semana, feriados, e as férias, por sentirem que este é seu espaço, foi ali que ambos começaram a viver realmente, aprenderem a amar e sentirem-se uma família, onde puderam correr, brincar e serem amados, a comemorarem cada ano de suas vidas, cada data importante, a sentirem-se gente. Ali segundo ela viveu dias que hoje sustentam os momentos difíceis que muitas vezes passam. Por isso é importante estar neste espaço. E ainda ressalta:

“Quando eu e as meninas que passou por lá a gente se encontra e a conversa é tudo, é lá na Tenda”.

Ipê Roxo a que você atribui sua recuperação?

“Acho que primeiro a Deus... acho que sem ele ninguém sai de lugar nenhum... ninguém caminha pra canto nenhum. E segundo as irmãs... É... À vontade, né... em primeiro mesmo é à força de vontade da gente, se a gente não quiser mudar, não sai. Porque não é fácil não...”.

Ipê Roxo viveu na Tenda por um período de três anos e neste período realizou diversos trabalhos como o de jardinagem, cuidar dos afazeres domésticos, estudar, cursos de desenho, pintura, costura e tantos outros. Sentia-se segura, protegida. Saiu da Tenda diretamente para a casa própria, pois quando residia ai participou do projeto da Casa Própria, onde a Tenda possui parceria com outros projetos que oferece possibilidades para a construção da casa em mutirão, doação de lotes em convênio com a prefeitura e parcelamento para aquisição da casa de acordo com as possibilidades dos grupos que participam. Ao questionarmos como de fato se sentiu ao sair deste espaço esta descreve:

“... É um pouco perturbado... Porque ali na Tenda você tá assim, você tem um... é como a galinha cria os pintinho... Você sempre tem as asinhas da mãe em cima de você, cuidando de você... Aí quando você sai, também te dá o mesmo ar de liberdade que é como você sair

de casa, aí você volta a beber demais, tem uma certa extravagância. Mas só que... A Tenda, outra coisa importante na Tenda é isso, que você não sai daquele abrigo, por exemplo, você completa uma certa idade e sai e não tem um acompanhamento. A gente tem um acompanhamento até hoje. Então assim, graças a esse acompanhamento, eu não voltei pra trás de novo, né. Porque, sempre que eu tava fazendo alguma coisa errada, vinha alguém pra puxar a minha orelha, mas é... Acho que nenhuma das parte é fácil... Por que você vai ver na realidade, que Ali na Tenda, tem ali, você vai ter a comida do mês, você na sua casa não... Cê vai ter que trabalhar e ter aquilo ali. Cê quer comer carne, cê vai trabalhar e". Compra ". Carne, cê quer ter energia, cê vai trabalhar e pagar a energia. Então é assim... Já fica... Não é que fica mais pesado... Já tem que encarar a realidade como ela é..."

Em seguida Ipê Roxo passou a relatar um pouco das suas experiências marcantes após a saída da Tenda como também os desafios que precisou, corajosamente, passar e superar, sendo suporte também para os filhos, pois recordava quando da última vez em que esteve em estado de coma no parto do seu segundo filho, quando ainda estava na Tenda devido à eclampsia, viu a morte de perto e como superou com ajuda das pessoas que a amava, como também o fato de não ter perdido seu filho, e tudo segundo seu relato foi em decorrência do uso das drogas. Relata este fato com muita emoção como algo que marcou definitivamente sua vida e desencadeou uma força interior juntamente com a determinação de mudar definitivamente sua vida para estar com seus filhos.

Após estas recordações parecia sentir a necessidade de falar novamente e os desafios e conquistas se misturam com a emoção como também no tempo, pois ainda está muito presente e para ela não é importante dizer o que foi destaque na instituição e fora. Ambas experiências se perdem na cronologia do tempo, para Ipê o

importante é que estas se encontram com marcas profundas nos registros de suas vivências, e destaca:

"Passar no vestibular e fazer faculdade... A construção da minha casa... Nossa! Meu filho, que eu quase morri no parto do meu filho... por uso de droga né, aí eu tive eclampsia. Aí, assim, foi Deus né, que salvou. E, veio tudo, né... veio meu vô que precisa de mim, que hoje eu que cuido dele... Minha casa que eu construí com carinho, que ela tá lá me esperando que eu vou volta pra lá... eu não vejo a hora de voltar... E tudo o que eu fui construindo assim. Acho que bem material, é depois que você passa um tempo, que a gente assim... Porque acho que eu tenho uma cama pra mim dormir, um fogão pra mim fazer compra, eu tenho assim, o que dá pra mim sobreviver, pra família sobreviver, aí depois cê vê que isso não é o mais importante né... mas no começo cê fica afobado... cê quer ter sua casa perfeita... cê quer todos os móveis, quer geladeira cheia, mas depois vai vendo que isso aí é o de menos e o relacionamento com meus filho também. Por que meu menino mais velho o meu relacionamento com ele era muito difícil, hoje deu uma melhorada, assim, não vou dizer que 100% mas 80% melhorou"

Ainda comovida com os relatos feitos anteriormente, começa a falar do seu curso de graduação, pois se sente feliz em estar cursando Ciências Sociais, pois em sua trajetória muitas assistentes sociais passaram por sua vida e todas marcaram positivamente, e reserva o sonho de dedicar-se a este trabalho junto a crianças e adolescentes em situação de rua, pois assim como foi ajudada deseja contribuir para que outros como ela tenham a oportunidade de transformarem suas vidas e afirma:

"Eu acho que do mesmo jeito que teve assistentes sociais que assim, me ajudaram, me incentivaram, nessa vida. Vai precisar de mais assistente social pra ajudar os outros que passaram e passam por esta mesma vida que eu passei".

Aproveitamos seu entusiasmo e pedimos que relatasse um pouco de seus sonhos, das metas que têm para o futuro e esta afirmou com muita convicção:

"Me formar. Eu ainda quero também... Eu gosto muito de pintura, de arte e assim eu tenho vontade de ter... de fazer um projeto, num sei ainda, num formulei nada ainda, mas não sei se é na rua, se é num abrigo, se é... Eu quero ter um projeto não pequeno grande, de tá podendo assim, trabalhar através da arte, e tá ajudando nesse sentido. Que eu acho que a arte, ela... Porque cada um tem um dom, não adianta a gente falar eu não tem, tem... E eu acho que a arte, ele é imensa, né... E tem de tudo, tem dança tem teatro, tem música, tem de tudo, tem a arte e eu acho que lutano com isso aí, chama a atenção sabe... Centraliza a atenção naquilo ali e a pessoa realmente vai querer lutar pela recuperação".

Passamos para um outro aspecto da vida de Ipê Roxo que é a sua reinserção social, como de fato se sentiu ao sair da instituição uma vez que não tinha mais a "proteção" como esta afirmou por vinte quatro horas, pois mesmo iniciando este processo dentro da instituição, ao sair tem uma outra conotação. Como é a acolhida das pessoas, da sociedade? Como esta recebe uma pessoa que viveu em situação de rua?

"Não, pra mim não tem até hoje. Então assim, às vezes, até mesmo no curso que eu faço... Até mesmo lá eles duvidam do que eu fui, do que aconteceu na minha vida, eles duvidam... Às vezes eles acham que e to ali porque eu tenho uma bolsa e que eu conto essa história pra aproveitar e ganhar a bolsa, eles não acreditam, não é toda uma maioria que acredita que eu fui uma menina de rua que eu morei na rua, que eu dormi tantos anos na rua, que eu sobrevivi ali passando por tudo o que eu passei... Pra eles uma menina de rua é sempre uma ex-menina de rua... E outra é trabalho, posto de trabalho é muito difícil, porque as pessoas acham que a gente não tem capacidade de estudo, não tem capacidade de qualificação, as pessoas acham que a gente vai por exemplo... Sai da rua, quer trabalhar? Então vai lavar

vaso, vai ser doméstica... E não... A gente tem capacidade de fazer um curso, aprender as coisas, se brincar, a gente tem mais habilidade que outros aí que tão aí né... Debaixo das asas do pai e da mãe, que tem tudo na mão. Porque vai atrás né, pra conseguir e eu mesmo fui mandada embora de vários lugar quando descobriu, né. Não sei se cê lembra de uma vez que eu trabalhei numa loja de calcinha de vender peças íntima foi no quarto dia que a mulher descobriu que eu era menina de rua, que morava em abrigo, aí pronto, tchau... Foi um prazer te conhecer... As pessoas não tem credibilidade até mesmo a própria igreja.. No geral. Acho que qualquer religião no geral”.

Ao continuar o seu relato sobre a exclusão social que vivenciou em postos de saúde e de um modo geral onde necessitou de atendimento afirma:

"É... eu acho assim que ser humano é ser humano, independente da roupa que ele tá, da cor que ele tem independente se é menino de rua, se é um drogado ou um rico ele tem que ser tratado igual, não adianta essas instituições aí, pode ser particular pode ser pública, não adianta falar só do funcionário público né, porque em geral eles tratam igual, ele têm a discriminação, e eu acho que doença todo mundo tem, independente se ela veio de um procedimento assim... Da própria rua ou se ela veio assim de fora ou de familiar... Doença todo mundo tem, tem que tratar todo mundo igual".

Constatamos que Ipê Roxo traz em si uma energia, uma determinação e uma motivação interna muito grande com o desejo de superar os desafios, oferecer aos filhos uma vida diferente da que sempre teve, e realizar-se como pessoa sem perder a esperança. Frente a este contexto lhe perguntamos como havia superado todas as experiências do seu cotidiano em relação à exclusão social e a discriminação das pessoas?

"Eu acho que... que é Deus, né!... É à vontade... a vontade de mudar de querer ser diferente de querer ser eu... acho que foi muito querer assim, quero ter minha vida, quero criar meus filhos, diferente da maneira que eu fui criada, quero criar eles de outra maneira, acho que foi mais por esse lado aí, quero ter minha vida, acho que a vontade de viver que..."

Como é esta vida diferente que você deseja oferecer a eles concretamente?

"Hoje eu acho que os maus tratos que eu tinha são completamente diferentes dos que eles tem né, o que eu puder fazer na escola, igual... eu acho que são coisas simples que marca a gente no passado que a gente não deve repetir, igual minha mãe nunca tinha ido numa reunião da escola... Eu quando eu posso, se eu puder faltar em qualquer outra coisa pra mim eu vou, sabe... É olhar um caderno, é ta conversando com eles, é ta escutando, tentando escutar... Acho que não existe mãe perfeita, né..."

Ao falar sobre a educação dos filhos esta relatou a experiência com muita emoção e gratidão do que aprendeu no período em que esteve na Tenda, como era a relação dos educadores com as crianças e com elas e de como eram tratados seus filhos, o exemplo de vida que estes transmitiam a elas para que no cotidiano ali na casa fizessem a mesma experiência com seus próprios filhos, e recorda entre suspiros como era a formação e o tipo de educação transmitida:

"Há... Eu acho que é uma das melhores porque,... Eles mostra pra gente que a gente tem que ter uma certa responsabilidade, que uma criança não é um boneco, não é um brinquedo, que uma criança é coisa séria, que é uma vida né, e que se a gente não tiver bem com a vida da gente, os filhos da gente não vão ter um futuro bom também, assim, são várias coisas né... Na escola, se a gente ta indo pra escola tem lá quem ta de olho, vendo se tá indo bem tem as reuniões na escola e tudo, vão tá presente e na mesma forma eles, não como

puxar ou fazer né, como se diz obrigatoriamente, que a gente vai fazer né, com nossos filhos né, mas eu acho que o exemplo é tudo, né...".

Neste itinerário biográfico de Ipê Roxo não foi fácil para quem, com ela, acompanhou todo o processo reviver a história, os fatos, as experiências, pois os desafios não cessaram, eles se apresentam de novas formas em outras circunstâncias que exigem a mesma perseverança e determinação para não retornar ao processo inicial, pois a sociedade não mudou, a exclusão social não foi amenizada, como as diferenças sociais também não foram superadas. Neste contexto perguntamo-la: Como consegue se manter, manter o próprio estudo e dos filhos?

"Bom, hoje, atualmente eu trabalho na casa do meu avô, ele me paga R\$ 400, 00 por mês então é onde eu pago as minhas despesas, né. Escola dos meninos, roupa, calçados, agora comida, água e energia é ele que paga por que eu moro na casa dele, né. Ele é aposentado do Estado, então assim, ele tem... Não é que ele tem muita condição, mas pelo menos de sobreviver ele tem... E faço meus bico, que é tapete, é faço crochê, pintura e nisso eu vou aumentando a renda. Vendo farinha de soja que é ótimo pra emagrecer.."

Sabemos que Ipê Roxo tem uma grande paixão pela arte, então lhe perguntamos o que mais gosta de fazer? *"É pintar pintura de quadro, tinta a óleo".*

Ela também relata que recebe do estrangeiro ajuda de projetos com bolsa de estudo para si e para os filhos através da ajuda e conhecimento das religiosas da "Tenda".

Em relação ao resgate pessoal e de muitas pessoas que como ela superaram esta situação de rua e hoje lutam de outras formas para sobreviverem argumenta:

"É eu acho que a gente tem que acreditar... e enquanto a sociedade não, mais difícil ainda vai ser tirar essas crianças que tã na rua hoje por que quanto mais há discriminação mais as crianças vão ficar ali

parada naquele mesmo lugar, se a sociedade abre as portas vai ser mais fácil de tirar as crianças da rua. Ainda mais hoje que a gente vê que em jornal, mesmo na vida pessoal da gente, o uso da droga, o uso de tudo quanto é coisa ruim, já ta aumentando é demais, e não ta tendo mais regras nem limite, entes era tão difícil você conseguir maconha e cocaína pro ce cherar, hoje qualquer barzinho, qualquer escola ce encontra, um comprimido, ce encontra uma droga, então assim, se a sociedade não abrir os olhos muito mais crianças vão ta indo pra rua"

Em um dado momento da entrevista quando falávamos do trabalho desenvolvido na rua por educadores afirmou:

"Ah... Eu só tenho que agradecer, só agradecer, por que se não fosse essas pessoas, hoje eu não estaria aqui".

Para desenvolver este trabalho temos a consciência da necessidade de algumas habilidades específicas para tal e esta com o seu jeito simples e aberto de ser argumenta:

"Acho que assim, que tem que trabalhar com o coração, mas também com a razão né... cê não pode só agradar e fazer tudo o que a gente quer né... Assim. Você tem que ter a razão junto com você se não também vai tudo por água abaixo, cê vai colocando muita esperança e no final não é isso tudo, né, porque não é que a gente vai deixar de ser menino de rua e vai ser milionário né, que a gente vai ter que lutar para sobreviver do mesmo jeito que lutava pra sobreviver na rua, só que as formas serão diferentes né, a maneira de luta é outra, né... Porque na rua, cê tem que roubar, cê tem que enganar, cê tem que mentir cê tem que bater e eu acho que depois que você sai cê tem que estudar, trabalhar, se relacionar também com as pessoas que eu acho que é uma coisa muito complicada esse relacionamento com as pessoas..."

Ao término da entrevista sentindo-se imensamente feliz e nós também lhe nos despedimos , mas esta fez questão de verbalizar algo mais:

"Ah... Em primeiro lugar é obrigada né, porque sem eles eu não taria aqui hoje. Esses irmãozinho que tão entrando, vai com calma, não vão por causa de dinheiro porque o salário é uma mixaria, e assim, sabe é ter perseverança, ter paciência, perseverança que é um luta assim, vamo supor, que é uma luta mas ela tem gratificação depois, vai conseguir o prêmio de vitória. Que eu fico muito feliz quando eu encontro com pessoas de muito tempo, educadores que hoje nem mais trabalham na área, às vezes já montaram um negócio, ou mudaram de profissão, mas que me encontram e falam assim: Ipê roxo! Você, Ah... não acredito! Que cê tá fazendo? Então assim eu começo a falar as pessoas não acreditam assim que me viu tantos anos atrás em outras situações que eles ficam assim, até eles próprios acreditar também, porque se o educador que é o educador não acreditar, como é que o resto da sociedade vai acreditar também que há mudança?."

Após estes relatos vamos perceber que o vínculo familiar estabelecido na "Tenda" de certa forma contribuiu para o processo de resgate vivenciado pela pessoa, uma vez que o vínculo com a família foi fragmentado desde a experiência adquirida na infância. São marcas trazidas que só o tempo muitas vezes será capaz de apagar ou quem sabe amenizar a dor do abandono, da indiferença e do fato de não ter sido acolhida amada, valorizada como pessoa.

Portanto a "paquera pedagógica", namoro pedagógico (HIRATA, 1995, p.663; RODRIGUES, 2001, p.70) são fundamentais para o processo de saída da rua, como também para o acompanhamento posterior a esta etapa. Percebemos que um dos fatores que motivam esta saída está ligado também ao fato da menina engravidar e sentir a necessidade em oferecer a esta nova vida o que não lhe fora possível, mesmo com a ausência do apoio do parceiro.

A instituição por sua vez que atua junto a estes sujeitos necessita estar em consonância com as ações que são preconizadas pelo Estatuto da Criança e Adolescente - ECA, pedagogia que responda às necessidades dos sujeitos e o comprometimento com a inclusão social, possibilitando a estes o resgate da própria história de vida.

3.3.2 IPÊ BRANCO

Para que um menino ou menina em situação de rua decida deixar as ruas é necessário que ocorra um acontecimento que desperte, que desencadie uma mudança frente à própria vida, algo que marque definitivamente e na vida de Ipê Branco não seria diferente, mas certamente não esperava que fosse algo tão inesperado como o que ocorreu.

“... eu não pretendia., sair, só que assim acho que tudo é o destino assim né porque, oh como que eu sai, foi assim: porque eu tava grávida já, mas eu escondia da minha mãe, achava que escondia, mas acho que tava de 2 meses mais ou menos, a barriga tava começando a crescer, só que eu já tinha enjôos né, e eu achava que era psicológica. Gravidez né assim, psicológica ... ai eu pensava assim que eu tava grávida e eu já tinha vergonha de aparecer grávida lá no meio dos meus amigos, que a gente lá né, não queria voltar lá pro Balneário. Ai eu fui e pedir pra eles arrumar um abrigo pra mim até eu ter a criança, mas assim infelizmente meu pensamento era de ter a criança é de ter meu filho, filha e dar pro zoto lá no hospital mesmo, que ai eu só, ai eu voltava pra rua, que eu queria só ter o nenê, depois dava e voltava pra rua. Só ai quando foi na audiência ai, eu já sabia que tinha uma vaga na Tenda né, sabia que tinha uma vaga ai eu ta, fiquei sabendo que a Ipê Roxo tava la.... depois que eu sai da Tenda, ai minha filha já tinha nascido e na hora que ela nasceu eu não quis nem saber de, do que eu tava pensando que era dá pro zoto...”.

Para Ipê Branco falar da sua história é reviver e perceber o quanto avançou na sua caminhada, e recorda com satisfação a sua chegada na “Tenda”.

“Ah! Eu mim lembro no 1º dia que eu cheguei lá, ainda não conhecia a irmã né, ai eu conversei um pouco com ela, logo ela teve que sair, eu já gostei dela primeira vez que eu vi ela, já fui com a cara dela, já gostei muito dela e minha mãe também. E a partir daí acho que

assim também tem essa amiga minha, foi a única amiga que eu tive lá dentro, amiga mesmo que eu conversava, falava sobre isso da minha filha, que eu não queria , ... É , então e ai eu gostava muito de ficar lá, porque Ah! ... tinha tudo na mão também né. Ah! Assim e não sei acho que eles levavam a gente pro medico ta essa coisas, a maior preocupação até quando minha mãe ia mim visitar lá tinha o educador que ele falava com minha mãe que não era pra ficar contando os problemas de fora pra mim ficar preocupada, então assim todo mundo tratava a gente super bem como família mesmo, então isso daí foi muito legal. E assim de negativo ah de negativo assim eu acho que não tinha nada de negativo não, as vezes a gente não ia com A cara de alguma colega assim, mas isso acontece né, morando todo mundo junto, mas assim,... Na 1ª vez que eu fui lá eu mim dei muito bem com todo mundo "".

Quanto ao que mais lhe marcou?

"O que mais me marcou? Ah eu acho que foi conviver em grupo, ah eu acho que foi, foi porque eu só morava com minha mãe, então assim ficar na rua, mas assim viver assim em grupo, é ajudar uma a outra, acho que, acho que foi isso daí, é acho que foi".

Mesmo estando morando com sua mãe e recaindo várias vezes no uso de drogas a mesma relata que a presença das pessoas responsáveis pela Tenda dando apoio à sua mãe e a ela mesma, e quando se refere ao apoio desta instituição faz questão em dizer:

"Continua até hoje, acho que até, a vida inteira, agora até morrer... eu tava fazendo um curso lá no terminal do cruzeiro, de calçados na SEPROS, ai foi onde eu, tinha um menino lá, ai eu ta não vou fumar só hoje, ai eu fui recai, comecei a usar di novo e sempre todo dia, já tava pior do que a 1ª vez que eu tava usando, não tava controlando mais, e nisso eu tava estudando, trabalhando, aqui no Projeto, nos fins de semana e feriados e fazendo esse curso e então ainda sobrava tempo pra usar droga ainda. Ai só que minha mãe já tava percebendo,

é já tava no tempo da gente mudar pra casa aqui, pra casa, pro projeto, e ai minha mãe percebendo, conversou com a irmã... é lógico que ela não ia esconder né , ela falou...se tinha um jeito de mim ajudar e ta . Ai eles fizeram uma proposta pra mim e elas todas elas, que era pra mim ficar na fazendinha durante 9 meses, ai eu voltava pra casa, ai eu ia né voltar a morar aqui na casa".

Em todas suas recaídas, Ipê Branco relata que em momento algum se sentiu abandonada pela "Tenda", e às vezes até se escorava nestas ajudas, pois tinha dentro de si que jamais seria abandonada e na verdade não conseguia deixar a droga sozinha. Foi-lhe então dada uma última alternativa para que não perdesse a casa, que era passar por uma Instituição de desintoxicação que antes não havia passado devido à situação da gravidez, que no seu caso foi uma exceção, e após esta passagem pela instituição de desintoxicação voltaria a morar na Tenda, a partir de então esta recorda que mesmo convivendo com pessoas que usavam droga às escondidas, esta tinha feito um compromisso consigo mesmo de não mais usar, seu objetivo era resgatar a confiança das pessoas que até então só tinham manifestado carinho e compreensão, era agora o momento de realizar uma mudança profunda em sua vida.

Acreditamos que cada pessoa tem o seu momento, mas é preciso perseverança de quem acompanha para que a ação seja incansável e o processo de cada pessoa respeitado, e a hora da pessoa não é a nossa hora. Ipê Branco afirma que a ultima vez que realmente usou droga foi antes de ir para a instituição de desintoxicação, se determinou definitivamente a não querer mais, não porque as pessoas achavam conveniente parar, mas porque ela mesma havia chegado a conclusão que poderia perder o que mais amava por não ter a coragem de se

determinar a parar e buscar ajuda nas pessoas que sempre estiveram dispostas a ajuda-la, e conclui:

"... aprendi a viver sem as drogas, nessa 2ª vez que eu fui pra Tenda e fiquei os sete meses, eu já não sentia mais falta e tinha as amigas minhas lá também a gente conversava muito e esqueci das drogas. Assim meus vícios foram outros agora, assim subir na vida, melhorar de vida".

Após esta trajetória percebemos o seu amadurecimento e ao mesmo tempo a sensibilidade para escutar e construir novas relações. Quando lhe perguntamos como estava o relacionamento com sua família hoje e quem considerava como sua família, esta não hesitou em falar. Sentia-se à vontade. Esquecia muitas vezes que suas palavras estavam sendo gravadas. Pela sua expressão facial parecia ser bom e agradável falar.

"Meu relacionamento com minha família mesmo original, assim que eu posso dizer, que é minha mãe a gente discute bastante,.. E eu sei que eu tenho que entender ela, que ela já ta de idade, mas ela pega muito no pé, então ai as vezes eu não consigo ficar calada, mas eu ponho na minha mente assim que eu tenho que ficar no meu canto, mas eu não consigo e tem vez que eu chingo bastante... E minha outra família, que eu posso dizer original, é primeiramente são assim coordenadores, lógico da casa Tenda, educadores e que fazem parte também, porque assim se eu vou pra lá eu mim sinto em casa, acho que eu posso ta conversando com qualquer um sobre problemas meus que eles vão entender, vão conversar comigo e sinceramente são minha família também. E também tem as meninas também fazem parte, né lá da casa, que também como irmã também, porque eu vou lá fico a vontade, converso, todo mundo da Tenda. ... Minha família são esses aí".

Quanto a sua recuperação esta atribui:

“Ai, a quem? Logicamente a Tenda de coração. Por que assim, (...) Eu acho que quando eu tava querendo fazer isso ai, ter minha filha e tal, e dar pro zoto, né ai eu já pensei, pra ir pra um abrigo, depois que eu tivesse minha filha eu dava ela pro zoto voltava pra rua. Mas não depois que eu passei pela casa Tenda, eu conheci e tudo mais, a casa ai eu mudei totalmente de idéia, muito, voltei a quere estudar...também a minha força de vontade”.

Após a saída da “Tenda” Ipê Branco passou por vários desafios e um deles estava ligado a sua meta que era o auto-sustento. Precisava ganhar dinheiro, agora de uma forma diferente. Sentia necessidade de contribuir no orçamento familiar e partiu para a primeira oportunidade que apareceu, pois encontrar trabalho não foi tão fácil.

“O meu desafio foi quando eu entrei no CEASA (Centrais de abastecimento S. A.) né, ai tinha que acordar de madrugada todos os dias, e ir trabalhar (...) Foi o meu primeiro emprego, que eu fiquei durante um ano e três meses lá. É dia de sábado a gente ia bem cedo, é três horas da manhã. Então foi o meu desafio, foi esse né. E é questão de trabalho foi esse. E depois que eu sai da CEASA, que teve durante um ano e três meses, ai assim já foi mais pro lado pessoal, não precisa de falar né?”.

Não era fácil tratar de determinadas questões pessoais, pois Ipê Branco sabia que este era um trabalho e que embora tendo a sua identidade preservada não se sentia inteiramente livre para falar, mas a um certo momento por meio da nossa intervenção ria e ao mesmo tempo percebíamos que tinha uma certa necessidade de verbalizar, então perguntamos se sentia vergonha de falar ou realmente não se sentia livre, e se caso preferisse não comentar a respeito do que lhe incomodava, não precisaria e que a compreenderíamos, mas esta respirou fundo e disse :

“Por causa da minha opção sexual, então quando eu tava trabalhando no CEASA e tudo mais eu já tinha esta opção, mas eu tava mais assim não encontrava ninguém, e também eu pensava em deixar isso escondido e tudo mais, em deixar entre mim e a companheira que eu arrumasse, mas só que chegou um tempo assim que foi quando eu sai de lá, que eu falei ah, vou ficar escondendo de mim mesmo, porque uma hora ou outra todo mundo vai ter de saber e mim entender , porque eu não to fazendo mal pra ninguém, né, então , ai ta eu arrumei assim, teve uns rolinhos tudo mais. Só que eu pensava, Ah não, minha mãe tem que saber, porque assim ela não vê eu com namorado, ela vê pá, eu ando pá, eu gosto mais do estilo masculino, então minha mãe já tem que saber logo que as vezes a não sei gente discutia muito, assim sei lá. (...) eu queria, assim, mas não tive coragem, ai como é, eu fui contando aos poucos pro meus colegas que às vezes os meninos assim. É porque né homem dá de cima né, assim ai eu pegava e falava nossa, como que eu vou, ai eu abria o jogo , falava não é assim, assim, ai eles mim entendiam, porque são meus amigos né. Ah não de boa. Ai ficavam nas deles, então e também as meninas, a maioria do projeto ficaram sabendo, mas só que não comentavam, não falava com minha mãe, só que ai , eu falava a minha mãe deveria saber primeiro, mas ai eu dei um jeito e falei com a irmã , pra ela conversar com minha mãe, ai teve um dia, foi no natal,(...)de 2004, ai ela foi e conversou com minha mãe, falou com minha mãe ai ela foi e aceitou, aceitou assim, ela disse é que não queria, mas já que é assim , ela não importa não, porque se eu arrumar namorada eu posso até levar em casa, mas assim não deixar minha filha vê a gente né se beijando , eu falei não isso ai é privacidade, só com privacidade nossa só”.

Mesmo conhecendo sua história em profundidade não era fácil falar diante de um gravador sobre algo tão pessoal, não se sentia completamente livre, mas ao mesmo tempo percebia que à medida que ia se assumindo na sua opção sexual mais livre ia se tornando para enfrentar os obstáculos que advinham do preconceito e dos estigmas que carregamos tanto pela nossa educação como da própria

sociedade. Em seguida argumenta que frente a esta opção nunca se sentiu excluída pela “Tenda”. Isto a fez crescer como pessoa e a se assumir dentro desta opção. Sentia necessidade de ser transparente.

Comenta que ao sair da “Tenda” tinha como sonho ganhar dinheiro, como se referiu anteriormente, mas entre o sonho e a realidade existe uma grande diferença:

"Hum... é quando eu sai o meu sonho era ganhar dinheiro e cuidar de minha filha, dar de tudo pra minha filha, pra minha mãe, da de tudo pra elas e arrumar minha casa, é lógico, só que nisso foi quando arrumei o serviço lá no CEASA, que ganhava um salário, mal dava pra minha filha comer, não dava, pra ela comer, mas ai como que se mantinha também porque era muitos gastos, ai só que eu ainda não desisti, por isso voltei a estudar, porque eu vejo que eu lá tava trabalhando de carteira não assinada, e acordando cedo ralando mais que muitas pessoas, então o jeito é ir pro lado do estudo né, então eu voltei a estudar, porque eu tenho o sonho, de Ah eu tenho o sonho assim de arrumar minha casa pra minha filha é dar de tudo pra ela, assim tudo que ela pedir né, nem tudo ne que se não folga. Mas eu acho que o que ela merece, assim e minha casa ficar filé, e... muita saúde pra minha mãe e pra minha filha, pra mim eu não importo muito não, porque sei lá o sofrimento delas é maior pra mim...".

No seu processo de inclusão social ao sair da Instituição e conseguir trabalho imaginava que passaria por sérias dificuldades, mas no concreto foi percebendo sua facilidade em fazer amizades, mas constata no seu cotidiano o preconceito para com quem já viveu em situação de rua.

"Tem muito preconceito ainda, acho que tem a maioria das pessoas, tem aquelas que acreditam, mas a maioria não acreditam, ainda mais se nunca passaram assim na família por esta situação, a maioria tem preconceito. (...) É eu acho que dificulta, até assim, assim quem igual a gente parou, igual a gente mora aqui nesse projeto né que é

pra és usuário de drogas, e todo mundo já sabe, então tem pessoas assim no início quando a gente veio morar aqui, teve uma amiga minha que falou , que foi comprar não sei o que no supermercado, ou farmácia, ah não foi arrumar um serviço na sapataria se não me engano, eu sei que o cara conhecia o projeto e o cara ah você mora lá no projeto lá dos meninos de rua , não sei o que?Então é conhecido né, esse projeto e a maioria das pessoas criticam(...) agora os vizinhos aqui nossa,não a maioria sabe da convivência nossa, que a gente mudou, então , não tem disso, não critica a gente não".

Ao falar das pessoas que realizam o trabalho com meninos e meninas em situação de rua e o que já sofreu comenta:

"(...) as pessoas que trabalham com meninos de rua, que estão apoiando, que continuem com esse serviço, porque assim só tem assim,... ta dando a mão assim pra quem quer melhorar, porque muitos assim não tem essa chance igual a gente teve, então quem tiver a chance assim,sei lá se não melhorar de vida, é porque não gosta mesmo, então. Então graças a vocês então continue fazendo esse serviço, e quem sabe futuramente eu não possa ser assistente social, vou ser igual a irmã, menos freira né, freira vai ser minha filha, minha filha vai. Mas é isso daí, eu acho muito legal, aprendi muito, quero passar isso pra frente, eu acho que é muito legal".

Para os que não acreditam na recuperação dos meninos e meninas que viveram ou vivem em situação de rua ela argumenta com expressão de tristeza:

"... Nos somos seres humanos, iguais a eles, temos problemas, eles têm também, não é o mesmo que a gente, mas qualquer um pode passar por isso, pode ser o próprio filho, então que eles tem que compreender, e assim sei lá só ajudar, porque se for pra atrapalhar não resolve, e isso pode acontecer com qualquer um, e assim eu acho que a gente que passou por isso eles têm que acreditar mais na gente, que conseguiu sair, né, então a gente é o futuro do Brasil, é isso daí".

Ipê Branco possui várias qualidades como comentamos no início, mas ela destaca como principal sua inteligência, pelo fato de ter passado sérias dificuldades, mas nunca ter repetido ano na escola, como também a humildade e sensibilidade por sofrer muito quando percebe que alguém passa por problemas. Como limite coloca a timidez especialmente quando se trata em falar da sua opção sexual pelo preconceito que sofre em relação a esta.

Ao comentar sobre a importância em fazer parte deste trabalho, onde as pessoas vão conhecer através das falas o que passa uma pessoa que viveu ou vive em situação de rua e na dependência das drogas fala:

"...Eu acho assim, vocês estão tipo assim, sendo escritores né, escrevendo um livro assim da vida da gente, então assim divulgando isso, então é que continue assim porque ai não fica, sei lá, cada vez aumenta mais, mais aceitável quem sabe no futuro, então começa assim né. É logicamente que eu agradeço por isso, apesar da entrevista ta sendo assim muito legal, mas assim o coração ta pulando, mas é acho que vocês têm que continuarem com isso, eu só tenho que agradecer lógico...".

Para que ocorra a recuperação da criança e do adolescente em situação de rua é necessário por parte de quem acompanha o desenvolvimento de habilidades específicas como educador ou educadora neste processo para que possam oferecer possibilidades e ao mesmo tempo suporte em todos os níveis das necessidades humanas, uma vez que a pessoa passará por alguns desafios ao que se refere ao desligamento do grupo de convivência no contexto de rua, ao uso de drogas e atividades ilícitas, como também ao próprio estilo de vida.

É importante estimular potencialidades para o emergir de perspectivas de vida e estas podem estar relacionadas à educação formal, profissionalização, constituição de uma nova

família, concretização dos sonhos pessoais, moradia, lazer, oferecer melhores condições de vida aos filhos e outros, que levem a realização plena da pessoa como sujeito do seu caminhar. Pois segundo estudos realizados por Neiva-Silva (2003) o fato de possuírem expectativas em relação ao futuro exerce em suas vidas influências saudáveis sobre o seu desenvolvimento.

Estas expectativas por sua vez fortalecem o querer mudar de vida, e dar suporte e encorajamento para a busca de outras formas de sobrevivência e de automanutenção a partir de conquistas pessoais, como também o enfrentamento dos desafios da exclusão social e da pobreza, que por sua vez é a manifestação de uma má qualidade de vida que muitas vezes muda apenas de endereço, e esta realidade contraditoriamente enfraquece a perspectiva de futuro destes indivíduos.

(KALOUSTIAN, 1994).

3.3.3 AZALÉIA DO CERRADO

A vida muitas vezes apresenta-se de forma contraditória. Da mesma forma que foi para a rua por meio da convivência em uma instituição, a reopção de vida também ocorreu por meio de uma instituição.

"(...) eu fui porque eu tava grávida de oito meses da..., e eu pensava em ter a... e voltar. Não pensava em ficar, não queria ficar... Mas como a... nasceu doente eu não tive forças né pra voltar pra rua de novo, naquele momento eu só queria cuidar dela e ter ela viva junto comigo". Lá era muito bom porque, né a gente aprendeu, Eu aprendi muitas coisas, que, aprendi, ganhei muitas coisas né. Que quando eu fui pra lá, tinha os educadores, que mim recebeu, mim tratou com muito carinho de mãe, mãe e pai mesmo que eu até aquele momento eu nunca tinha tido, um pai e uma mãe pra mim. Então mim ensinaram, me fez abrir os olhos que eu tinha que estudar né, mim mandaram pra escola, que eu tinha que trabalhar né fazia tapetes, aprendi a bordar né, cartões, mas que eles mim mostraram pra mim que eu tava fazendo alguma coisa na vida né, que o que eu fazia era importante né".

Esta relata que passou no período que estava em situação de rua por várias instituições, mas não conseguiu ficar.

“As outras eles não davam muita importância, é lá entrava e tinha as normas, as normas era aquelas e pronto né. Eles não mostrava pra nos o amor que sentia por nos igual o da Tenda, que eles conversavam, brigava, chorava, ne fazia tudo, dava muita segurança pra gente”.

Azaléia do Cerrado ao falar da sua experiência em sentir-se amada, respeitada, e ser escutada em suas necessidades se emociona, pois foi sua primeira experiência em sentir-se gente com sentimentos e com uma história cuja vivência desencadeou diversas transformações em sua vida, adquirindo forças para fazer novas opções mesmo com os laços rompidos com a família e por sentir que esta a rejeitava, com exceção o seu avô. Começa a viver um novo processo de inclusão. Novas perspectivas começam a desabrochar juntamente com sua auto-estima positiva.

Dá-se então o processo de inclusão social com diversas atividades. Sente-se útil e responsável, tem papéis importantes a desempenhar nesta nova Instituição como cada colega, trabalham em equipe e esta experiência lhe ajuda a perceber a história da outra e a perceber que o seu sofrimento a sua luta não é única. A ideia de ter a filha e retornar para a rua começa a sofrer alterações, agora tem outras prioridades e perspectivas de vida.

É hora de caminhar com as próprias pernas, saí da “Tenda” com sua filha, e com muitos sonhos, uma casa nova lhe espera, fruto de muita luta, e parceria com outras amigas que também fizeram a mesma caminhada, mas é preciso olhar a vida com novos olhos.

"Depois disso que eu sai da Tenda, comecei a entrar mais em contato com minha mãe, tudinho, e ela, conversou comigo, ela já, pediu perdão né tudo. Que Se eu erre ela também sabia que o que ela fazia não era certo, né, ela sabia que tinha errado muito. E depois disso que eu mostrei pra ela, ela viu que eu era outra pessoa, não era mais aquela menininha, ela maravilhosa, uma mãe muito boa nossa".

Em sua trajetória muitas pessoas marcaram positivamente sua vida e isto lhe deu de certa forma respaldo para conseguir caminhar e vencer os momentos difíceis. Fez questão de citar nomes de irmãs, educadoras.

"Porque ela que mim levou né. Existe algum jeito especial nela? É Ela que mim levou, ela que ficava ali o tempo todinho do meu lado, ela chorava comigo, ela que ria comigo, ela que brigava comigo,... é mais que mãe, ela é muito especial mesmo".

Nesta altura da entrevista já se sentia mais tranqüila, já havia feito muitos desabafos e falar do passado das dores que ainda são presentes é uma terapia, e o silêncio da mata, o ar puro onde estávamos realizando esta atividade proporcionava um clima tranqüilo e ao mesmo tempo distante de seus quatro filhos que a buscavam insistentemente, foi na verdade uma maratona para conseguirmos nos esconder das crianças que também queriam participar da gravação. Agora era momento de falar dos sonhos, das expectativas, das conquistas e dos desafios superados.

"Ah, um futuro bem melhor, bem mesmo, ne'. Eu quero fazer o possível pra que eles (os filhos) tenham uma vida completamente diferente da minha... que cresça estudados, né mesmo que, não precisa ser uma atriz, um médico, né mas que cresça com dignidade, sem drogas sem roubar,né, que estudem bem, que trabalhem, né, vivam com dignidade, não façam o que eu fiz"...Olha a conquista minha foi meu trabalho né, minha casa, que eu consegui né. E a

dificuldade minha ta sendo agora. Que é lutar, né pra melhorar a casa, cuidar das crianças pra que eles tenham uma vida boa. E pra mim isso é uma dificuldade né, que as vezes eu fico assim, eu mesmo olho pra mim eu não mim vejo ali daquele jeito , sendo que antes eu não precisava nada disso, eu não tinha que trabalhar, eu não tinha que dar um leite pra ninguém, não tinha que, é ir pro fogão pra fazer um prato de comida pra criança comer,né e isso que é um desafio , é um trem que eu tenho que vencer".

A vida de Azaléia do Cerrado há muito tempo tem sido diferente, acordar cedo para trabalhar, ao sair precisa deixar as coisas encaminhadas para os filhos, mas sente-se feliz em poder trabalhar na limpeza urbana, ganha um salário e cesta básica, são quatro filhos que necessitam da sua ajuda. Nunca teve muita sorte com os relacionamentos amorosos, estes sempre se apresentam instáveis depois de um certo período de convivência, mas não abre mão dos seus filhos, mesmo os pais não contribuindo para a manutenção dos mesmos. E sente-se feliz porque agora com vinte três anos de idade esta na 5ª série do ensino médio, seus filhos já estudam, muita coisa já mudou e ainda vai mudar.

Comenta com pesar a exclusão, discriminação social que sente na própria pele por ter sido menina em situação de rua, mas afirma não desistir de continuar sua caminhada mesmo as pessoas não acreditando.

"Aqui mesmo ao nosso redor, aonde nos mora existe. Que os outros perguntam: onde você mora? Ah! Lá no conjuntinho lá em cima, ah, lá nos meninos que era da rua né? Não sei o que. A gente vê né que não ta falando aquilo bem, né de coração. Fala excluindo com discriminação, né. E é uma pena, porque é difícil né, assim que a pessoa sair da rua tudinho, lógico não é fácil, mas se ela não quiser . Se ela não quiser, se a gente não quisesse , a gente não tava aqui né. Agora se a pessoa quiser, acreditar, ela sai sim , sai das ruas, e quem não acredita nisso né é uma pena mesmo".

Frente a esta realidade sente-se apoiada pela “Tenda” que sempre esteve presente em seu processo de recuperação e inclusão social, esta faz questão em falar:

"Eles, né mim acolheram, mim apoiaram, fizeram de tudo comigo né pra minha recuperação né. Naquele momento eu não tinha ninguém do meu sangue, né do meu lado, ninguém, ninguém acreditava em mim, minha mãe ela não olhava em minha cara, ela não acreditava que um dia eu pudesse melhorar, né, então, foi eles que acreditou em mim, mim acolheu e mim apoiaram, e hoje eu to aí, então mesmo que eu tenha minha mãe ao meu lado, eles nunca vai deixar de ser a minha família"

Deseja também dizer algo para as pessoas que não acreditam na recuperação de quem já passou por estas experiências de rua e drogas.

"Então eu quero falar pra eles, que não é assim, que muitos que viveram esta vida, que vive até hoje não é igual, né, porque vivia uma vida ótima,... fala eu quero ir é pra lá e pronto, eu vou ficar é lá né. Aconteceu alguma coisa na vida dessa pessoa, né e que porque ta lá não vai se recuperar nunca, que todo mundo tem uma chance , né na vida e se a pessoa quiser ela tem condições de mudar, e que pedir pra eles que acredite, né, não, acredite neles né, em nós e apóie e nunca vire as costas pra eles".

Azaléia do Cerrado está a seis anos sem usar drogas e sua expressão facial é de vitória, orgulho por ter superado tantos limites pessoais e sociais. Deseja apenas aumentar sua casa e oferecer melhores condições de vida para seus filhos. Vive no momento a insegurança do trabalho em que esta sob regime de contrato especial, mas tem esperança, pois verbaliza que se caso seja demitida dará um jeito e tem a certeza de poder contar com ajuda, apoio das pessoas e especialmente da tenda, sua família.

O descortinar das potencialidades das meninas e dos meninos que viveram em situação de rua são manifestadas no enfrentamento das dificuldades e na determinação em alcançar as metas que se propôs a alcançar quando saem da rua. Constatamos então que muitas vezes admiramos estas pessoas que saíram do contexto de rua como se admira um produto em uma vitrine, achamos a embalagem apresentável, com aspectos diferentes daqueles quando viviam em situação de rua, mas raramente nos dispomos a contribuir efetivamente para que de fato a recuperação aconteça na vida destas pessoas.

A conquista do primeiro emprego exige da pessoa que viveu a realidade de rua um aparato de habilidades que muitas vezes como instituição não conseguimos oferecer em decorrência da ausência de recursos humano e financeiro como também a descrença na recuperação destas pessoas.

Falta-nos, portanto, a sensibilidade para compreendermos que estes sujeitos são pessoas humanas como nos portadoras de direitos e deveres e não temos condições de exigir se nada oferecemos ou contribuimos para que esta realidade seja transformada.

Como seria para nós hoje se descobríssemos que tudo que vivemos e acreditamos fosse irreal e tivéssemos que aprender a viver como uma criança que acabou de nascer? Quais seriam as nossas predisposições? Os desafios que teríamos que enfrentar, os vícios que precisaríamos abandonar? É relevante neste processo que saibamos nos colocar no lugar do outro para que possamos compreender e respeitar a individualidade de cada pessoa e conseqüentemente nos curar dos preconceitos que nos transformam em pessoas míopes, mesquinhas e moralistas frente a história de vida do outro.

Atitude esta que caracteriza segundo Patrício (1990) apud Hirata (1995,p.56):

“... Uma prática educativa fundamentada num processo interativo de diálogo, com troca de idéias, centrado na reflexão a partir de saberes que compõem os universos culturais do profissional e do cliente, possibilitando a transformação de ambos. Essa prática educativa é fundamentada em componentes do cuidar-cuidado que promovem a cidadania de direito e de dever”.

3.3.4 IPÊ AMARELO

Identificamos o que Hirata (1995) chama de paquera pedagógica quando solicitamos que descrevesse um pouco sobre sua saída da rua e como havia conhecido a Tenda. Não hesita em descrever como algo significativo que lhe ocorrera por meio de uma pessoa significativa em sua vida:

“ Através da Irmã. Ela é uma das pessoas que eu mais gosto, mais admiro, quando eu tava na rua ela sempre ia mim visitar, mim levava no médico ou então mandava outras pessoas ir lá, levava comida pra mim. Vivia mim chamando pra ir pra uma fazendinha, pra mim sair da rua, mas uma vez eu quase foi, e eu cheguei lá e quando mim falaram o que eu tinha que fazer lá na fazenda resolvi voltar pra trás. Ai então assim eu fui conhecendo o pessoal da Tenda, ela tinha mim falado que ia ta abrindo um abrigo, e pra meninas, e que se eu quisesse eu poderia ser até a primeira menina a entrar na casa. Tanto que eu fui, que eu ia pra essa fazenda pra ficar lá nove meses e fazer a desintoxicação, dizendo eu que ia pra lá como educadora. Mas como eu não quis voltei pra rua,... depois que eu soube que eu tava grávida eu fui pro abrigo, ai de lá a irmã mim encaminhou pro abrigo, fiquei um mês no abrigo, só que lá era um lugar que não mim agradava pelo motivo de ser evangélico, não podia fumar, não podia ver televisão, ouvir música, era muito rígido, então eu não quis. Fugi de lá quando tava grávida de cinco meses. Voltei pra rua porque o abrigo não queria mim aceitar de volta. A educadora queria que eu

voltasse pro abrigo, mas eu sou muito teimosa não queria né. Ai eu doida pra falar com a Irmã, foi assim que o abrigo resolveu mim aceitar de volta, e a Irmã foi no lugar onde eu tava na rua, mas eu já não tava mais, eu tava lá no abrigo, ai ela foi atrás de mim mais o Frei , conversou comigo e falou que se eu ficasse um mês lá no abrigo, eu iria pra Tenda. Ai eu fiquei um mês no abrigo, depois ela foi mim buscar e eu fui pra “Tenda”.

A vida na “Tenda” era cheia de atividades, Ipê Amarelo sentia estar no seu espaço, às vezes ocorria alguns conflitos nas relações, mas nada que não pudesse ser superado.

"O que eu mais gostei na Tenda foi na época que tinha um casal como educadores, a gente tinha mais liberdade... A gente tinha as atividades, tinha tapete, cartão, os trens pra gente fazer. Ai era o tempo que eu mais gostava... Aprendi muita coisa. Assim, tem muita coisa que a minha família fala assim, ah mais não é assim, Ah,foi assim que eu aprendi. Tanto que uma vez eu briguei com minha mãe e cobrando dela as coisas, e ela falou pra mim: eh! Mais a vida não é assim, eu falei a vida não é assim, mas foi assim que eu aprendi onde eu morei, lá eu aprendi que a gente tem carinho, tem amor, tem que respeitar as pessoas, então eu acho que eu quero ser tratada assim. Lá na Tenda eu tive muito isso, aprendi muito isso, a respeitar... “

Esta vivência contribuiu também para avaliar valores e no hoje ter condições de perceber limites nas relações interpessoais que necessitam ser trabalhadas junto aos sujeitos que estão diretamente ligados à Tenda. A mesma relata também da importância em ter grupos pequenos para facilitar o processo de cada uma.

"(...) não falo de todas, mas ali tinha alguns que, como é que fala protegia, falo tanto de mim, porque já aconteceu isso também de eu fazer coisa errada dentro da casa , e algum educador mim proteger,

proteger aquilo que eu fiz, esconder aquilo ali. Já aconteceu muito isso lá na casa, também tinha algumas pessoas que trabalhavam ali só por trabalhar".

O relacionamento familiar de Ipê Amarelo sempre foi frágil, especialmente com sua mãe e com a distância houve várias tentativas por parte desta, mas sem nenhum resultado: *"agora é pior ainda"*. Com o seu avô era diferente sentia por ele uma grande ternura e gratidão por tudo que havia feito no período da sua infância:

"Quando eu comecei a ter ele morreu. Apesar de tudo que ele já fez, eu amava muito ele, amo até hoje, porque graças a ele eu sobrevivi, porque teve uma fase da minha vida muito complicada, quando eu era mais nova e ele mais a minha avó foi quem mim apoiaram, quem mim ajudaram. Minha família hoje é os meus filhos, é meu marido, as minhas amigas, e aqueles que mim ajudaram...eu considero o pessoal da Tenda como minha família..."

Ao perguntarmos a que ela atribui a sua recuperação esta responde:

"Primeiro de tudo porque eu tive a vontade de sair de mudar, né, de ter minha casa, de ter meus filhos, que eu sempre tive isso na minha cabeça, de ter minha casa de ter meus filhos. Nunca a vontade de ter marido, né, mas, mas e também muito a ajuda que eu tive, porque se eu não tivesse tido a ajuda, não tinha dado conta de mudar, porque sem ajuda ninguém consegue. Aquele que falar que consegue mudar sem ajuda ta mentindo, porque não consegui."

Em seguida registra quais as experiências marcantes ao sair da Tenda:

"Ah! Acho que ter minha casa né. Nossa quando eu soube que eu ia ter minha casa eu era a mulher mais feliz do mundo, chorei tanto quando mim falaram isso"

Percebemos que para a saída da criança e adolescente em situação de rua é necessária à força de vontade de cada um que é motivada por um acontecimento único juntamente com o vínculo estabelecido da parte de um

educador ou pessoa com quem se sente aceito, amado e acolhido. Constatamos na vida de Ipê amarelo como na história de vida de cada pessoa que vive esta realidade a discriminação e a exclusão social, e esta aparece como uma dificuldade no processo de recuperação e inserção social.

"(...) eu enfrentava em alguns lugares e ainda enfrento a discriminação por ter sido menina de rua, né. Quando a gente mudamos pra cá, muita gente ficava comentando, falando, Ah! Agora só ta morando ex menino de rua, menino de rua, ladrão, tem que tomar cuidado. Nossa isso é muito ruim, você andar e as pessoas ficar te olhando de cima embaixo".

Ao falar sobre como a sociedade percebe a criança e adolescente em situação de rua esta comenta:

"AH! Sei lá eu acho que a sociedade hoje em dia tem que vê, tem que abrir os olhos que menino de rua, não é menino de rua pra sempre, eles muda, né, principalmente quando tem ajuda das pessoas, que eles não vão ser assim, igual eu mesmo eu tive ajuda, mudei graças a Deus e hoje em dia, se o que eu posso fazer, o que eu puder fazer pra ajudar aqueles que estão lá, eu faço. Então eu acho que a sociedade tem que ajudar e não ficar discriminando, ficar ignorando... não são nem todas né, tem algumas pessoas, igual, tem muita gente que reconhece, muitas mesmos já conversaram comigo, nossa você já passou por tudo isso, e hoje você esta em pé, lutou, tem sua casa, tem seus filhos, tem pessoas que me dá até os parabéns, e eu fico muito feliz, que eu vi que eu fui capaz, e que eu vou dar conta de chegar até onde eu quero chegar".

Um dos sonhos de Ipê amarelo é montar uma confecção, pois esta lhe concederá a possibilidade de cuidar de seus filhos sem precisar sair de casa, sente que este é o momento e a oportunidade de contribuir na educação de seus filhos, uma vez que a sua relação com o parceiro também é instável, já com o seu primeiro parceiro quando vivia em situação de rua teve muitos sofrimentos e perseguições

sendo necessário proteger-se e proteger sua filha, mas em momento algum desistiu de lutar, sempre acreditou que poderia mudar.

"O meu maior sonho, Ah! O meu maior sonho é ter pra mim tipo uma confecção, pra mim costurar, pra mim não ter que trabalhar fora, pra ficar mais junto dos meus filhos em casa, ta crescendo junto com eles, ta participando mais da vida deles".

Perguntamos se ela acredita na recuperação de outros meninos e meninas e que ao mesmo tempo nos deixasse um recado para as pessoas que atuam e acreditam nesta recuperação ou algo que gostaria de falar naquele momento. E com ar de satisfação por poder partilhar sua experiência de vida para outras pessoas falou-nos:

"Acredito iche. Aqueles que realmente querem, né. Aqueles que querem consegue... Pra você que você continue com o trabalho que você esta fazendo que é muito importante. Né, muita gente acha que não, Ah, mas isso é um trabalho qualquer, qualquer um faz. Não, não é qualquer um que faz, que a pessoa pra estar nesse trabalho, ela tem que gostar. E tem que ter vontade realmente de ajudar, porque se entrar neste trabalho sem gostar, não consegue ajudar ninguém a mudar. Eu acho assim continue com o trabalho e mostre pra pessoas que os meninos de rua tem mudança e que eles também são capazes de ajudar as pessoas".

As expectativas para o futuro de cada menina que vivenciou a experiência de rua encontram-se atreladas à experiência pessoal de abandono, no desejo de que esta não se repita na vida dos filhos, a partir desta faz emergir uma força interna que movimenta todas as ações da pessoa em busca da concretização desta meta. Como também a certeza de poder contar com o apoio de algumas pessoas para esta concretização. Realidade esta que nos reporta a outras pesquisas com estes indivíduos e constata-se que apesar das experiências negativas que foram vivenciadas em decorrência ao abandono, violência, pobreza e outros, ainda se faz

presente nestas vidas os sonhos da construção de uma vida onde permeia a dignidade humana (BOTELHO, 2003).

3.3.5 IPÊ ROSA

O desejo de sair da rua de Ipê Rosa não estava ligado à questão da gravidez, mas sempre existe um motivo forte para quem deseja mudar de vida.

"Porque eu não mim sentia bem, né. Eu já tava, aprontava muito, aí os meninos, sempre eu tinha que assumir a culpa deles, que, além de eu ser mulher né, aí ficava mais fácil. Aí quando eu fui presa, né, depois que eu fui presa, eu não quis saber de ficar mais na rua não. Porque eu conheci um educador lá, né que ele mim tirou de lá, e pediu pra mim que eu promettesse pra ele que não, que por mim, não por ele, mas por mim que eu ia ficar no abrigo. Aí assim eu falei pra ele, que se ele mim tirasse eu ia pro abrigo. Aí eu prometi pra ele que nunca mais eu ia voltar pra lá, pra ruas de novo".

Ao descrever sua chegada na "Tenda" hoje consegue sorrir, mas na época esta chegada foi marcada pelo medo, insegurança do novo, pois tudo parecia ser diferente, precisava de certa forma tentar para ver no que ia dar, queria mudar de vida, dar um rumo diferente para sua história e se voltasse para casa ou a rua nada ia mudar.

"Ah! Nos primeiros dias eu chorava muito, eu não sei porque, mas eu chorava, chorava, aí depois eu mim acostumei, nossa eu mim acostumei lá, pra mim era outra família, outra casa né, eu ia pra escola, se bem que eu não gosto de estudar muito não, mas, eu ia pra escola, conhecia outras pessoas totalmente diferente, outras propostas de ajuda diferente. Porque as pessoas dá com a mão e toma com as duas. E lá não, lá o pessoal esta sempre disposto a ajudar a gente né... Lá no primeiro abrigo que eu fui era obrigado a ficar lá até completar 18 anos, mas lá e tinha um trabalho que obrigava a gente trabalhar muito, a gente trabalhava, a alimentação era ruim mesmo, não era tudo a vontade, a gente não tinha opção

em nada, era eles que optava, porque a gente queria era o querer deles, tinha que querer o que eles quisesse, se não fosse assim tinha um castigo pra nós... Na Tenda, nossa não tinha nem comparação, a gente tinha um dinheiro, saía pros passeios, tem assim ajuda psicológica, lá não tinha, a gente podia sair ir pra escola, lá no outro abrigo, eu não sei se até hoje, mas na minha época, a gente não ia pra escola, e não tinha como trabalhar, né e lá na Tenda hoje em dia ... tem varias oficinas e lá no outro abrigo não tinha oficinas de manual, de fazer trabalho com as mãos. Não tinha não. Só trabalhar mesmo... É eu vejo lá como minha casa, até hoje né. Como a minha casa que eu posso chegar e né, chegar e entrar assim, como minha casa mesmo. Ne lá, tá certo, lá tem normas, que deve ser cumprida, mas fora isso, e é o que ajuda lá é isso né, são as normas”.

O relacionamento de Ipê Rosa com sua mãe segundo sua narrativa nunca foi bom, pois esta sempre esteve muito influenciada pelo uso do álcool, não aceitou nenhum tratamento até o momento como também afirma que quando sentir vontade para e ninguém vai mandar nela. Já fez várias tentativas para tentar uma aproximação, mas as investidas foram frustradas.

”. Toda vez que eu tento procurar minha mãe, pra, como é que fala, pra regenerar com ela, ela só mim traz problemas. Toda vez e agora eu decidi que eu não vou atrás dela mais não Porque ela não quer saber de ter uma vida normal. De sair dessa, ela quer só ficar naquela, que fique sozinha... Naquela de ficar, bebendo, ela trabalha tem o serviço dela, mas ela nunca tem nada moço. Ela só, toda coisa que ela tem vende, bebe muito, ela perde o serviço, arruma outro, cai de novo... A minha família, a verdadeira pra mim, acabou, agora eu comecei outra família que é a família Tenda e pretendo ficar com ela”.

Após fazer todo o seu processo na “Tenda”, estudar, participar das atividades que eram propostas, iniciou um relacionamento com um jovem que conheceu em sua escola e este parecia ser a pessoa que Ipê Rosa teria escolhido

para viver o resto de sua vida. Ia completar quinze anos, era sua festa de aniversário e ao mesmo tempo havia decidido ir morar com o jovem que escolhera. Ela desconhecia sua família, mas diante do convite em assumir uma nova vida decidiu sair da “Tenda”.

"Quando eu fui pra Tenda, passou um certo tempo eu comecei a estudar, ai lá na escola eu conheci um rapaz, ai nos passamos a namorar, ai ficamos um ano e 8 meses, porem namorando, depois eu fui morar junto com ele, em outra cidade, na cidade da família dele, fui conhecer a família dele. Só que chegou lá não era bem o que eu pensava , eu fiquei seis meses lá, ai eu voltei, e quando eu voltei eu já tava grávida dele, ai a gente voltou, ai a irmã ajudou a gente ficou morando numa casa cedida, né, até a gente conseguir uma outra casa . Ai a gente conseguiu uma outra casa e fomos morar lá. Ai aconteceu uma coisas, que eu... Ai o nenê nasceu, hoje ele tem três meses, ai aconteceu algumas coisas, e hoje eu to separada do pai do nenê,".

São muitos os fatores que podem contribuir ou dificultar a recuperação de uma pessoa que vive em situação de rua, como também a permanência em uma Casa Lar e conseqüentemente a constituição da própria família, uma vez que na sua maioria os laços com a família de sangue encontram-se frágeis e a história de vida de Ipê Rosa não é diferente da de tantas histórias que como ela sentiu na própria pele o abandono, mas que algo fora preservado em suas vidas, que é a garra e a vontade de lutar, como também a possibilidade de contar com o apoio de pessoas e instituições que acreditam nesta recuperação.

"O que mim ajudou foi umas pessoas. Porque no meio da sociedade, elas discriminam muito os meninos de rua, sabe?olham com outros olhos . Ai Até hoje, quando a pessoa pode ser recuperado, chega e olha assim e fala nossa, sai de perto porque é es menino de rua né. Hoje em dia até assim se chegar na Faculdade e falar assim, e eu já fui ex-menino de rua, eles não te aceita, no

serviço se falar eles não te aceita, em lugar nenhum que você chegar, né eles perguntam a sua história, e você fala eles não te aceitam. Então eu melhorei, mudei de vida porque eu precisava daquilo de mudar, porque o fim dos meninos de rua, que ficam na rua é triste. É triste é uma pena que não tem ninguém pra colocar na cabeça deles, pra eles saírem da rua. Assim como teve uma pessoa que mim ajudou a sair, devia ter outras mais, pra ajudar eles a sair, e os que estão querendo ir não permitir que eles fossem pra rua."

No que diz respeito a suas experiências marcantes ao sair da "Tenda" fala:

"Iche, eu enfrentei muita dificuldade, nossa, inclusive quando eu fui conhecer a família do meu marido, meu ex-marido, eu enfrentei muita dificuldade demais, financeira. Ah! Ai uma parte melhorou porque o nenê nasceu, ai foi melhorando, e ai, eu pude controlar a situação, mas... Ah! É uma dificuldade, assim que , na convivência, eu não tinha com quem conversar, né, mim sentia sozinha, eles faziam só por eles, em relação a tudo, era só eles e eu sempre tava fora, porque eu não era considerada da família,... a rejeição dela, dos parentes dele, fez com que eu sofresse cada dia mais e mais. Quando eu vim pra cá eu mim senti mais segura, Porque eu já tava, como se diz : Ah! Eu já tou na minha casa, todo mundo mim entendia, mim compreendia".

Essa Casa a que ela se refere trata-se da "Tenda". Espaço em que se sente à vontade para ser ela mesma. Falar de Projetos de vida para Ipê Rosa o seu semblante se abre, é a certeza de que apesar das dificuldades o novo pode acontecer e a sua determinação ajudará chegar onde quer.

"Ah! Meu projeto era ter um filho com ele, morar sozinha com ele, e que ele tivesse um trabalho fixo e eu também, e nos montar nossa casa, ter uma casa toda mobiliada... agora Ah! É começar tudo de novo, só que diferente... Eu... Eu e meu filho, começar tudo de novo e lá eu sei que eu vou conseguir, eu tando lá. Estando na Tenda eu vou conseguir".

A situação de Ipê Rosa com a separação do esposo não é muito fácil, pois por ser menor de idade não pode morar sozinha com seu filho e esta por sua vez não tem nenhum membro da família que possa assumi-la juridicamente com o filho, o que lhe resta como alternativa é retornar para a “Tenda”, e sente-se feliz por isso, sente-se segura em casa para que neste período possa reconstruir a sua vida e chegando a maioridade possa morar sozinha. Este é um caso que requer exceção. Ao perguntarmos o que significa a “Tenda” para ela e sem hesitar responde que é a sua família e dela possui apoio, não se sente desprezada e é tratada na sua individualidade e que é bom saber que seu filho vai estar crescendo neste ambiente.

No momento tem dezesseis anos e atribui sua recuperação:

“Ah! Primeiramente é porque agora tenho uma vida, né, eu tenho uma vida pra cuidar. Uma não, tenho duas né, tenho a minha e tenho a de meu filho... eu tenho que seguir em frente, e cuidar dele e cuidar de mim também, eu acho que é isso, por isso que até hoje eu... E mesmo se eu não tivesse um filho eu não iria voltar porque eu iria querer ter um filho, eu ia querer ter uma casa, assim como eu pensava antes, eu penso agora. Só que com esse... Eu não quero mais “.

Ao comentar sobre a descrença da sociedade em relação à recuperação da pessoa que vive esta realidade e no seu caso a utilização de drogas desde os sete anos de idade, de maneira eufórica como se não quisesse deixar a oportunidade de falar algo importante comentou :

“Ah!... Quero falar que as outras pessoas passa a olhar os meninos de rua com outros olhos, porque uma pessoa, ela passa em frente de um menino de rua, se ela chegar e perguntar , falar pelo menos oi, bom dia! pra aquele menino de rua, ele já vai sorrir pra você, falar nossa: O sol hoje se abriu pra mim. Ai muita gente pensa, que as madames passam né e vira a cara, por isso que eles roubam, porque fala, nossa, ta. Agora se a pessoa chegar neles com humildade, né, já não basta a revolta, porque eles vão pra rua é de revolta, revolta da sociedade. as pessoas mesmos é que causa isso , mesmo independente de pai e mãe. Porque o pai e a mãe já contribui com

isso e, a sociedade também ajuda. Vixa! eu penso que passa a olhar com outros olhos".

Embora tenha tido uma história de vida marcada por fatores que de certa forma comprometem a auto-estima do ser humana, esta menina que viveu em situação de rua e experimentou o abandono, a rejeição proveniente de um lar desestruturado surpreendentemente decide -se a percorrer uma trajetória contrária de toda a sua família desafiando assim a uma estrutura preestabelecida desde o seu nascimento.

Realidade esta que nos interpela como profissionais de saúde a assumirmos concretamente o cuidar junto a estes sujeitos como também a formação da consciência e a internacionalização do significado do cuidar, a partir do contexto social e cultural em que a pessoa se encontra inserida. A este respeito estamos de acordo com Hirata (1995, p.61) quando esta afirma que: "A enfermagem pode oferecer à sociedade cuidados que potencializam desejos enquanto força mobilizadora".

3.3.6 GARÇA BRANCA

Garça Branca reconhece que a rua não lhe fez bem, desejava de certa forma um apoio familiar e não obteve, conseguiu apenas entrar no mundo das drogas e da bebida, foi parar diversas vezes no SOS, e através deste houve um encaminhamento e em seguida um acompanhamento por parte da "Tenda" para vê a possibilidade desta estar morando na casa uma vez que era menina em situação de rua. Ao chegar na "Tenda" sentiu dificuldades com as regras conforme relata:

"A nem, isso é ruim né... Fica seis meses sem sair, eu era menor, né, tinha 14 anos, era mais rígido, pra quem é de menor as outras podia sair e eu num podia, que além de completar os seis meses eu era de menor não podia ta saindo sozinha. Aí foi levando na... uma época eu não agüentei... eu voltei pra rua, aí a irmã duas vezes e ficou, ficou enchendo meu saco aí eu vi que num era vida pra mim e eu acabei voltando de novo pra casa. Passei por outra casa de recuperação, né. E tive muita força de vontade, né. Coloquei as coisa na cabeça que eu ia mudar, que eu ia sair dessa, que não era aquele o meu caminho... E tô aqui..".

Destaca como algo que a auxiliou a fazer o caminho na “Tenda” o fato de existir a possibilidade de realizar diversos trabalhos manuais, apoio, e a liberdade de expressão como também o fato de existir um ambiente familiar.

“O quê que me ajudou? Ah! O apoio né, e acho que sem o apoio ninguém é ninguém né. Um voto de confiança é uma ajuda... eu gostava muito de fazer trabalhos manuais, eu fui aprendendo e fazia, eu pegava as coisas e tentava desenvolver, né. É desde quando a Irmã me colocou no” Colégio ... “eu fui em frente, estudando aí, teve uma época que eu falei, eu quero fazer supletivo, adiantar né, eu sou capaz .Aí... trabalhei também na época tava com 14 anos que eu passei pela primeira vez pela casa eu trabalhei no SEPROS, trabalhei seis meses né, é tipo um curso seis meses e recebe. Trabalhei os seis meses aí eu comecei juntá dinheiro só que na época eu me recai, peguei tudo e gastei com droga. Aí agora eu voltei, né, sabia fazer trabalhos manuais que eu aprendi na fazendinha, né? Aí eu fazia os trabalhos manuais aí eu vendia devagar fui arrumando um dinheirinho e a Irmã foi e me arrumou um serviço”.

Não é fácil para Garça Branca falar a respeito da sua família e especificamente como era seu relacionamento, pois ainda carrega a esperança de ser aceita, acolhida por ela.

“Era bem difícil, nem tanto com a minha família, nem tanto meu pai biológico, meu pai que eu considero como pai não é meu pai biológico, é eu fui crescendo e minha mãe foi pegando um certo ciúme, mas eu já nunca tive contato com a minha mãe assim, maternal, aquele apoio, aquele amor, aquele abraço de mãe eu nunca tive, né. E eu já fui criada bem mais distante a minha madrinha me, cuidou de mim até os dois anos, eu não tive alimentação adequada né, que é da mãe, eu tive o meu leite que eu era novinha que eu fiquei sabendo...”.

Alguns anos passaram. Perguntamos se esta relação havia melhorado e a mesma afirmou que não, sua mãe sempre foi muito distante e às vezes sai e deixa seus irmãos sozinhos e afirma:

"Ué, a minha mãe tinha muito tempo que eu não via ela, vi ela esses dia que ela foi lá mais meu irmão, pedi uma sandália, mas eu continuo sem contato, eu não sei onde ela mora, é essa semana que ela foi lá em casa fiquei surpresa pela visita, que ela sempre fico lá em casa, só meus irmãozinho pequeno, meus irmão são bem apegados".

Ela atribui a sua recuperação a força de vontade e a determinação da pessoa, pois a sua vida sempre esteve marcada por conflitos e no meio destes sempre teve que tomar decisões acertadas ou não, pois não tinha quem pudesse intervir a não ser ela mesma.

"Uai, a força de vontade, acho que se ninguém tem a força de vontade, não adianta puxar, puxar que num sai não. A gente tem que ter a força de vontade, de si próprio tem que ter um sonho. O sonho que faz você crescer, você determinar, é isso que eu quero, é isso que eu vou fazer. E acho que foi assim..."

Ao falar das suas conquistas esta se refere à saída da rua como sua maior vitória, e o fato de comprar todas as suas coisas com o próprio suor, e coisas que sempre teve vontade de possuir como a construção de sua casa , seus móveis e mais ainda no mutirão da casa própria junto aos doze que trabalhavam em mutirão tirou em primeiro lugar, e esteve trabalhando durante toda a gravidez realizando serviço de auxiliar de pedreiro na construção destas casas.

Garça Branca às vezes parecia não acreditar em todo que agora contemplava em suas conquistas, já estava terminando o ensino médio e trabalhando de carteira assinada como auxiliar de turma em uma escola creche. Sua

casa praticamente mobiliada e o sonho de ter um filho foram concretizados. São muitas as vitórias não é possível perder tempo amargurando-se por um amor que não teve, é preciso olhar para frente, agora tem um filho a que necessita dar muito amor para que não venha a sentir o mesmo que ela. Com tom de brincadeira afirma que falta ainda um sonho a realizar, que é comprar sua moto e fazer um curso superior.

Registra como dificuldade o fato de ter que enfrentar a vida sozinha quando sai da “Tenda”, ali se sente protegida, e a impressão é que nada de mal vai acontecer e quando se sai parece estar mais vulnerável e segundo ela bate a solidão, e as pessoas lá fora não estão preocupadas se você estar só, se tem problemas ou não.

Quando tratamos da discriminação prontamente afirmou:

"Eu já sofri discriminação, quando as pessoas sabem que eu sou ex-menina de rua, eu já vivi... Olha com mau olhar, se você fica num lugar, fica sem graça de sentar no mesmo lugar que ce sentou. Tive rejeição até da minha própria vó, já fez isso comigo uma vez. Sabe? Então você sente muito, você às vezes até se sente suja, né... Você é bem discriminado..."

Em relação a esta exclusão social acrescenta mais:

"É a única idéia que eu dou é que eu acho que todo mundo tem que acreditar na recuperação do ser humano, todos nós somos ser humano, todos nós somos ser humano, todos nós erra. E todos nós precisa só de ter uma chance, um apoio, uma mão direita. Caiu de novo, tenta subir de novo, caiu de novo, tenta não custa nada, não vai acabar com a vida de ninguém, nem..."

Ao finalizar sua fala disse com determinação que a “Tenda” forma uma família, e que se não fossem as regras construídas juntas e a existência do lar

poderia não sair dali qualificados para a reintegração social e o campo de trabalho, e que família se constrói. Às vezes somos jogados no lixo por nossos genitores, mas somos capazes de construir novas famílias e novas relações.

Garça Branca com sua experiência de rejeição por parte da mãe, ao trabalhar sua auto-estima (BRANDEN, 2000a) inverteu os papéis internos que determinavam e de certa forma a conduzia para o fracasso. Ao se dispor a trabalhar a própria história e a cavar no subterrâneo de sua própria vida. É capaz de redescobrir potencialidades até então não visíveis que permitiram juntamente com o apoio recebido desencadear alguns mecanismos de resistência aos acontecimentos negativos que aconteceram em sua infância e adolescência, sendo, portanto portadora de decisão sobre a autonomia de seu próprio caminhar, o que exigiu de certa forma uma postura diferente diante da vida e dos fatos, de acordo com a proposta educativa que fora desenvolvido na instituição.

3.3.7 SEMPRE-VIVA

Sempre-Viva era tomada pelo forte desejo em oferecer ao seu filho uma vida diferente, algo que não havia tido a oportunidade para si e para sua filha.

“Ele tinha o significado que eu queria dar uma vida melhor... queria ter uma vida melhor, acho que eu ia ter uma vida melhor e dar uma vida melhor pra ele (...) Assim... estudo é ele vai saber das coisas, mais explicar. Minha mãe não me explicava nada, dia que eu menstruei eu fiquei doidinha, eu não sabia de nada. Minha mãe não explicava... Então eu via pega, eu peguei e queria dá uma vida melhor pra ele, sei lá, não queria dá a vida que eu tinha antigamente. Ele dentro da minha barriga, eu já sentia ele assim um amor por ele, uma coisa assim que não tem nem como, aí ce vai crescendo, crescendo, ce fica querendo vê a carinha da pessoa, como é que vai ser, vai ficar sonhano”.

Para a sua saída da rua existiram pessoas que a motivaram de certa forma e que já a acompanhavam há algum tempo. O seu primeiro encaminhamento foi para uma Instituição de desintoxicação. Nesta eram desenvolvidos trabalhos manuais, trabalhos com a terra, etc. Para a menina estar ali era necessário alguém que a assumisse financeiramente e por ela respondesse juridicamente, o que fizeram as Irmãs da "Tenda". As visitas eram todos os segundos domingos do mês. Siriema estava bem em seu processo, era determinada e sua facilidade em relacionar-se com as pessoas facilitava sua convivência.

"Ichi, existiu. Foi na casa de recuperação que eu fiquei, foi lá na... lá na fazendinha né, na fazendinha, mas pra mim chega na fazendinha eu cheguei primeiro nas freiras, mas... eu não, minha mãe também minha mãe conhecia vocês e eu não sabia, não sabia que minha mãe conhecia vocês. Ai um dia, por acaso a Irmã me falou, e eu falei é né ta certo... hum. Ai eu peguei e fui pra casa da.. fui pra fazendinha..(..) Me acompanharam, me deram o maior apoio, assim, assim, eu trabalhava lá também, mas dependia também delas, porque eu não tinha dinheiro, eu tava desempregada, aí eu fazia crochê pra".

Ao ser questionada o porque havia conseguido fazer o processo com outras pessoas ou instituições, esta respondeu sorrindo:

"É porque a gente se sentia à vontade elas no meio da gente, muitas vezes também a gente sentia à vontade porque as pessoas, como se diz as polícia não podia chegar batendo na gente, num importava o horário, se a gente não tivesse fazendo nada, vichi...elas brigava na hora mesmo, era briga certa. Elas nos defendia e protegia, o trabalho delas era totalmente diferente.... A diferença é porque a do governo tem muitas liberdade dentro da casa do abrigo, ce come, ce bebe a hora que sai, ce tem proposta sabe, de sair dali.Mas tem abrigos que não aceita a criança, não aceita a mãe com criança, não aceita quem fuma, ai tem outros abrigos que... tem muitos abrigo mas os abrigo melhor que eu já passei foi ali na Tenda".

Ao contar como era sua vida na “Tenda” esta conta com entusiasmo como se fosse a experiência mais bela de sua vida. Sendo que passou duas vezes por esta casa. Na primeira vez ao sair da rua esteve lá, mas sentia muita falta da droga e foi o período de fundação da casa, então foi proposto que eu fosse para a fazendinha de desintoxicação para depois continuar o processo:

"Foi a primeira menina a batizar... ai me convidaram pra ir morar na Tenda e eu aceitei, só que tinha que ter uma proposta, aí me fizeram a proposta. A primeira vez eu não passei ... pra fazendinha, essas coisas não sabe? Mas assim, da segunda já porque quando ce ta lá dentro ce sente falta do vicio lá fora. É diferente demais, ce fica lá, lá ce ta é pra recuperação, pro ce larga das drogas, então a primeira vez que ce vai assim ,ce foge mesmo, ce larga mesmo, ai depois ce se arrepende e pensa:nó , porque que eu não fiquei lá, tava tão bão lá. Aí Pará e pede ajuda de novo pra você,ce tenta de novo, aí as pessoas abre o braço de novo pra você, até ce chegar no limite assim que não dá, não dá mais, se for Pará só também não dá, não dá... Não lá não era obrigado a ficar lá não era obrigado a ficar, mas quando a pessoa vai lá que assim primeiro assim ce fica assim,ce não conhece ninguém, depois ce começa a conversar com as pessoas, com os educadores, como se eles fosse pai da gente, fosse família da gente já... lá ce tinha regra ce acordava de manhã, ce escovava os dentes, lanchava, fazia a sua faxina, ce pegava...Caçava alguma coisa... Arruma um quarto, lava uma roupa...Aí chegava na hora do almoço, ai tinha, tem as regras né, cada dia tem, uma faz o almoço, a outra lava as vazias... Tinha a aula de costura, não...Não tinha a aula de costura quando eu fui não, quando eu tava lá, quando eu entrei lá não tinha não. Ai tem a sala de costura, tem as atividades, tem estudo...passeio, ichi tem passeio bom demais!"

Sempre-Viva fala da sua experiência na “Tenda” com liberdade e alegria, sente prazer, seus olhos brilham, sente profundo amor e ao mesmo tempo saudade.

De tanto falar lhe pedimos que colocasse como era trabalhado na casa a questão da educação das crianças e como uma maneira de contribuir no crescimento e aperfeiçoamento em todos os aspectos da casa, o que precisaria melhorar e esta reiniciou sua fala afirmando:

"Ela oferece estudo, ela oferece trabalho, é oferece curso, depende se a pessoa... tiver com força de vontade mesmo. Ce aprende, é... tem curso, tem muita coisa lá, lá tem muito... (...) Na tenda! Eho vê aqui, o que é que precisa melhorar ali. Ai. Eu acho que pra mim, o que faltaria mesmo era ter pessoas com coração bom pra ajudar mesmo, a manter as crianças, a manter a casa, a manter assim o lar sabe? Pra mim, acho que não tem nada não... Tem uma coisa que eu não gostei mais é assim mesmo... Os bõo momento era porquê era como se eu tivesse no meio da minha família, e o ruim momento foi que eu tive uma criança muito bonita lá dentro e dava muito amor pra ela e ela foi rápido demais, foi assim num... é uma experiência que fez mudar a minha vida, sabe? Me ajudou..".

Neste momento da entrevista começamos a chorar juntas, é a experiência de dor de Sempre-Viva que se mistura com a das irmãs responsáveis pela casa, é a perda que ainda não conseguiram superar, é a dor da saudade daquela linda criança que se fora. É necessário dar-se um tempo para poder falar o que doi no coração e que se encontra preso à garganta. Esta foi uma experiência que Sempre-Viva considera negativa, pois perdeu a razão da sua vida, perdeu o chão, o rumo da historia, dos seus projetos de vida, pois todos estavam entrelaçados com a vida de seu filho.

"Não eu vou mudar de... Não quero chorar não... Negativa, é porque eu perdi uma pessoa que eu amava, muito né, que eu dei muito valor nele. Assim, ele me ensinou mais do que qualquer pessoa, mais do que minha mãe que me criou sabe? Ele me ensinou muita coisa, iché e eu aprendi muita coisa. Viveu muito tempo, uns dois anos, dois anos e seis meses que ele viveu, foi... Ah! Eu perdi ele... Eu fiquei

desesperada, eu num sabia o que eu fazia, ai quando eu fiquei sabendo que ele morreu mesmo que a mulher falou mesmo, que eles fizeram um monte de coisa lá... Aí assim eu queria morrer, eu queria isolar do mundo. Eu queria isolar, eu pra mim entra debaixo dum carro era daqui pra li”.

Superar toda esta tragédia não foi fácil, Sempre-Viva relata o apoio que teve de pessoas amigas. A mesma relata que o momento que estava vivendo era de muita dor, já não confiava em Deus, e ainda hoje a dor parece tomar conta de todo o peito, sufoca, às vezes diz ter vontade de sumir, é uma saudade, uma ausência quase impossível de suportar. Relata que será uma dor que carregará enquanto estiver viva, pois perdeu o que tinha de mais precioso, a vida parece ter perdido o sentido, somente com o apoio das irmãs ainda consegue viver, e desabafar.

No que se refere a quem é sua família esta afirma ser sua mãe, seus irmãos, as pessoas que estão sempre ao seu redor. E reforça que se sente sozinha por não ter encontrado até o momento um companheiro em que tivesse a possibilidade de partilhar a vida. E ainda hoje em alguns momentos mais difíceis que a dor da saudade bate forte bebe um pouco e as irmãs a ajuda, sente-se bem em estar com as irmãs se pudesse moraria com elas estaria sempre com elas, pois se sente forte, encorajada e capaz de vencer. Sente-se amada como é. Mas ao chegar na Tenda existe uma mistura de dor e alegria, pois foi ali que viveu os momentos mais felizes de sua vida e os mais tristes com a morte do seu filho.

“Quando chego na Tenda Ah! Eu sinto a presença dele, sério mesmo, nossa! É como se ele ainda tivesse lá ainda. Eu sinto a presença, é eu pisar o pé e eu sinto a presença dele. É uma coisa assim que, não tem nem explicação... Iché... dói demais”.

As dores se misturam e ela chorou. Sempre-Viva sente que todo este sofrimento contribuiu para o seu amadurecimento, e acredita que não existem culpados, às vezes ocorrem coisas na vida que não tem explicação. Ao falar da sua recuperação, atribui a sua força de vontade e quanto a sua vida após a saída do abrigo, relata ter passado por momentos difíceis, pois uma vez sem seu filho e sem muita sorte nos relacionamentos amorosa, como também esta experiência de dor parece ter secado algo por dentro. Fez a tentativa de ir morar com o rapaz com quem tinha um relacionamento firme desde a época em que vivia na “Tenda”, mas não deu certo.

"Ah! Assim a minha vida eu ficava assim, levada pelo o mundo, sabe? Porque, eu casei sabe? Com uma pessoa, não deu certo, assim, sabe, a pessoa era muito ciumenta, e eu peguei e ficava pensando assim, ficava lembrando do meu padastro, meu padastro era do mesmo jeito e num ia dar certo... mas eu gostava da pessoa, e eu fiquei lutano pra ficar com a pessoa, aí não deu certo, aí eu peguei e vim pra casa da minha mãe..."

Em seguida relatou sobre sua reinserção e a exclusão social que muitas vezes precisou enfrentar por ter vivido em situação de rua:

"Pra mim até que foi fácil, foi fácil porque a pessoa assim que me indicava, sabe? Assim já me conhecia, pra mim foi fácil, aí eu, eu trabalhava, eu comecei trabalhar naquele serviço lá, né, aí eu, a mulher já falou que eu comecei a roubar as coisas dela, e eu num roubei as coisas dela, ela começou a falar pra mim que eu tinha roubado as coisas dela, e eu não! Cheguei lá na casa da minha mãe ficava assim, desesperada, eu chorei o tempo todo assim, sabe? Só ficava imaginano..."

Constatamos através das narrativas que o processo de reinserção social se dá de forma dolorosa em decorrência da descrença social na recuperação destes

sujeitos. Temos de certa forma uma visão preconceituosa em relação às pessoas que são colocadas à margem da sociedade ou excluídas, onde nossa atitude muitas vezes perpetua o estado da pessoa, ou seja, uma vez meninas em situação de rua, será sempre meninas em situação de rua e a partir deste conceito esta carrega todos os atos que atribuímos a esta população.

A re-inserção emerge segundo as falas como uma conquista baseada no apoio, determinação e nos sonhos que cada pessoa carrega dentro de si. São desafios que vencidos proporciona uma mudança radical na forma de viver e nas prioridades que norteiam a vida da pessoa. Quanto a trabalhos que abordam esta questão sentimos dificuldades em encontrar referências.

Ao trabalhar a questão do resgate da auto-estima, Oliveira; Medeiros & Munari (2004, p.234), afirmam:

“... quando tratamos com pessoas com necessidades de resgate da vida e de valores, é preciso que tenhamos clareza a cerca do posicionamento e da atitude do profissional diante da vida, pois alguém que não acredite na possibilidade de recuperação dessas pessoas dificilmente acreditará que é possível trabalhar a preservação de sua auto-estima com vistas a abrir-lhes novos caminhos”.

3.3.8 IPÊ PARDO

Procurou sair da rua aos dezoito anos porque estava grávida.

"Bem, eu engravidei e como eu queria que meu filho não fosse pra doação eu procurei um meio de ta cuidando dele. Na rua tinha pessoas que acompanhavam segundo ela sua história de perto e fiz-lhe a proposta de estar indo para uma Instituição de desintoxicação, para depois ir morar na Tenda. No inicio diz ter sido muito difícil adaptar-se a uma outra vida". Foi difícil largar a vida, a liberdade de fazer as coisas como você quer na hora que você achava que tinha

que fazer ou às vezes não fazia nada né. No abrigo tinha que... Regras, seguir esses trem assim era meio complicado”.

Ao passar por todo processo na Instituição de desintoxicação, foi encaminhada para a Tenda onde permaneceu por sete meses, em seguida evadiu da “Tenda” retornando para a rua, onde conheceu um companheiro que trabalhava com trafico e foram morar juntos, não dando certo, retornou para a “Tenda” após novo período de desintoxicação, ai permanecendo por cinco a seis anos. Nesta época encontrava-se grávida do segundo filho que era uma menina. Para falar da “Tenda” esta relata a partir da sua experiência pessoal e vê a “Tenda” como um espaço positivo.

“Era um modo das pessoa vê a realidade né... Assim... de ta mais por dentro do que acontece com os menino de rua, a compreensão, o respeito, o carinho. Então assim, a vontade de vencer, de ser alguém me fez ficar”.

Em meio às conversas esta sempre verbaliza que a pessoa em situação de rua em contato com outra pessoa sempre tem a veia aberta ou fechada para com a outra pessoa com quem esta se relacionando, então pedimos que nos explicasse como era isso.

“Aberta é assim que... É ta por dentro da realidade, por dentro do que acontece coma a pessoa, se coloca no lugar da pessoa... aí enxerga né, a realidade, vê como um ser humano né. Veia fechada é pessoa que faz críticas, sabe? Que faz acusações, acha que não adianta nada, que pau torto que nasce torto morre torto,né. Então assim, tem esse pensamento né... E nem todo mundo vê de uma maneira assim que tem que ser”.

Ao responder quem seria sua família esta afirma que são todas as pessoas que a ajudam, que acompanham seu sofrimento de perto, os que estão ligados pelo sangue são seis irmãos, e entre eles uma irmã que também vive em

situação de rua como sua mãe que ainda continua. Mas o relacionamento é frágil, pois pouco se encontram, isto porque depende do período em que a mãe está vivendo por ser alcoólatra, mas conseguem se preocupar uma com a outra, em relação aos outros irmãos têm muito tempo que não se vêem.

A sua recuperação é atribuída as Irmãs que sempre acreditaram que ela poderia mudar como também a si mesma pela sua determinação e força de vontade.

“... Precisa de pessoas né. Perto, apoiando. Pessoas que entende né”.

Questionamos o que estas pessoas faziam de concreto?

”De tudo um pouco, né. Orientar, às vezes dava um puxão de orelha daqui, colocava um freio dali, assim, porque assim né... Pra gente conseguir alguma coisa na vida tudo tem limite né... Tem regra né, então tem que seguir as regras, as normas pra você conseguir alguma coisa né. Não sair fazendo o que quer, o que acha que deve fazer na hora que acha que deve fazer. Às vezes faz o que é besteira então tem que ter uma pessoa por perto orientando, dando força né, incentivando... O incentivo, né. Incentivava o que tinha aqui... Se tem um sonho, objetivo de buscar eles tem que lutar né, tem suas recaídas, tem que levantar e ir em frente. Isso era bom, assim, o apoio das pessoas né “.

Os desafios estavam relacionados à convivência com pessoas diferentes por cada uma pensar e ter sonhos diferentes que precisam viver como grupos nesta convivência sempre tem as críticas, acusações, mas que, com esforço é superado.

Após a saída da “Tenda” relata que uma das maiores dificuldades é:

“Medo. A solidão é a dificuldade maior... Medo de encarar a realidade, medo da vida. Medo dos problemas. A solidão de enfim, ficar sozinha, não ter alguém para conversar. Assim sabe, pedir conselhos, falar assim, Oh, Ipê pardo, ta acontecendo isso, você acha que eu faço o que? Acha que eu tenho que eu tenho que seguir desse jeito assim? Esse é o meu medo maior”.

Esta relata que sente muita a falta das pessoas, dos educadores, das irmãs e das companheiras, não é fácil viver sozinha, pois segundo ela as pessoas não estão preocupadas com o outro, se precisa de algo. O sentimento de solidão e insegurança é muito forte.

Afirma que seu projeto de vida é:

"... Viver normal, como todo mundo vive, sem medo de encarar a realidade, sem medo do que pode acontecer... A vida é uma caixinha de surpresa, tem seus altos e tem seus baixos, saber lidar com os problemas que vim, sabe? Trazer segurança pros relacionamentos novos, pros velhos também, por aí assim".

No momento encontra-se grávida e este foi um filho não esperado, sente-se preocupada, mas preferiu assumir e lutar para ver no que vai dar, pois não tem um parceiro que com ela assumira os desafios da vida. Considera sua recuperação como uma vitória, uma conquista que parecia ser impossível, e hoje sente que hoje sua estrutura é bem melhor.

Ao comentar sobre a percepção da sociedade quanto a recuperação das pessoas esta afirmou:

"Não, as pessoas que acreditam são as pessoas que vivem ali, que vê a dificuldade, vê o que passa... As pessoas que têm mais relacionadas no meio, né, de menino de rua, as pessoas que ajudam, que acreditam né, no ser humano, pra eles tem recuperação, agora pessoas que tá longe, que não tá por perto, que não vê o que é que tá acontecendo, aos olhos deles é mais difícil a recuperação do ser humano".

Frente a tudo que vivenciou acrescenta algo como um apelo a quem atua com estes sujeitos:

“Que as pessoas num desistam, né... De... De lutar, né, de ser alguém”.

Vamos perceber através das histórias de vida que apesar de terem vivido em ambientes hostis a criança e o adolescente em situação de rua carregam características "psicológicas sadias" Alves *et al.* (2002, p.180). Sendo assim são pessoas capazes de redimensionar experiências negativas e reconstruírem a própria história a partir de um ambiente saudável que viabilize o exercício da cidadania para que possam ser sujeitos do processo de recuperação e reintegração social.

Neste sentido precisamos estar atentos para as estratégias de intervenção junto aos grupos para priorizarmos as ações que contribuem para conscientização e enfrentamento dos conflitos. Daí a necessidade de intensificarmos a vivência em grupo para que este também possa dar a sua contribuição e ao mesmo tempo receber o feedback em todo o seu processo de reconstrução da história, o que segundo Munari (1997, p.92):

"A possibilidade do individual não só receber suporte do grupo, mas de ser capaz também se exercitar em colocar-se, expondo suas experiências e dar feedback às outras pessoas, demonstra o quanto essa convivência pode contribuir para o crescimento das pessoas, bem como pode qualificar o caráter transformador do grupo".

Sendo assim, como profissionais de saúde somos convocados a exercermos nosso papel em articular e intervir junto às políticas públicas e organizações não-governamentais (ONG) para que às ações junto a grupos marginalizados possibilitem o emergir do exercício da cidadania, como também a competência para administrar a própria vida.

Identificamos um consenso nas narrativas ao afirmar que o acompanhamento realizado pela equipe no espaço da rua e fora dela proporcionou um forte vínculo com os sujeitos e a partir deste, juntamente com o momento epifânico que foi desencadeado em cada história e que aparece na vida de seis meninas, a gravidez, fez emergir o desejo de sair da rua e assumir outra proposta de vida.

Ao que se refere à “Tenda” e a pedagogia aplicada identificamos a contribuição no processo de recuperação do grupo preenchendo em muitos momentos da história de vida destas pessoas lacunas que se encontravam rompidas ou fragmentadas pelas experiências anteriores. Foram capazes de redimensionar o valor de ser mãe, de construir uma família e ao mesmo tempo resgatar algumas relações humanas com seus genitores.

Ocorre portando um resgate da auto estima, expresso no desejo de cuidar de si e do outro, promove o auto -sustento, a volta à escola, a inserção no mundo do trabalho, como também a conquista de valores e bens materiais a partir dos esforços e potencialidades que foram sendo resgatadas e fortalecidas. Notamos em todas as falas a presença forte da exclusão social e a descrença das pessoas ao que se refere à recuperação destes sujeitos que são vistos com desconfiança e com incapacidade para dar rumos diferentes à própria vida. Neste sentido sentimos a necessidade de resgatarmos também alguns valores sociais que foram assumidos pela nossa Constituição conforme nos fala Shiratori et al (2003, p215):

"A dignidade da pessoa humana apresenta-se contemplada na Constituição federal como um direito individual de proteção e em relação ao tratamento igualitário que devem receber todas as pessoas. Como dever configura-se na exigência do indivíduo respeitar a dignidade de seu semelhante tal qual a constituição Federal exige que lhe respeitem a própria".

Portanto identificamos neste núcleo temático o processo de recuperação; a “Tenda”; Resgate da auto-estima; e a inclusão social. Todas estas etapas se apresentaram em um contexto interligado, e o que desencadeou esta mudança foi o confronto com a própria realidade a partir de uma relação inter pessoal entre educador e educando, sonhos, acontecimentos pessoais como a gravidez, e o desejo em mudar de vida. Cada situação fez emergir um comportamento diferente daquele ocorrido em sua saída de casa para a rua, mas todos marcados por uma grande mudança nos rumos de suas vidas.

Ao analisarmos o caminho percorrido pelos sujeitos na perspectiva da inclusão social sentimo-nos no dever de considerar os esforços exigidos a nível pessoal e institucionais para que estes sujeitos cheguem ao apoderamento de algumas habilidades para trabalharem transtornos como a "síndrome da dependência e abstinência" (KAY, TASMAN & LIEBERMAN, 2002, p.188) que acompanham suas vidas como usuário de substâncias, uma vez que segundo as narrativas, foram vários os tipos de drogas que utilizaram, e isso requer dos sujeitos determinação e coragem.

Através das narrativas das histórias orais de vida constatamos que os sujeitos que fizeram parte do estudo possuem uma história de vida fragmentada, com diversos fatores que interviram estimulando-os a buscarem na rua outras formas de sobrevivência, diferente da que viviam nos lares de origem.

Embora marcados por diversos tipos de violência e experimentado no mundo da rua um universo de possibilidades para aprofundamento na delinqüência, foram capazes de ousadamente, buscarem novas experiências de vida fora deste contexto. Às vezes para isto precisaram lutar contra si mesmos, uma vez que foram condicionados a assumir determinados valores desde a fecundação, em decorrência de uma auto-estima fragmentada e da vivência em um habitat sem as mínimas condições que proporcionasse a dignidade humana.

Nestes oito anos de acompanhamento junto ao menino e menina em situação de rua ousamos afirmar que as relações humanas como processo de conquista, de um enamoramento, um cativar, têm influência determinante na perseverança e no desejo de repensar a história pessoal de vida. Percebemos através das narrativas das meninas que elas vivenciaram a experiência concreta de sentirem-se amadas, respeitadas a partir do seu habitat na rua e dos comportamentos de rotina. Não precisaram mudar para serem vistas como pessoas humanas.

Na rua com a presença educativa da “Tenda”, que favoreceu o aprendizado de atitudes humanas e de uma vivência comprometida com a defesa da vida, num espírito de co-responsabilidade, confiança e transparência estas meninas percorreram o caminho do inclinar-se para perceber melhor o que existia dentro de si, que muitas vezes era mascarado pelas vivências negativas.

Através desta inteiração sadia foram abrindo-se para uma auto-estima positiva, aceitação de si e do outro, compreensão empática, afetividade, ternura, liberdade de expressão, disposição para dar-se a conhecer e outros valores que foram sendo revitalizados no processo.

Acreditamos que os objetivos foram atingidos, por identificamos através das falas que as oito meninas passaram por um processo de recuperação com suas diversas etapas como: O cativar, o emergir da necessidade em sair da rua em decorrência da gravidez, fato este ocorrido em seis histórias orais de vida, sendo que as duas outras resolveram sair das ruas pela própria vontade de reconstruírem suas histórias, o encaminhamento para a instituição de desintoxicação, a “Tenda” e conseqüentemente a constituição da própria família e o engajamento no mundo do trabalho.

No que se refere à desintoxicação esta aparece como uma etapa relevante, é aqui onde se inicia a primeira experiência do enfrentamento das zonas de sofrimento da própria vida sem o uso de drogas, o trabalho em vista do bem comum. Foi também constatado que todas às vezes que estas entraram para a “Tenda” sem a vivência desta etapa, ocorreu a evasão. Outro fator relevante é que todas que evadiram livremente também retornaram livremente após passar pela desintoxicação.

Os sujeitos consideram a “Tenda”, como a casa da família. Isto traz sérias implicações e exige pré-disposição de quem ali atua no que diz respeito a conseqüências desta afirmação no cotidiano da vida destas mães e crianças. Pois diante de qualquer dificuldade financeira, saúde ou outras, como também alegrias o lugar que tem a recorrer é a casa que considera como sua.

Esta, por sua vez, através da equipe de educadores desempenha o papel não apenas tecnicamente, mas de alguém que faz parte do grupo, onde são amados e respeitados obtendo assim acesso livre na relação com os sujeitos no seu processo de crescimento, como também é a pessoa que exerce maior influência em todas as esferas da vida destes indivíduos, são, portanto os confidentes, amigos, genitores, e a quem descarregam todas as experiências negativas que carregam, todos os sentimentos que outrora estavam presos e que precisam de alguma forma ser liberados e canalizados. O que representa para estas pessoas o apoio de que necessitam para superar os limites.

Constatamos que embora tenham passado por vários sofrimentos desde o período em que estavam em seus lares de origem, as meninas que participaram do estudo evadiram do lar de origem para a rua entre os 9 e 14 anos. Iniciaram o uso de drogas entre os 7 e 12 anos. O tempo em que viveram em situação de rua variou de 2 a 10 anos. Todas afirmaram ter problemas de relacionamento com seus genitores. Fizeram uso de vários tipos de drogas. Relatam como maior desafio na inserção social o preconceito e a discriminação por parte da sociedade que não acredita na recuperação delas.

Identificamos que a criança e o adolescente em situação de rua quando encontram condições que favoreçam a evasão da rua se recuperam. Embora com recaídas, são capazes de manter-se na busca e reconstruírem a própria história dando-se a oportunidade de experimentarem outras formas de vida até então desconhecidas. Estas recaídas muitas vezes estão ligadas as experiências negativas.

Notamos, através das falas, que embora tenham passado por várias instituições onde não se sentiam amados, valorizados e respeitados como sujeitos,

não conseguiram avançar no processo de recuperação e reinserção social porque se sentiam como objetos. Uma vez tendo a oportunidade de serem valorizados na condição de marginalização e amados por pessoas que se dirigiam em seu lócus para estarem sem nenhuma exigência, proporcionamos a diversas pessoas o desejo de mudar, embora desconhecendo muitas vezes as conseqüências desta mudança.

A pedagogia da “Tenda” apesar dos nossos limites na sua aplicação responde às necessidades das meninas e das crianças que residem ali, segundo as falas, porque esta apresenta um suporte humano no cuidado à pessoa em todas as suas dimensões. Exerce influências positivas em todas que viveram ali, e estas continuam sendo acompanhadas em suas residências como normalmente se acompanha uma filha quando esta constitui sua família. Das oito meninas, apenas uma reside com a mãe, as outras sete constituíram família e o relacionamento com os genitores continua frágil.

O impacto da recuperação ocorre de maneira positiva uma vez que estas, gradualmente, vão concretizando todos os sonhos, e ao sair da Tenda todas as meninas vão diretamente para a casa própria. As experiências marcantes se referem ao sucesso no processo de recuperação, conquista da casa própria, estar exercendo o cuidado junto aos filhos, a experiência no mercado de trabalho, a capacidade de garantir o auto-sustento e dos filhos. Quanto ao projeto de vida: oferecer melhores condições de vida aos filhos, estudar, melhorar a habitação, etc.

Ao final apresentamos caminhos para que esta possa avaliar seu comportamento ao que se refere à exclusão como: credibilidade inserir-se no habitat para depois criticar, contribuir com a recuperação. Atribuímos a recuperação à força de vontade, apoio, paciência e à pedagogia desenvolvida pelas pessoas que as acompanharam. A recuperação significa para estas que as crianças e os

adolescentes de rua são capazes de mudar, de manterem-se com o próprio suor, capazes de interagir com a sociedade e possuem força de vontade para mudar.

Ao trabalharmos com a narrativa destas histórias de vida percebemos a relevância da experiência do sujeito que com sua fala comprova, a partir do contexto em que os sujeitos apresentaram suas vidas, algumas respostas que buscávamos com esta investigação, como também as transformações que foram desencadeadas neste itinerário.

Encontramos na literatura vários trabalhos que tratam a questão da criança e do adolescente em seu habitat, tais como Lewis (2001), Koller (2002), Neiva-Silva (2003), Taquette et al (2004), entre outros. Discorrem sobre as atividades que estes exercem suas relações no cotidiano com grupos específicos e com a sociedade em si, como também suas expectativas em relação ao futuro, mas ao que tange a questão de saída da rua e seu processo de recuperação e inclusão social, tivemos algumas dificuldades com o referencial teórico neste contexto.

Realidade esta que muitas vezes nos dá uma impressão errônea de que meninos que vivem em situação de rua não se recuperam, o que não é verdade. O que exige de toda a sociedade e das instituições que atuam com estes sujeitos a trabalhar juntamente com sua equipe algumas atitudes preconceituosas que carregamos em relação a estas pessoas no que se refere à contratação profissional, por ainda carregarmos os estigmas de que necessitam assumir tarefas simples como o fazer serviços gerais, secretária do lar, cuidar de crianças, serviço de jardinagem e outros. Desconsideramos muitas vezes que estas pessoas apesar de terem vivido situações de grandes sofrimentos, possuem habilidades, inteligência e capacidade para desenvolverem muitas outras. O que precisam é apenas de estímulo e confiança.

São situações que lidamos no cotidiano do profissional responsável ou da equipe administrativa que requer um discernimento e ao mesmo tempo uma formação específica para trabalhar estas questões que aparecem muitas vezes por parte também dos sujeitos.

Conhecer a essência de cada criança e adolescente no seu processo de recuperação não é uma tarefa muito fácil. É preciso exercer a escuta terapêutica para que possamos como profissionais de saúde exercitar a arte do bem cuidado humano, o que exige disponibilidade para estar, ouvir e compreender o significado da comunicação a partir da pessoa que fala.

Em se tratando da criança e do adolescente em situação de rua esta pratica vai exigir do educador ou qualquer profissional a sensibilidade para que possa contribuir no resgate da própria auto-estima e conseqüentemente o assumir a vida em um contexto diferente, uma vez que estas pessoas carregam em si o peso do abandono, da violência e de várias outras experiências negativas, e ainda as conseqüências do uso prolongado de diversas drogas.

As narrativas das meninas com experiência pregressa de vida na rua nos deixam clara a importância em estar em um ambiente para realizar o processo de desintoxicação. O papel motivador da instituição junto ao grupo na rua como na casa e em todo caminho a ser percorrido, como também estarmos atentos para as perspectivas do sujeito em relação ao futuro para que as implementações e intervenções a serem adotadas sejam de acordo com a história e as necessidades de cada indivíduo, proporcionando assim a liberdade de escolha e a responsabilidade sobre suas decisões, o que implica disponibilidade para fazer o caminho, mesmo sendo difícil.

Sendo assim o sujeito será responsável pelo seu processo e o fato de assumir suas escolhas o torna autônomo e livre para decidir frente aos conflitos pessoais e sociais a que são submetidos em decorrência a tudo que vivenciaram na família, na rua e fora da rua. Neste

caminhar, compartilhamos as idéias de Branden (2000a; 2000b; 2000c), pois entendemos que a autonomia para enfrentar a vida transcende, conseqüentemente, além de seu próprio mundo em sintonia com as relações com o outro.

Portanto as narrativas desta investigação pontuam nossa responsabilidade social junto a estes grupos no que tange a articulação e implementação de políticas públicas que atendam ao sujeito como um todo, nas necessidades deles e de seus genitores, e por sua vez estimularmos no cotidiano as relações interpessoais, tanto de quem atua diretamente com estes, como da própria pessoa que vivencia o processo, para que possamos desenvolver a sensibilidade para acolher e perceber as emergências de cada situação.

A partir da realidade dos sujeitos que apresentamos percebemos a exigência de um trabalho multidisciplinar com profissionais preparados para que juntos possamos desenvolver ações pedagógicas neste contexto de forma interligada com a consciência que estas diferentes etapas encontram-se interligadas na vida da pessoa e a vivência de cada uma delas deixaram marcas positivas e negativas que precisam ser ruminadas pelo sujeito. Para que este processo ocorra é necessário ambiente e pessoas qualificadas.

Esta qualificação precisa ocorrer desde a formação acadêmica e, como profissionais de saúde, termos condições de aprofundarmos no verdadeiro sentido do cuidado humano tal como compreendemos, isto é, de acordo com os pressupostos apresentados por Waldow (2004, 2005) e (BOFF, 2001), para que a pessoa seja atendida em todas as suas dimensões.

Para alcançarmos os objetivos propostos por esta investigação foi preciso mergulhar em diversas fontes literárias para conhecermos as diferentes produções que abrangem a realidade da criança e do adolescente em situação de rua, para que assim pudéssemos fundamentar o estudo. Percebemos que não fomos capazes de esgotar a busca nas produções, mas ao mesmo tempo identificamos a necessidade da presença do profissional de

saúde pública estar inserido neste contexto como também incentivando produções que contemplem a etapa vivencial destes sujeitos além da rua com suas experiências significativas de recuperação e de reconstrução da história exercendo no mundo atual o papel de cidadão/cidadã.

Portanto, podemos afirmar que os objetivos desta investigação foram alcançados, não porque acreditamos pessoalmente na mudança de vida dos sujeitos, mas porque estes afirmam com a própria vida o caminho percorrido para chegarem aonde chegaram. As narrativas falam por si o que buscávamos como resposta. Da mesma forma, ainda nos sinalizam o quanto ainda temos que caminhar como profissionais de saúde, como cuidadores junto a estas pessoas e instituições como também, na área da pesquisa para que possamos mudar nossos paradigmas, clarear nossa visão e alargar os horizontes ao que se refere às investigações e intervenções junto a estes sujeitos.

ALVES, P. B. *et al.* A construção de uma metodologia observacional para o estudo de crianças em situação de rua: criando um manual de codificação de atividades cotidianas. **Estudos de Psicologia**, 1999, 4 (2), 289-310.

_____ **Atividades cotidianas de crianças em situação de rua.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v18, n.3, p.305-313. 2002.

ALVES, P.B **O brinquedo e suas atividades cotidianas de criança em situação de rua.** 1998. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia do desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1998.

APTEKAR, L. Crianças de rua nos países em desenvolvimento: uma revisão de suas condições. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 9, 153-184, 1996.

BARDIN, L. **Análise de conteúdos.** Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.

BELLAMY, C. **Situação mundial da infância 2004:** meninas, educação e desenvolvimento. 2004. Disponível em: <www.unicef.org>

BEMAK, F. Street researches: a new paradigm redefining future research with street children. *Childhood*. 3. 147-156. In: ALVES, P.B *et al.* **Atividades cotidianas de crianças em situação de rua.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v18, n.3, p.305-313. 2002.

BESERRA, M. A. **Violência Doméstica contra criança e adolescente:** representação do profissional de saúde. 2000. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2000.

BEZERRA, A. L. Q. **O contexto da Educação continuada em enfermagem.** São Paulo: Lemar e Martinari, 2003. 111p.

BOFF, L. **Princípio de compaixão e cuidado.** 2ª ed. Petrópolis: Editora vozes, 2001. 164p.

_____ **Saber cuidar: ética do ser humano – compaixão pela terra.** 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 199p.

BORGES, A.S.; COSTA, C.S.M. **Vidas ameaçadas: indicadores da violação de direitos de crianças e adolescentes no Maranhão de 1991 a 1998**. São Luiz: CDMP, 2000.

BORGES, I. K. **Representações sociais de DST/AIDS para adolescentes de uma instituição abrigo com experiência pregressa de vida nas ruas da cidade de Goiânia**. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2004.

BOTELHO, S. M. N. **Prostituição de adolescentes: uma imagem construída na adversidade da sociedade**. 2003. 142 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2003.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Goiânia: Bandeirante,2004.

BRANDEN, N. Trad. Maria Silva Mourão. **O poder da auto-estima**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000a. 109 p.

_____ Trad. Lorraine Margaret Muir. **Auto-estima e autodescoberta** 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000b. 112p.

_____ Trad. Maria Silva Mourão. **Auto-estima, liberdade e responsabilidade**. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000c. 256p.

CÂMARA, M. F. B. **Aparato de Apoio Social à Juventude: Reflexões Acerca do Discurso Intersetorial**. 2003. 164 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2003.

CÂMARA, M. F. B.; MEDEIROS, M.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. O abandono social da infância e adolescência na ótica dos coordenadores de instituições de assistência a crianças e adolescentes em situação de rua no Município de Goiânia. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo, v.12, n.01, p.09-16, 2002.

CÂMARA, M. F. B.; MORAIS, M. M. **Desvendando o papel institucional na assistência às crianças e aos adolescentes em situação de rua no município**

de Goiânia. 2000. 78 p. Monografia (Conclusão de curso) - Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2000.

CÂMARA, M. M.; CRUZ, A. R. Adolescência prolongada: o tempo que não se quer deixar passar. **Educar em revista**, Paraná, V15, 1999. <www.educaremrevista.ufpr.br> Acesso em: 11 ago.2005.

CAMARGO, C. L. **Violência física familiar contra crianças e adolescentes: um recorte localizado.** 1999. 207 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

COUTO, T.M. **Mulher, gestação e violência: da dimensão factual à existencial.** 2003. 127 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2003.

COSGROVE, J. G. Towards a working definition of street children. **International Social Work**, 33, 185-192, 1990.

CRAIDY, C. M. **Meninos de rua e analfabetismo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

CRUZ, I. P. S. P. Tradução Ir. Mirtes Cherobim. **A caminho de um projeto educativo passionista: marco referencial.** São Paulo: Ed. Loyola, 1993. 108 p.

DAGORD, A. L. L. **Viva Maria: dez anos.** 2003. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

DEL PRIORE, M. (org.) **História da criança no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1991. 176 p.

DREXEL, J.; IANNONE, L. R. **Criança e miséria: vida ou morte?** 6ª ed. São Paulo: Moderna, 1991. 96p. (Coleção Polêmica)

EARLS, F. & CARLSON, M. Children at the margins of society: Research and practice. **New Directions for Child and Adolescent Development**, 85, 71-82, 1999.

ESCOREL, S. **Vidas ao Léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999. 276 p.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FERREIRA, N. M. L. A.; VALLE, E. R. M. Ser-com-o-outro no mundo do cuidado em enfermagem. **Revista Enferm. UERJ**. V13, n3, p.354-360, 2005.

FORSTER, L.; BARROS, H.; TANNHAUSER, S. e TANNHAUSER, M. Meninos na rua: relação entre abuso de drogas e atividades ilícitas. **Revista da ABP-APAL**, 14, 115-120, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____ **Pedagogia do oprimido**. 33ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184 p. (Coleção Leitura)

FREITAS, G. C. **Alimentação & condições de vida: significados e relações para adolescentes com experiência de vida nas ruas**. 2004. 162 f. Dissertação (Mestrado) Programa Multi institucional de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Convênio Rede Centro-Oeste (UNB/UFG/UFMS), Goiânia. 2004.

FUREGATO, A. R. F. **Relações interpessoais terapêuticas na Enfermagem**. Ribeirão Preto, SP: Scala, 1999. 142p.

GOIÂNIA, **Prefeitura Municipal** - um pouco de nossa história, 2002. Disponível em: <<http://www.goiânia.go.gov.br/html/fumdec/cidadão2000/index.html> >

GOMES, R. **O corpo na rua e o corpo da rua: a prostituição infantil feminina em questão**. São Paulo: Unimarco Editoria, 1996. 284 p.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.326 p. (Coleção Prospectiva, V.4)

HIRATA, M. C. **Jardineiros sem flores: o cuidar-cuidado com o adolescente não cidadão na perspectiva da cidadania.** 1995. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1995.

_____ **Crescer na adversidade – um toque na auto-estima dos adolescentes: a poética das flores.** Salvador: Ultragraph, 1999. 148 p.

HORTA, W.A. **Processo de Enfermagem.** SãoPaulo:EPU/EDUSP,1979.

HUTZ, C. S.; KOLLER, S. H. Methodological and ethical issues in research with street children. **New Directions for Child Adolescent Development**, 85, 59-70, 1999.

_____ **Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua.** Estudos de Psicologia, 2 (1), p. 175-197, 1996.

HUTZ, C. S.; KOLLER, S. H. e BANDERA, D. R. Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. **Coletâneas da ANPEPP - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia**, 1 (12), 79-86, 1996.

JUNQUEIRA, M. F. R. **Representação social da violência doméstica contra crianças e adolescentes.** 2003. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2003.

KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família brasileira, a base de tudo.** São Paulo: Cortez, Brasília: UNICEF, 1994.

KAY, J.; TASMAN, A.; LIEBERMAN, J. A. Trad. Eliseanne Noppa. **Psiquiatria: Ciência comportamental e fundamentos clínicos.** São Paulo: Manole, 2002. 621 p.

KOLLER, S. H. Psicologia do desenvolvimento: contribuições interdisciplinares - prefácio. In: HAASE, V. G.; ROTHE-NEVES, R.; KAPLER, C.; TEODORO, M. L. M.; WOOD, G. M. O. **Psicologia do desenvolvimento: contribuições interdisciplinares.** Belo Horizonte: Health, 2000a. V1, 7-8.

_____ Violência doméstica: uma visão ecológica. In: AMENCAR; UNICEF. **Violência doméstica**. 2a ed .Brasília: UNICEF, 2000 b. V1, 32-34.

_____ A escola, a rua e a criança em desenvolvimento. In: PRETTE. Z. A. P.; **Psicologia Escolar/ Educacional, Saúde e Qualidade de vida**: Explorando Fronteiras. São Paulo: Alínea, 2001. V1, 159-176.

_____ **Lugar de criança e adolescente é na escola?** - Prefácio. In: BRASIL. K.; ALMEIDA, S.C. Relações de rua. Brasília: UCB, 2002.

LAPIERRE, D. Trad. Sieni Maria Campos **A cidade da alegria**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

LEOPARDI, M. T. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Pallotti, 2001.344p.

LESCHER, A. D. **Crianças em situação de risco social**: limites e necessidades da atuação do profissional de saúde. São Paulo, 2004.

LEVINE, M. E. **Holiststic nursing Clinics of North América**. p.253-64. 1971.

LEWIS, L. **(Des)encontros a céu aberto**: ensaio etnográfico sobre crianças em situação de rua na cidade do Recife. 2001. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2001.

LUSK, M. W. Street children programs in Latin America. **Journal of sociology and Social Welfare**, 16, 55-77, 1989.

_____ Street children of Rio de Janeiro. **International Work**, 35, 293-305, 1992.

MACIEL, C.; BRITO, S. & CAMINO, L. Caracterização dos meninos em situação de rua de João Pessoa. **Psicologia: Reflexão e Crítica** , 10, 315-334, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br.php?script=sci_arttext&pit=S0102-7972...> Capturado em: 03/11/2004.

MANDÚ, E. N. T. Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução. In: RAMOS, F. R. S. (org.) **Adolescer: compreender, atuar, acolher**: Projeto acolher. Brasília: ABEN, 2001. p.61-76.

MANDÚ, E N. T.; CORRÊA, A.C.P.;VIEIRA, M. A. Conhecimentos, valores e vivências de adolescentes acerca das doenças de transmissão sexual e AIDS. **Revista Bras. Cresc. Desenv. Hum.** , São Paulo, 10 (1), 2000.

MARTINS, J. S. (coord.) **O massacre dos inocentes:** a criança sem infância no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993. 216p.

MARTINS, R. A. Censo de crianças e adolescentes em situação de rua em São José do Rio Preto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 9, 101 - 122, 1996a.

_____ Crianças e adolescentes em situação de rua: Definições, evolução e políticas de atendimento. **Coletâneas da ANEPP - Associação Nacional de Pesquisa e pós-graduação em Psicologia**, 1(12), 35-44, 1996b.

MEDEIROS, M. **Olhando a lua pelo mundo da rua:** representações sociais da experiência de vida de meninos em situação de rua. 1999. 155 f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 1998.

MEDEIROS, M.; FERRIANI.,M.G.C.; MUNARI,D.B; GOMES,R. A Sexualidade para o adolescente em situação de rua em Goiânia. **Revista Lat. Am. de Enfermagem**, v.9(2); 35-45. Março 2001.

MEDEIROS, M.; FREITAS, G. C.; OLIVEIRA, N.S. A fome para meninos e meninas em situação de rua: além da sensação de barriga vazia. **Revista Bras. Cresc. Desenv. Hum.** V 14, n 1, jan/mai, 2004.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral.** 4a ed. São Paulo: Loyola, 2002. 246p.

MENEZES, D.M.A e BRASIL, K. C. Dimensões psíquicas e sociais da criança e do adolescente em situação de rua. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 11, 327-344, 1998.

MERLO, D. M. Trad. Pe. Boaventur Mansur Guérios. **Maria Madalena Frescobaldi:** fundadora das irmãs passionistas de São Paulo da Cruz. São Paulo: Edições Loyola,1987.261 p.

MILANI, F. M. Adolescência e violência: mais uma forma de exclusão. **Educar em revista**, Paraná, V15, 1999. <www.educaremrevista.ufpr.br> Acesso em: 11 ago.2005.

MINAYO, M. C. S. (org) **O Desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em Saúde. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco, 1992.

_____ **O limite da exclusão social**: meninos e meninas e rua no Brasil. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco. 1993.

_____ **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 17^a ed. Petrópolis, R J: Vozes, 2000. 80p.

MIRANDA, C. F.; MIRANDA, M. L **Construindo a relação de ajuda**. 9^a ed. Belo Horizonte: Crescer, 1995. 265 p.

MORAIS, M. R. A; KUHN. M. **A realidade das crianças abrigadas e a contribuição da Terapia Ocupacional no desenvolvimento Neuro-Psico-Motor e Social**. 2004. 47 f. Trabalho de final de curso (Graduação) - Curso de Terapia Ocupacional, Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2004.

MOSCOVOCI, F. **Desenvolvimento interpessoal**: treinamento em grupo. 12^a ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2001. 276 p.

MUNARI, D. B.; RODRIGUES, A. R. F. **Enfermagem e grupos**. Goiânia: AB, 1997. 114p.

NEIVA-SILVA, L. **Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua**: Um estudo autofotográfico. Dissertação (Mestrado). 2003.176p. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003.

NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S. H. A rua como contexto de desenvolvimento. In: LORDELO, E. R; CARVALHO, A M. A.; KOLLER, S.H. **Infância Brasileira e contextos de desenvolvimento**. Salvador e São Paulo, Editora da UFBA e Casa do psicólogo, 2002 a. V1, 205 -230.

_____ Adolescentes em situação de rua. In: CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. S. **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: CFP & Ministério da Saúde, 2002 b. V1, 110 - 119.

NETO, M. C. A. **Grupos de reflexão com adolescentes e famílias em situação de risco**. 2004. Disponível em: <<http://www.unama.br:8080/principal/colunistas/coluna.jsp?idColuna=15>> Capturado em: 14/04/2004.

OLIVEIRA, N. S. Interação da equipe de saúde com meninos e meninas em situação de rua: aspectos preliminares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 53, 2001. Curitiba. **Anais...**

_____ Educadores sociais de rua e a perspectiva do cuidado de enfermagem com crianças e adolescentes em situação de rua. In: CONGRESSO PANAMERICANO DE PROFISSIONALES DE ENFERMERÍA, 11.; CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 55. 2003. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: imagemaker, 2003a. 1 CD.

_____ Enfermagem e suas interfaces no cuidar de crianças e adolescentes em situação de rua. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 12., 2003b. Porto Seguro. **Anais...**

_____ Uma experiência da enfermagem no cotidiano de crianças e adolescentes em situação de rua. In: CONGRESSO PANAMERICANO DE PROFISSIONALES DE ENFERMERÍA, 11.; CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 55. 2003. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Imagemaker, 2003c. 1 CD.

_____ A coragem de ser e fazer enfermagem na perspectiva da pedagogia social de rua. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 56. 2004a. Gramado, RS. **Anais...**

_____ Os profissionais de Enfermagem e a violência doméstica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 56. 2004b. Gramado, RS. **Anais...**

_____ Ser e fazer enfermagem no cotidiano de crianças e adolescentes em situação de rua, vítimas de violência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 56. 2004c. Gramado, RS. **Anais...**

_____ Progatto Talitha Kum Accogliendo e destando la vita in uma pedagogia educativa pasionista – Goiás – Brasile. In: CROCE, S. P. D. S. P. D. **Verso una pedagogia pasionista 11.** Verso una spiritualità passionista dell'incontro. L'incontro e la felicità. Roma, 2005a. p. 209-221.

OLIVEIRA, N. S., MEDEIROS, M. Educação em saúde com crianças e adolescentes em situação de rua. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 57., 2005. Goiânia. **Anais...** Goiânia: Associação Brasileira de Enfermagem, 2005b. 1 CD.

_____ O cuidar de crianças e adolescentes em situação de rua: um olhar da enfermagem. In: Seminário de Pesquisa e Pós-graduação, 2., CONPEEX; 2005. Goiânia. **Anais...** Universidade Federal de Goiás, 2005 c.

_____ Relação interpessoal com meninas com história de vida nas ruas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 57., 2005. Goiânia. **Anais...** Goiânia: Associação Brasileira de Enfermagem, 2005. 1 CD.

OLIVEIRA, N. S.; MEDEIROS, M.; MUNARI, D. B. Criança e adolescente em situação de rua: perspectivas do cuidado pela enfermagem In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 54., 2002a. Fortaleza, CE. **Anais...**

_____ Cuidando da auto-estima de crianças e adolescentes em situação de rua. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM SAÚDE MENTAL, 7.; ENCONTRO DE ESPECIALISTAS EM ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA, 6., 2002. Ribeirão Preto, SP. **Programa e resumos...** Ribeirão Preto: Scala, 2002b. p.135.

_____ Aspectos da auto-estima de crianças e adolescentes em situação de rua: reflexões para o cuidado em Enfermagem. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde.** Maringá, v.3 n.3, p.233-242, set/dez, 2004.

OLIVEIRA, N. S., MEDEIROS, M.; MESSIAS, D. K. Meninas com história de vida na rua: um olhar das transições. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 57., 2005. Goiânia. **Anais...** Goiânia: Associação Brasileira de Enfermagem, 2005. 1 CD.

OLIVEIRA, N. S., OLIVEIRA, N. F.; MEDEIROS, M. Enfermagem: cuidado com crianças e adolescentes em situação de rua. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

ENFERMAGEM, 57., 2005. Goiânia. **Anais...** Goiânia: Associação Brasileira de Enfermagem, 2005. 1 CD.

OLIVEIRA, Z. M. **O fenômeno da violência contra a mulher: subsídios para (re) pensar a prática do enfermeiro.** 2000. 134p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Enfermagem, Universidade do Rio de Janeiro, Jequié - BA. 2000.

OREM, D. E. **Modelo de Orem:** conceptos de enfermería em la práctica. Savannah: Masson-salvat Enfermería, 1993.

OSÓRIO, L C. **Adolescente hoje.** 2ª ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 103 p.

PASCOLAT, G. Violência no lar contra a criança. **Educar em revista**, Paraná, V15, 1999. <www.educaremrevista.ufpr.br> Acesso em: 11 ago.2005.

PATERSON & ZDERARD L.T. **Humanistic Nursing.** New York; National League for Nursing, 1988.

PATRÍCIO, Z. M. A prática de cuidar-cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfermagem de enfoque sócio cultural. *In:* HIRATA, M. C. **Jardineiros sem flores:** o cuidar-cuidado com o adolescente não cidadão na perspectiva da cidadania. 1995. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1995.

PENNA, L. H. G.; SANTOS, N. C.; SOUZA, E. R. A produção científica sobre violência doméstica na área da Saúde Pública. **Revista de Enfermagem Uerj**, 12:192-8, 2004.

PERES, V. L. A. **Famílias de crianças em situação de rua:** modos de vida, relacionamento familiar e práticas educativas. 1997. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de educação, Universidade Federal de Goiás, Goiás.

_____ Concepções de família em população de periferia urbana. *In:* SOUZA, S. M. G. (org.) **Infância, adolescência e família.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2001. p. 217 - 230.

PONTES, M.R. **Irmã Dulce dos pobres**, 15. Fortaleza: Banco de Nordeste do Brasil, 1999.190p.

RAFFAELLI, M. Crianças e adolescentes na rua na América Latina: Artful Dodger ou Oliver Twist. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 9, 123-128, 1996.

REINALDO, A. M. S. **Conhecendo o itinerário terapêutico em saúde mental pela história oral de vida do paciente psiquiátrico**. 2003. 113p. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2003.

REMEN, R. N. (Trad. Denise Bolanho). O paciente como ser humano. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1993.

RIZZINI, I.; BARKER, G.; CASSANINGA, N. Políticas sociais em transformação: crianças e adolescentes na era dos direitos. **Educar em revista**, Paraná, V15, 1999. <www.educaremrevista.ufpr.br> Acesso em: 11 ago.2005.

RIZZINI, I.; RIZZINI, I. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2004. 94 p.

RIZZINI, I.; SILVA, N. C. R. Direitos humanos e direitos da criança e do adolescente: reflexões sobre desigualdades sociais e a questão dos "meninos de rua". In: SOUZA, S. M. G. (org.) **Infância e adolescência: múltiplos olhares**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003. 172 p.

RODRIGUES, L. B. **De pivetes e meninos de rua - um estudo sobre o Projeto Axé e os significados da infância**. Salvador: EDUFBA, 2001. 129 p.

ROGERS. C. R. Trad. Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. **Tornar-se pessoa**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROSA, M. D. O discurso e o laço social dos meninos de rua. **Psicologia USP**, V10, n2. São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.Br/scielo.php?script=sci_Arttext&pid=S0103-6564...> Capturado em: 03/11/2004.

ROSEMBERG, F. Estimativa sobre crianças e adolescentes em situação de rua: Procedimentos de uma pesquisa. **Psicologia: Reflexão e crítica**, 9,21-58. 1996.

ROSSATO, G. E. **Menin@s de rua**: quem são, quantos são, como são, como vivem. Maringá, PR: Massoni, 2003a. 155 p.

_____ **Menin@s de rua**: representações e políticas. Maringá, PR: Massoni, 2003b. 146 p.

SAITO, M. I.; SILVA, L. E. V. **Adolescência**: prevenção e risco. São Paulo: Editora Atheneu, 2001.

SANTANA, J.S.S. **Saúde – doença no cotidiano de meninos e meninas de rua**: ampliando o agir da enfermagem. 1998. 283f. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1998.

SANTANA, J.P. **Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua**: objetivos atribuídos por seus dirigentes e pelos jovens atendidos. 2003. 123 p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

SANTOS, E. C.; KOLLER, S. H. Brincando na rua. In: CARVALHO, A. M. A.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R. **Brincadeira e cultura**: viajando pelo Brasil que brinca. Belém do Pará & São Paulo: UFPA & Casa do Psicólogo, 2002. (Bichara. Vol. 1)

SHIATORI, K.; FIGUEIREDO, N, M. A.; PORTO, F.; SILVA, C. S. I.; TEIXEIRA, M. S. O sentido de ser Humano: uma base reflexiva. **Revista de Enfermagem da UERJ**. V, 11; n, 2, p. 212-216.

SILVA, A. S.; REPPOLD, C. T.; SANTOS, L. C.; PRADE, L. T. SILVA, M. R. ALVES P. B. e KOLLER, S. H. Crianças em situação de rua de Porto Alegre: um estudo descritivo. **Psicologia: Reflexão e crítica**, 11, 441-447, 1998.

SILVA, M. J. P. **O amor é o caminho**: maneiras de cuidar. São Paulo: Editora Gente, 2000.

SMOLLAR, J. Homelles youth in the United States: description and developmental issues. **New directions for Child and adolescent development**, 85, 47-58, 1999.

SOUZA, S.L. **A violência vivenciada por adolescentes trabalhadores(as) de rua**. 2.000. 139. f. Dissertação (Mestrado em enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2.000.

SOUZA, S. M. G. (coord.) **O significado de infância, educação e violência para pais que cometeram violência física contra filhos**. Goiânia: Ed. da UCG, 2001.146p. (Série Atualidades, 2).

SOUZA NETO, J.C. **Crianças e adolescentes abandonados**: estratégias de sobrevivência. 2a ed. São Paulo: Arte Impressa,2002. 191p.

TAQUETTE, S.; VILHENA, M.; SANTOS, U.; SANTOS, F. Ocorrência de abuso sexual e risco de doenças sexualmente transmissíveis: um estudo transversal com adolescentes. **Revista de Enfermagem UERJ**, 12:76-82, 2004.

TRAVERSO-YÉPEZ, M.A.; PINHEIRO, V.S. Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. **Psicologia Social**. Dezembro, 14 (2):133-147, 2002.

VENDRUSCOLO, T.S. **Políticas e prioridades políticas**: a experiência de Ribeirão preto no atendimento à criança e ao adolescente, vítimas de violência doméstica. 2004. 291f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

VIEIRA, D.; MARTINS, C. S.; FERRIANI, M. G. C.; NASCIMENTO, L. C. Caracterização da violência física contra crianças e adolescentes. **Revista de Enfermagem UERJ**, 12:306-11, 2004.

WALL, M. L. **Tecnologias Educativas**: subsídios para a assistência de enfermagem em grupos. Goiânia, AB, 2001. 120 p.

WALDOW, V. R **Cuidado humano**: O resgate necessário. 3a ed. Porto Alegre: Sagra – Luzzato, 2001. 202 p.

_____ **O Cuidado na saúde:** as relações entre o eu, o outro e o cosmos.
Petrópolis, RJ: Vozes 2004. 237 p.

_____ **Estratégias de ensino na Enfermagem:** enfoque no cuidado e no pensamento crítico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.133 p.

- ANEXO 1

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG _____

CPF _____ abaixo assinado concordo em participar da pesquisa O Resgate de meninas com experiência de vida nas ruas: Acolhendo e despertando vida numa Pedagogia Educativa, como sujeito. Fui devidamente informada(o) e esclarecida(o) pela pesquisadora Normalene Sena de Oliveira, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local e data _____

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Nome e Assinatura do Pesquisador responsável _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecido sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

Assinatura _____

Nome: _____

Assinatura _____

Observações complementares.

- **ANEXO 2**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: O resgate de meninas com experiência de vida nas ruas: Acolhendo e despertando vida numa Pedagogia educativa.

Pesquisadora Responsável: Normalene Sena de Oliveira

Orientador: Profº Drº Marcelo Medeiros.

ESCLARECIMENTO

Estamos realizando uma pesquisa sobre o resgate de meninas com experiência de vida nas ruas, junto a uma Instituição que atua neste processo na rua, na Instituição de desintoxicação, casa abrigo e encaminhamento para casa própria e mundo do trabalho, numa Pedagogia Educativa.

Queremos identificar a ação pedagógica da Instituição, as motivações desta população e o processo vivenciado na busca de novas formas de vida.

Para isso, precisamos que vocês nos permitam coletar dados da história de vida neste contexto. Assim estamos lhe convidando para participar da referida pesquisa, o que seria muito importante para alcançarmos nossos objetivos.

A participação é voluntária, sendo que você pode recusar-se a participar ou interromper a sua participação em qualquer momento da pesquisa, sem que lhe cause prejuízos.

Garantimos que a sua participação não lhe trará riscos, prejuízos, desconfortos ou lesões que a pesquisa possa provocar. Todas as informações que você nos fornecer serão utilizadas sem que você seja identificado(a), ou seja, as suas informações ficarão anônimas, e serão usadas somente para os fins da presente pesquisa.

Caso você, seus pais, ou responsáveis tenham dúvidas e necessitem de maiores esclarecimentos, colocamo-nos à disposição no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Integral da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (NEPSI-FEN/UFG), ou pelos telefones: 3211-3097 e 3218-2070.

Este projeto dará origem a minha dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás – FEN – UFG. Desde já nosso agradecimento.

Normalene Sena de Oliveira
Pesquisadora Responsável.

- ANEXO 3

INSTRUMENTO NORTEADOR PARA COLETA DE DADOS

1. Dados de Identificação (nome, idade)

2. História de vida

- Conte-nos de onde você veio, e como você foi parar nas ruas, como era viver na rua e porque procurou sair.
- Conte-nos sobre a sua vida no abrigo, o que existia naquele espaço e como você se percebia naquele local (vivência na Instituição).
- Qual o seu relacionamento familiar hoje? Quem é sua família?
- A que você atribui a sua recuperação, isto é a saída da rua, permanência em uma casa abrigo e posteriormente a constituição de sua própria família, inserção no mercado de trabalho, etc.
- Depois de sua saída da Instituição, quais foram as experiências mais marcantes, entre desafios, vitórias e dificuldades enfrentadas?
- Apresente-nos um pouco das suas expectativas, seu projeto de vida, pós Instituição.
- A que fatores você atribui a sua “recuperação”social? O que isto significa para você?
- Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Apresentamos apenas algumas questões norteadoras, pois a linguagem e o relato da história de vida será de acordo com a predisposição e compreensão de cada pessoa entrevistada.